5

Irmãos ou textos escolhidos

TC SILVA faz a dança do oreu, após a vitória do Botafogo sobre o Fluminense por 1 a 0, gol dele, e a conquista da Taça Rio

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

1970 – Neste ano viro homem: 1970

Se em 1964 viro gente, ou melhor, não vou dar uma de Herodes, deixo de ser criança pequena, 1970, agora aos 13 anos, tudo muda. Nos dias de 1990 e 2000 já se virava gente aos doze e mulher aos onze. Virar gente é pensar que pode ter os direitos de foder ou de ficar bem sacaninha, de achar que sabe mais, de namorar sério, de experimentar os proibidos.

Ia batendo punheta desde 68: o *Ano que não terminou*[58], quando minha mãe chegou ao quarto e disse feliz que Jorge Miranda Jordão havia sido solto, e, completamente sem graça, eu implorava aos deuses que fizessem meu pau baixar, pois queria correr para a sala e corri, ainda não tinha baixado tudo, o pijama era fino e enquanto ia rindo e falando com o Jorge, o medo era que notassem o pequeno bruto.

Para crianças, naquele momento, não se falava de tortura. Já sabia que havia tortura, e Jorge, se tivessem me dito, pareceria ainda mais herói. Eram necessários os heróis, naquele momento (mesmo que nem herói ele fosse), que desafiassem a ditadura. Falou que o problema era as ratazanas, enormes. Desconfiei que ele e ela trocaram um olhar cúmplice e, depois, tempos depois, soube que realmente havia sido torturado e que havia protegido Thereza dizendo que ela era esquerda festiva, socialite, o que para a repressão parecia ser a mesma coisa. Eu possuía "La Passionária" boêmia em casa. Eles cantaram a Internacional, ela gritou pela sua dama espanhola, o uísque rolou e fui dormir desconfiado, aliviado e feliz.

Nesse ano viro homem.
Desconfiado.

[58] Livro de Zuenir Ventura.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Sábado, 8 de março de 2008 O GLOBO OPINIÃO • 7

ZUENIR VENTURA

Uma foto na parede

Álbum de família

Não há nada melhor do que livro e nada pior do que limpá-los e rearrumá-los na estante. Estou passando por essa penosa experiência, com a agravante de ter que me desfazer de muitos. O espaço do escritório encolheu e tivemos de escavar a parede para encaixar prateleiras; ainda assim não dá. Mesmo sabendo que o excedente está indo para outras bibliotecas, algumas públicas, a sensação de perda não é menor. É uma escolha de Sofia: este ou aquele? A tendência da construção civil parece que é expulsá-los de casa. Os prédios novos oferecem de tudo — home theater, sala de música, de malhação, de meditação — menos lugar para livro. Já escrevi chamando de "inteligente e letrado" um edifício que oferecia essa raridade: um espaço para os moradores lerem. E dizer que houve um tempo em que uma estante em casa cheia de exemplares — não de DVDs — era sinal de status cultural e até social.

Mas voltando à arrumação. O consolo é que no meio da confusão, encontrei, e já pendurei na parede, uma foto histórica, memorável, afetiva, cuja originalidade reside no fato de que o principal personagem dela não está presente — a não ser em fotografia também. Na primeira fila agachados, aparecem, da esquerda para a direita, Sergio Augusto, Antonio Pitanga, Ziraldo (esparramado), Darwin e Guguta Brandão. À esquerda, em pé, Cacá Diegues, tendo ao lado a foto do ausente. Sentados, Mario da Silva Brito e Mario Lago. Na outra fila, Tereza Aragão, Bete Mendes, Mary Ventura, Neném Werneck, Mario Cunha, Teresa Cesário Alvim. Mais atrás, eu, Osvaldo Loureiro, Leon Hirszman e Arnaldo Jabor (estes dois, mesmo esticando o pescoço, só conseguem mostrar metade do rosto).

Ao contrário da fotografia de Itabira do Drummond, esta não dói, dá até alívio, porque fala de um tempo que é melhor esquecer. É de 1976, e o ausente é o poeta Ferreira Gullar, então exilado em Buenos Aires, onde escreveu "Poema sujo". Proibido de vir lançar o livro, seus amigos promoveram uma inédita noite de autógrafos — sem autógrafos. Era uma forma possível de protesto. Gullar contou depois numa entrevista que o poema, levado ao general Golbery, teria provocado a seguinte reação: "Isso é uma obscenidade, esse poeta é um pornógrafo!" Mas ele não se opunha à sua volta ao Brasil. Teria, no entanto, que falar com o chefe do SNI. "Segundo informações que recebi em Buenos Aires", conta o poeta, "Figueiredo teria declarado: 'não quero este comunista aqui'."

Um ano depois, no dia seguinte ao seu retorno, Gullar foi preso e interrogado durante 72 horas. Uma das ameaças era que seu filho Paulo, em tratamento psiquiátrico, seria seqüestrado. Houve uma grande movimentação de jornalistas e intelectuais, e ele acabou sendo solto.

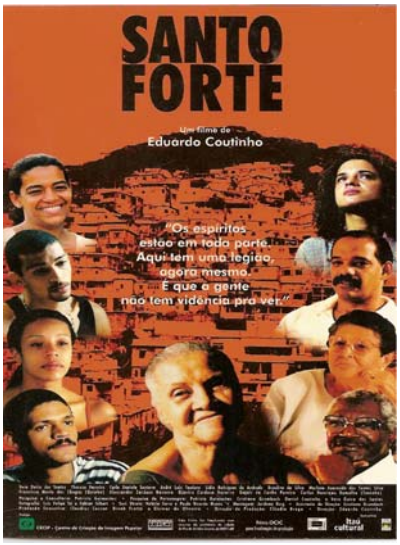
Gullar relembra: "Ao receber essa foto em Buenos Aires, decidi, comovido: 'vou voltar'."

HB

A análise dos movimentos culturais, mais precisamente dos movimentos artísticos, do gosto das classes sociais com acesso à informação e ao poder político dominante, tem em Heloisa Buarque de Hollanda a mais criativa e sistemática pensadora e ativista no Rio de Janeiro nas décadas de 60 e 70. Seus livros *Impressões de Viagem*, a coletânea *Patrulhas ideológicas*, seu ensaio *Anos 70 - Literatura* e sua antologia *26 poetas hoje*, formam um conjunto elegante e inteligente e apontam caminhos que um pensador, um acadêmico, pode seguir, em cima do momento histórico, para daí curvar outros desenhos. Ela representa, de maneira generosa e talentosa, a voz dos vencedores sob a perspectiva de 2008. Naquela época o seu pensamento não simbolizava o poder constituído. Vivíamos na ditadura militar. Hoje, na verdade foi semana passada, numa fala sobre a Universidade em 1968, Heloisa corajosa, mas desiludida, compara a efervescência dos anos sessenta com a cena contemporânea, dado o pragmatismo do estudante e das faculdades focados no Mercado, a pensadora vê a atual efervescência transferida para as ONGs. Gosto de Heloisa até quando erra: Darcy sempre reclamou dos professores que fingiam ensinar e dos alunos que fingiam aprender, na cumplicidade medíocre visando apenas a diploma e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

salário. Acho que Heloisa deveria se aposentar da UFRJ e ficar apenas na Editora Aeroplano, no seu site e em sua ONG. É corajoso e vergonhoso pensar a Universidade sem força de renovação. A efervescência de pensamento é Santo Forte. Heloisa falava rapidamente para um público específico. No PAC, lá na UFRJ, Helô vibra como uma garotinha. As ONGs, principalmente quando funcionam, têm um papel importante, porém o local da "anti-elite", protegida para pensar, na Academia, não pode ser menosprezado. O texto do Luis Andrade mostra isto. Mas, de qualquer forma, foi bom o toque da HBL. Zarvoleta, que está deixando de ser por de mais bonzinho, abriu o instituto CEPensamento e espera contar com o apoio de H. B. de H. Zarvoleta e suas asas azuis para todos os lados, com colibris, pintassilgos, canarinhos, patos, gansos e galinhas pousam em local de independência e criatividade. Os alunos vão ter de ler e de achar alguma coisa diferente de seu penetrável professor.



Darcy Ribeiro (no exílio) e Celso Furtado já desenvolviam uma explicação política e econômica profunda para os descaminhos e apontavam soluções de alto alcance para os problemas brasileiros. Mas pensar o CEP 20.000 como movimento artístico, e dar-se a liberdade de escrever enquanto a ação se dá, com uma liberdade quase jornalística, é percurso facilitado por Heloisa. Escrevo para vários ETs, ou um só, que, daqui a 30 anos, como refaço agora com os livros de Heloísa Buarque de Hollanda, vai poder ver ondular o escrito entre o pensamento em tempo real dele e o meu tempo atual. Cito Heloisa para também chamar a atenção para seu posicionamento político. Era a época da anistia e da volta dos exilados, momento em que se utilizava, erroneamente, o termo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

GERALDO CARNEIRO:

Caro Guilherme,

Em 72, eu já havia escrito pelo menos umas cinqüenta canções e duas dezenas de poemas. Pra mim, é um ano cabalístico, porque foi em 72 que escrevemos, Egberto Gismonti e eu, nossa primeira canção, chamada Água &Vinho. Depois vieram outras quarenta. Não imaginava que um dia me dedicaria à dramaturgia, embora, nesse mesmo ano 1972, nós dois novamente tivéssemos escrito canções para a peça Encontro no Bar, escrita por nosso amigo Bráulio Pedroso. Acontece que o Astor Piazzolla escutou em Buenos Aires as primeiras canções que eu tinha escrito com Egberto, e me chamou, através da Nana Caymmi, para fazer canções com ele. Em seguida, o Astor me convidou para escrever o libreto e as letras de um musical sobre Evita Perón. Foi a minha primeira experiência dramatúrgica, passei quatro meses em Roma trabalhando nela diariamente com Piazzolla. Na volta, Bráulio me pediu o texto para ler e me convidou para escrever com ele um musical inspirado na vida de Carmem Miranda, encenado em 1979,com música de John Neschling, direção de Antonio Pedro e elenco capitaneado por Lucélia Santos, Nei Latorraca e Grande Otelo.Foi minha segunda experiência dramatúrgica.Nesse meio tempo, em 1974, publiquei meu primeiro livro de poemas, chamado Na Busca do Sete-Estrelo. Eu tinha entrado para a PUC, em 72, e me aproximei do Cacaso, nosso professor de Teoria da Literatura. O Cacaso propôs a mim e ao João Carlos Pádua que fizéssemos uma coleção de livrinhos de poesia, a que, casualmente,dei o nome de Frenesi, chupado no nome de um filme do Hitchcock. O Cacaso chamou o Francisco Alvim e o Roberto Shwarz (que morava em Paris, escrevendo uma tese magnífica sobre Machado de Assis) para completar o nosso time e assim compusemos a nossa galera. Exatamente por ter a poesia como atividade central da minha vida, fui chamado para traduzir A Tempestade, do Shakespeare,em 1981, pelo grupo Pessoal do Despertar, do qual faziam parte vários atores que se tornariam meus amigos e/ou colaboradores,como Maria Padilha, Miguel Falabella e Daniel Dantas. O texto foi encenado em 82 e 83, com grande repercussão, no Parque Lage.Foi uma farra, ganhamos um bom dinheirinho e fomos felizes por dois anos. Nunca houve cobranças ideológicas por parte de meus amigos poetas. As atividades – a música, a poesia, o teatro ou a dramaturgia televisiva – sempre se harmonizaram.

Em suma, creio que nunca houve incompatibilidade entre essas diversas linguagens. Mesmo porque nós, artistas contemporâneos, muitas vezes nos alimentamos da multiplicidade, da heterogeneidade, da diferença. Acredito que, hoje, sejam raros os escritores a quem não seduzam as sereias da música, do cinema e das artes plásticas.E confesso que cultivo o sonho já tantas vezes sonhado de procurar uma linguagem atual capaz de reunir a poesia e a dramaturgia. Pode ser um anacronismo ou uma excentricidade, mas se as musas conspirarem a favor, como dizia o filósofo Ibrahim Sued, Gigi eu chego lá.

grande abraço, Geraldo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

DEU NO JORNAL[59]

Condenados à morte são principal fonte para transplante. Desde 1° de julho, o comércio de órgãos humanos foi tornado ilegal pelo governo da China. (...) Mas o comércio continua, estimulando uma ativa indústria de execuções penais e de transplantes, segundo a entidade de defesa de direitos humanos Anistia Internacional.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

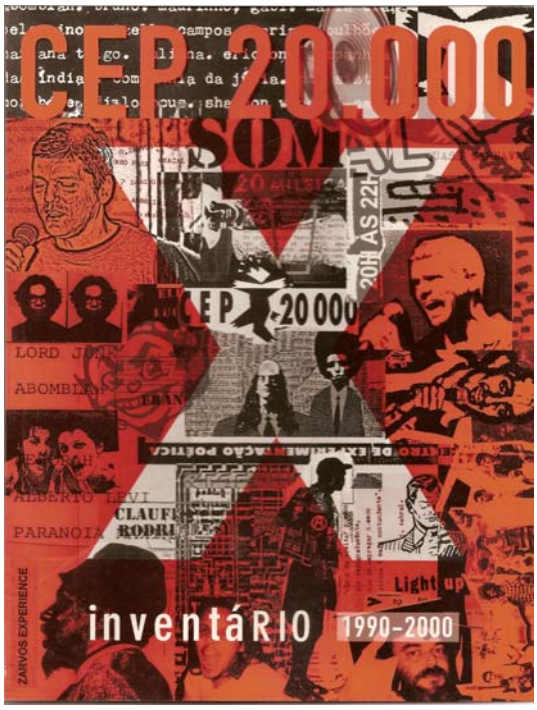
"crise do populismo" para definir um período tão mais complexo. Ao mesmo tempo, Heloisa Buarque emprega termos mais avançados, como "modernização reflexa" que pode ser bem entendido no livro *Os Brasileiros*, de Darcy Ribeiro. O pai, mais canônico – "toma que o filho é teu" – no Brasil, da utilização deste termo populismo, que serve mais para confundir do que para explicar é o Francisco Weffort. Era um teórico sofrível ligado ao PT e que depois virou um mais sofrível ainda Ministro da Cultura do Governo Fernando Henrique Cardoso. Marilena Chauí, teórica também ligada ao PT, utilizava o termo com mais largueza. Desconfie de quem sai dizendo que Lula, Garotinho, Jango, Nestor

[59] Jornal O Globo, pág 56 O mundo 3ª edição – Domingo, 29 de outubro de 2006.

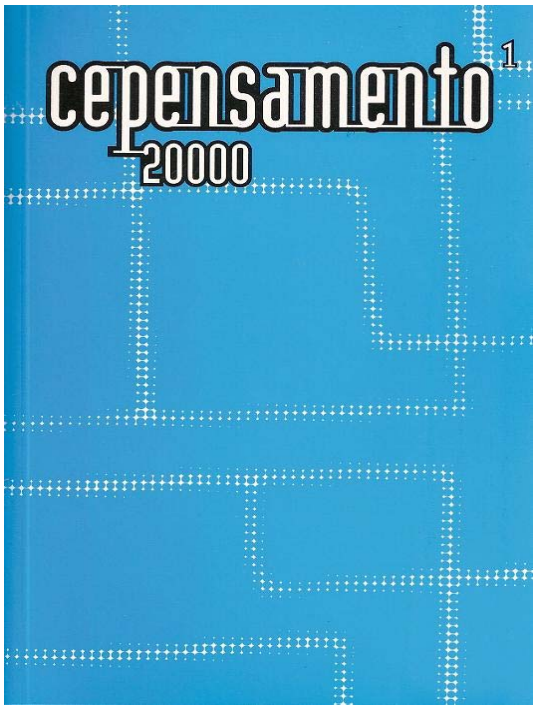
Kirshner, Chaves, Jânio Quadros, todos são populistas. O argumento é que os projetos políticos desses tão díspares líderes são direcionados à população sem uma articulação com os movimentos organizados e com partidos políticos fortes. Prefiro utilizar projetos populares para Jango, Lula, Kirshner e Chaves (se bobear algum teórico do rame-rame populismo vai incluir até o Allende), todos diferentes porque tudo é sempre diferente; mas populismo, atualmente, seria os projetos que prometem algum benefício para o povo e nenhuma intenção de mudança da realidade do país e aí, citaria Adhemar de Barros, Jânio Quadros, Garotinho e tantos mais como realmente populistas. Tinha um populista que queria ser visto como liberal, ACM na Bahia. Intelectuais muitas vezes empregam conceitos para facilitar a definição do que não estão com vontade de explicar e prejudicam o entendimento dos futuros leitores que vão incorporando a expressão que já vem de conjunturas tão distintas, como a dos Populistas na Rússia, com posições contrárias ao iniciante Bolchevismo, que, após a vitória, acabaram por dar um ar pejorativo às propostas progressistas do Partido Populista. Com o passar do tempo, o teor negativo do termo foi difundido para o mundo inteiro através de políticos, intelectuais e professores universitários.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Beijo para Sônia Barreto.



Beijo para Dri Simões.



Convites

F 62

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

PALOMA VIDAL:

Arte e literatura como sinais de vida

Em 1979, formou-se em Santiago do Chile o grupo CADA (Colectivo Acciones de Arte). Integravam o grupo os artistas plásticos Juan Castillo e Lotty Rosenfeld, o poeta Raúl Zurita, o sociólogo Fernando Balcells e a escritora Diamela Eltit. Um pouco antes, Eltit começara a escrever seu primeiro romance, *Lumpérica,* publicado em 1983. Gostaria de examinar nas próximas páginas em que medida e de que maneira ocorrem cruzamentos entre esses dois trabalhos: o da escrita, com seus desdobramentos performáticos, e o coletivo, ambos intervenções políticas que partiram de ocupações diferentes da cidade.

Para Eltit, assim como para os demais integrantes do CADA, a discussão sobre a função da arte sob ditadura não podia ser desvinculada de uma discussão sobre os meios de intervenção artística. Sua posição se definiu, como observou Nelly Richard[1], por uma radicalização da experimentação como estratégia de interferência no poder ditatorial, no lugar das formas mais transparentes de contestação. Intuía-se que interferência não deveria visar um choque direto com o regime, como foi o caso de alguns grupos artísticos que tiveram que passar para a clandestinidade, mas, estrategicamente, fazer uso da região cinzenta entre o proibido e o autorizado, procurando, por um lado, não cair na armadilha da autocensura que essa indefinição tendia a promover e, por outro, não ser apropriado por uma oficialidade que buscava criar uma zona de consenso que incluísse o máximo de obras e artistas, para assim "neutralizar seu coeficiente crítico" (RICHARD, 1986: 125). Nesse sentido, procurou-se sair dos moldes estéticos que pudessem ser facilmente enquadrados pelo regime, o que gerou "obras" de caráter híbrido, que faziam uma fusão entre poesia, performance, literatura, instalação, vídeo etc.

Para além, no entanto, das questões de censura e autocensura, a opção por essas formas híbridas derivava também de uma determinada compreensão do que estava em jogo na situação vivida no Chile, compreensão que a *posteriori* poderíamos chamar de biopolítica. Muito mais do que uma guerra ideológica entre duas partes, um conflito que uma arte engajada poderia ajudar a vencer, tratava-se de uma indistinção radical entre política e vida, que possibilitava ao regime ditatorial decidir, sem punição alguma, quais vidas mereciam ser vividas e quais podiam ser exterminadas. Diante disso, a arte deveria ser uma "experiência coletiva de apropriação da vida"[2] ao invés de uma defesa desta ou daquela ideologia. A palavra "vida" atravessa todos os textos do CADA, sempre lado a lado com a idéia de uma arte que não se limite às fronteiras que tradicionalmente lhe foram impostas, confrontando-se com a necessidade presente de sair para a rua e recuperar territórios de convivência interditados pela ditadura. Por sua vez, o trabalho individual de Eltit se produz em torno de um corpo que, sendo ao mesmo tempo espaço subjetivo e social, se torna um material estratégico na constituição de uma política da escrita voltada para os excedentes do poder. Em ambos, o objetivo é levar a arte e a literatura para a rua, extraindo-a de seus lugares tradicionais, o museu e o livro, para fazê-la intervir na organização social imposta, através do controle da circulação urbana e da individualização das práticas cotidianas, pela ditadura.

O CADA se formou em torno do que o grupo chamou de "ações de arte". Sua primeira ação, intitulada "Para no morir de hambre en el arte"[3], foi realizada em várias etapas em outubro de 1979: a ação se iniciou com a entrega de cem sacos de meio litro de leite aos habitantes de uma comunidade carente de Santiago; em seguida, esses mesmos sacos foram distribuídos a artistas para que os usassem como suporte para obras que posteriormente seriam exibidas numa galeria; no mesmo dia da distribuição, foi publicado, numa página da revista *Hoy*, de circulação massiva, um breve texto sobre a ação, e um outro, intitulado "No es una aldea", foi transmitido por alto-falantes nos cinco idiomas oficiais das Nações Unidas em frente ao prédio

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

da CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe), em Santiago; também nesse dia, sessenta bolsas de leite cheias foram colocadas numa caixa de acrílico junto com uma cópia da fita com a gravação do texto emitido na frente do prédio da CEPAL e com um texto que dizia "para permanecer até que nosso povo aceda a seus consumos básicos de alimentos/ para permanecer como o negativo de um corpo carente, invertido e plural", ação realizada simultaneamente em Santiago, Toronto e Bogotá; os sacos de leite sobre os quais diversos artistas trabalharam foram posteriormente expostos no Centro Imagen, onde foi realizado um debate sobre a ação.

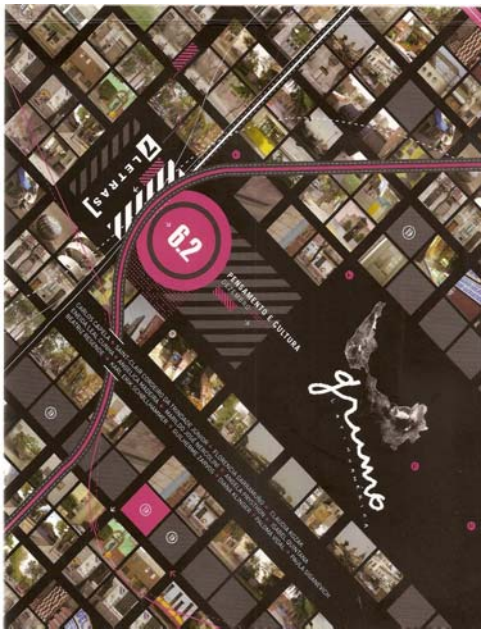
A ação se desdobra em torno do leite, elemento vital e também referente histórico, já que remete a uma campanha da época do governo de Salvador Allende chamada "1/2 litro de leite", cujo objetivo era que cada criança chilena tivesse acesso a essa o leite passa a alimento simbólico, remetendo aos diferentes níveis de opressão e carência do presente e simultaneamente resgatando a memória de um tempo passado que pretende ser apagado. Levado a regiões marginalizadas, ele não só reproduz o gesto inclusivo do governo de Allende, reabrindo circuitos obturados pela ditadura, mas também, dentro do novo contexto, resignifica a função da arte, sugerindo a possibilidade de que ela seja uma produção coletiva de formas de vida exteriores ao poder ditatorial.

"Foi a combinação do artístico e do social que gerou muitas possibilidades" (NEUSTADT, 2001, 66), conta Juan Castillo. Nos depoimentos sobre o grupo, os integrantes enfatizam sempre essa duplicidade. "O que uniu de imediato", ressalta Lotty Rosenfeld, "foi a idéia de conectar arte e política através da exploração de novas linguagens, expandir a idéia de suporte artístico" (49). Interrogar e revisar questões estéticas do processo criativo para assim elaborar uma intervenção política. Realizar uma crítica dos meios e instituições tradicionais da arte, incorporando essas críticas de forma a dar-lhes um sentido político. Nessa duplicidade, entre experimentação e intervenção política, definia-se a ação de arte como procedimento de ocupação do espaço público com os meios precários disponíveis. Numa tensão entre os discursos neovanguardistas internacionais, que declaradamente influenciaram o grupo, e a marginalidade e a escassez de sua condição local, surge uma linguagem que mistura formalização e contingência.

As ações eram planejadas detalhadamente[4], como costumava acontecer nos primeiros *happenings* e performances surgidos no final dos anos 50[5]. A influência desses movimentos no CADA é evidente na concepção da obra não mais como objeto a ser integrado ao museu, mas como ação fragmentada em várias etapas, mobilizando várias pessoas, artistas e não-artistas, descentralizando a figura do produtor, que agora é apenas mais um integrante do coletivo, e combinando várias linguagens, da poesia ao vídeo, passando pela música, a pintura, a fotografia. O uso do vídeo, especificamente, é atribuído à influência de Wolf Vostell, que incorporou televisões ao seu trabalho no início dos anos 60. No trabalho do CADA, o vídeo será utilizado para registrar as ações que, como tais, não são repetíveis, sendo que o material filmado é em si uma obra que pode ser reciclada e se tornar um fragmento de uma nova obra, servindo como memória de uma ação que não acontecerá mais e, ao mesmo tempo, como material que poderá ser reutilizado em outra obra, numa espécie de reciclagem que ganha importância fundamental quando se está "fora de possibilidades de permanente 'renovação de estoques' ou retirados de toda noção de 'esbanjamento', algo assim como a metáfora das vestimentas da gente pobre do nosso país que passam por uma sucessão de pessoas até sua destruição"[6].

Se o grupo dialoga com o *happening* e a performance, ele também deve declaradamente ao tipo de trabalho de intervenção urbana realizado pelas brigadas muralistas da época de Allende. Para além do gesto político de declarar sua ligação com esses grupos, a utilização do espaço público como principal suporte sem dúvida foi inspirado por uma experiência que teve muita importância antes e durante o governo da Unidad Popular. No caso das brigadas, como a Ramona Parra e a Elmo Catalán, tratavam-se de mensagens políticas simples e diretas. Em grandes murais coloridos, pintados sobretudo em regiões periféricas da cidade, fazia-se propaganda política através de mensagens didática que buscavam uma "consciência revolucionária". Artistas que não eram artistas participavam da execução dos murais anônimos, num movimento coletivo cujo procedimento consistia em se reunir algumas horas antes da ação para planejar o que seria feito e onde, plano que depois era executado por um grupo de uma dezena de "companheiros".

Há algo, sem dúvida, desse caráter maximalista e utópico das brigadas no trabalho e no discurso do CADA, combinado com uma estética e uma elaboração teórica mais sofisticadas. Tal confluência foi assinalada por Richard, que vê na sobrevivência no grupo de uma fusão entre arte e vida um resquício dos ataques vanguardistas às instituições e, entre arte e política, uma retomada ingênua da militância revolucionária de esquerda[7]. No entanto, quando nos detemos nas ações do grupo, vemos que os ataques às instituições se dão num contexto de crítica à atomização dos campos promovida pela ditadura como estratégia de controle e disciplinamento e que o discurso político, por sua vez, emerge sempre acompanhado de uma proposta formal que envolve a noção de arte não como veículo de uma determinada ideologia política, como costuma ser na arte militante, mas como um tipo de intervenção urbana de dimensões metafóricas muito mais amplas, como no caso dos desdobramentos gerados pelo significante "leite". Há um caráter emergencial e contingente nas ações do CADA que não parecem refletir "uma concepção finalista da história tomada como percurso linear e marcha evolutiva em direção à plenitude de um resultado" (RICHARD, 1994, 44). Elas são, afinal de contas, na contramão de uma leitura vanguardista, "sinais de vida" (THAYER, 2004, 9)[8].



beijo para Isadora. F 63

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

CHACAL

F 64

Corria o ano de 1990. Era abril, talvez maio. Eu vagava pelo mal assombrado pátio interno da Escola da Comunicação da UFRJ, na Urca. A convite de alunos, tentava fazer um recital e vender alguns livros. O tempo era de vacas esqueléticas. Collor, recém eleito, confiscara a poupança. O mercado se retraíra ao osso. Minha língua seca não conseguia atrair nenhum incauto inquieto para degustar o verbo. Eu dava voltas e não saia do lugar. Corta.

Guilherme Zarvos, escritor inédito então, economista político e ativista da cultura, entrava pelas portas da rua, para promover um evento chamado Terças Poéticas, na Faculdade da Cidade. Ele vinha com o gás de quem tem ouro nas mãos. Corta.

Sem um mínimo de audiência, com a palavra amarfanhada pelo desuso, pensei em correr dali. Talvez para o Pinel, ali do lado. Ou para o bar mais próximo. Então deu-se o encontro, que na Alquimia, chamam de Macktub. Guilherme me convidou para participar da última Terça Poética que iria versar sobre a Poesia dos anos 70. Heloísa Buarque de Hollanda, professora e ensaísta, iria fazer o painel pânico da época e eu, apresentar poemas meus e de outros vates d'então. Agradeci o convite e fomos secar uma gelada. A ECO ficou para trás.

Terças Poéticas

Essa idéia de gênio de Guilherme Zarvos era o seguinte: a cada terça ele chamava um nome de renome para falar sobre algum poeta ou movimento. Então Ferreira Gullar falou sobre Augusto dos Anjos. Silviano Santiago discorreu sobre o Carnaval em Bandeira, Oswald e Mário de Andrade. Antônio Carlos Secchin palestrou sobre João Cabral de Melo Neto, com a presença rara do poeta. E fechava com Heloísa falando da poesia dos 70.

Se só assim fosse, já seria o máximo. Mas Zarvos, esse argonauta, ousou mais. Depois que o sábio terminava sua arenga, Zarvos chamava ao palco, poetas da novíssima geração para bradar seus versos. Deu-se então o que em física quântica, se chama eureka: os veneráveis portadores do saber sabiam da lira brusca da nova idade e vice versa ao contrário. Na platéia, os brothers que iam ver seus xarás emitirem impropérios em forma de verso conheciam o conhecimento. Zarvos a tudo cerimoniava, com o olhar rútilo de quem encontra uma ninfa numa esquina.

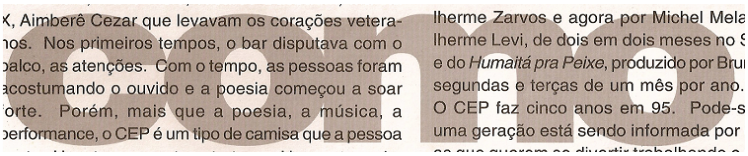
Eu, então com 40 anos, vibrava com aqueles mitos do verbo (tive o prazer de trocar palavras com João Cabral após a palestra de Secchin) e me estupecfava com a galera sangue bom que fechava o programa. Entre a novíssima guarda, estavam grupos como o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Boato, artistas saltimbancos, alunos de jornalismo da PUC e *Pó, Ética !*, turma de militantes do verbo e livres atiradores da lira como Guilherme Levi, então com 16 anos, que tremia ao falar poemas psicodélico sobre o Baixo Gávea. Senti que ali, como há vinte anos, a Poesia falava do mundo e da vida das pessoas. Algo, como na química orgânica, denominado diamante.

CEP: a Poesia propriamente dita

Da Faculdade da Cidade para o baixo era um pulo. Aí entre uma e outra cerveja, achei que o *Terças* tinha que continuar para o bem da humanidade. Ele argumentou que mesmo com o apoio do RIOARTE, era um projeto de vida curta. Nomes de renome são pessoas caras e ocupadas. Mas (olha a brecha) havia espaço para um projeto que levasse poesia ao público. O nome CEP pulou da garrafa. Era ágil, rápido, como zap. *Centro de Experimentação Poética* explicava ao resto a quem de direito. Da palavra a ação, fomos ao RIOARTE falar com Tertuliano dos Passos, então presidente do Instituto, que nos recebeu com sua proverbial fidalguia. E logo aprovou a proposta. No projeto inicial, o CEP pretendia ter três oficinas: teatro, música e poesia para dar noção de espaço, tempo de dicção para quem estivesse a fim de se iniciar nos mistérios de ser em cima de um palco. O resultado das oficinas seria mostrado num show mensal no Espaço Cultural Sérgio Porto, do RIOARTE. As oficinas, que seriam realizadas na Faculdade da Cidade, não vingaram. Mas o CEP decolou numa noite de quarta-feira de agosto de 1990. Chovia, a divulgação oficial tinha sido ruim a ponto de não ter saído nem na programação diária dos jornais. Mas às nove e meia da noite, molhadas, as pessoas começaram a chegar. Ás onze, casa cheia. Quando o chamado é forte, você vai. Eu, fui.


K, Aimberê Cezar que levavam os corações vetera-
nos. Nos primeiros tempos, o bar disputava com o
palco, as atenções. Com o tempo, as pessoas foram
acostumando o ouvido e a poesia começou a soar
forte. Porém, mais que a poesia, a música, a
performance, o CEP é um tipo de camisa que a pessoa
lherme Zarvos e agora por Michel Mela
lherme Levi, de dois em dois meses no S
e do *Humaitá pra Peixe*, produzido por Bru
segundas e terças de um mês por ano.
O CEP faz cinco anos em 95. Pode-s
uma geração está sendo informada por

Fase Heróica

Boato, Emmanuel Marinho, Guilherme Levi, Michel Melamed, Felipe Rocha, Macarrão, Bruno Levinson, *Cara do Tempo, Afax Lá, Coma, Impadinha de Jiló, Anderson Guimarães, Saliva Voadora* levavam a galera do Baixo, da PUC, a gataria. Eu chamava Tavinho Paes, Alex Hamburguer, Artur Omar, Carlos Emílio, Pedro Luís, Mano Melo, Ricardo Basbaum, Márcia X, Aimberê Cezar que levavam os corações veteranos. Nos primeiros tempos, o bar disputava com o palco, as atenções. Com o tempo, as pessoas foram acostumando o ouvido e a poesia, a música, a performance, o CEP é um tipo de camisa que a pessoa veste. Uma trama que te entretece. Uma outra pele.

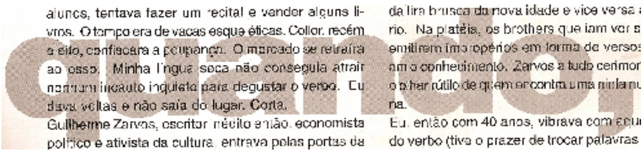
Gracias, gracias, gracias

Nesses cinco anos, muito samba, rock, funk, baião de vários, passou pelo palco do Sérgio Porto. Fausto Fawcett, Arnaldo Brandão, George Israel, Dulce Quental, Waly Salomão, João Gilberto Noll, Bernardo Vilhena, Jorge Salomão, Sérgio Serra, Ana Maria Magalhães, Rogério Skylab, Jorge Mautner, Cazé Pecini, Maurício Antoun, Diba, Eudoro

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Augusto, Seis Mãos, Barrão, Luiz Zerbini, Fernanda Abreu, Sérgio Mackler, André Costa, Márcia Thompson, *Força Aérea Brasileira*, Sônia Barreto, Tatiana Greenberg, Juca Filho, *Mulheres que dizem Sim*, Debora Colker, João Nabuco, Priscila Teixeira, Pedro Lage, Claufe Rodrigues, Nei Reis, Marcelo Paredão, Manoel Gomes, Marise Lima, *Banda Bel*, Vagabundo Sagrado, o paulista *Todos Os Que Caem*, Cafi, Zeca Araújo, Carlos Bevilácqua, Marcos Chaves, Ernesto Neto, Raul Mourão, Neide Archanjo, Maria Gladys, Bianca Remoneda, Helena Inês, Xico Chaves, Tony Costa, Mimi Lessa, Os cachorros das cachorras entre tantos, passaram por lá para experimentar entre mais de seiscentos jovens artistas. Gostaria de citá-los todos, mas o espaço é curto como a memória.

Evoé


alunos, tentava fazer um recital e vender alguns livros. O tempo era de vacas esquelééticas. Collor, recém eleito, confiscara a poupança. O mercado se retraíra ao osso. Minha língua seca não conseguia atrair nenhum incauto inquieto para degustar o verbo. Eu dava voltas e não saía do lugar. Corta.

Guilherme Zarvos, escritor inédito então, economista político e ativista da cultura, entrava pelas portas da

da lira brusca da nova idade e vice versa ... rio. Na platéia, os brothers que iam ver s... emitirem impropérios em forma de versos ... am o conhecimento. Zarvos a tudo cerimon... o olhar rútilo de quem encontra uma ... na.

Eu, então com 40 anos, vibrava com ... do verbo (tive o prazer de trocar palavras

quando,

Com o fundamental apoio do RIOARTE, essa dicção informal, sem muito rapapé, deu filhotes como *CEP Vintemilsíca* (um CEP só de música) tocado por Guilherme Zarvos e agora por Michel Melamed e Guilherme Levi, de dois em dois meses no Sérgio Porto e do *Humaitá pra Peixe*, produzido por Bruno Levinson, segundas e terças de um mês por ano.
O CEP faz cinco anos em 95. Pode-se dizer que uma geração está sendo informada por ele. Pessoas que querem se divertir trabalhando e trabalhar se divertindo. Ao RIOARTE, por fim, nossas reverências. As quatro gestões que o presidiram nesses cinco anos de CEP, tiveram a lucidez de entender a importância do projeto e de saber, com elegância, compreender alguns excessos. Arrependei-vos e rejubilaivos. O CEP vinte mil está no ar!

Beijo para Daniel Zarvos

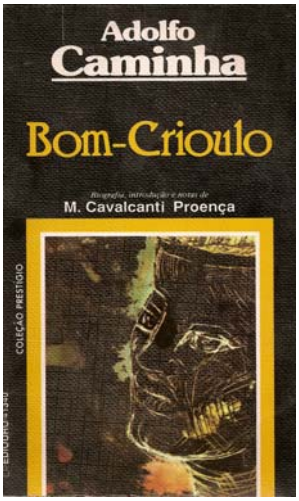
Beijo para Kiko Ramos

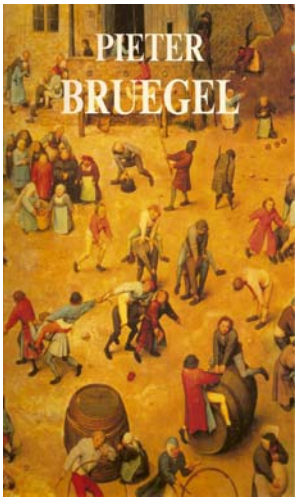
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

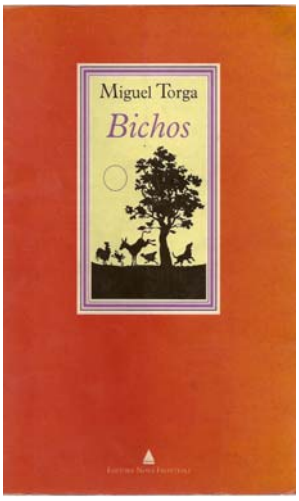
Brasília

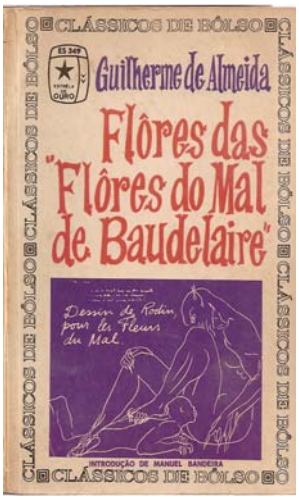
Voando ver sobre as asas de
Lúcio seguindo sua coluna vertebral
Tocando teclas nódulos e assistindo
Para além das asas as irmãs Guará e
Tabatinga. Vô vi vi Brasília brincando
De amar. Há tantos: o lutador gentil como
Um pequeno urso acariciado pela mãe
Protegendo e protegido seu amigo
Parelha o desavergonhado Fashion
Vô vi ver Fashion a estátua do belo
Magérrimo levantando seu braço
Raio Flach Gordon apontando a estrela
E seu corpo manequim
Esticando-se pois mais que estrelas
Apontava o limite do corpo heróico
Já que alguém o afrontava e seu corpo
Empinado desafiava como a solidez
De obra de Oscar ou de uma pena de
Ema todos seres do cerrado
Vô e na sala de aula modernosa USP
Ou PUC tanto faz fala-se do
Moderno autoritário de Brasília
Vô a Brasília de Juscelino de Oscar
De Lúcio e de Darcy vô pelas Super
Quadras no entardecer de um inverno
E me sento com o Denílson na UNB e
O pequeno urso, o Grosseiro, o inseparável
Fashion e seus mais sete ou nove amigos
Que andam soltos flor do cerrado
Porém não tão soltos que possam soltar o
Celular de cada genitora e vejo a igreja e
Vejo os santos e os vitrais, tudo flutua e
Sigo para outro caminho
Da procura que o dedo determina.

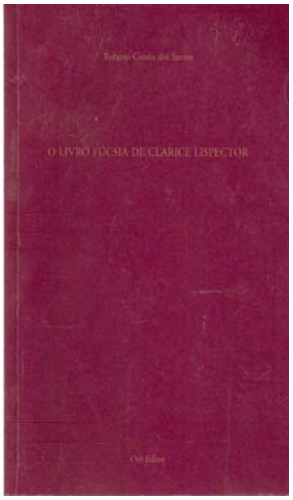
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

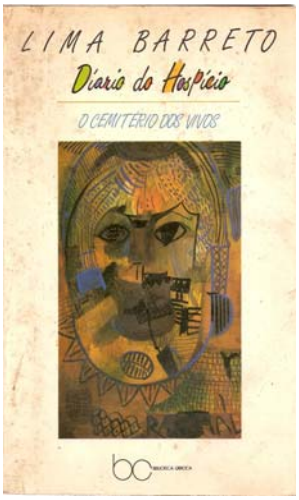


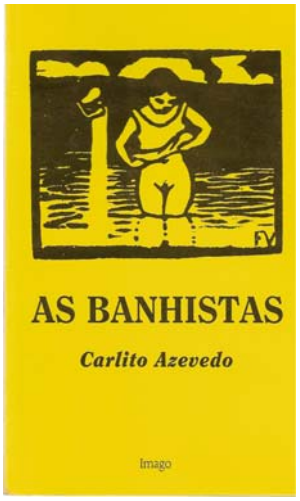












PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

MAURÍCIO ANTOUN:

e

Maurição **Maurição**

eu

F 65 F 66

Da metade para o final dos 90 tudo degringolou. Casei-me, ora, pois pois. Queres um biscoito, ou churros? Em 87 meu filho já estava grandinho, dois anos, e era época de voltar à ativa no Baixo (Gávea). Ali na Praça do Jockei, a Santos Dumont. Na Marquês tinha os dois bares que ficam debaixo dos edifícios de quarto e sala. Agora é chamado bar Depósito. Para os que ali se depositam desde o meio dia: junto ao depósito do lado do bar, ora pois pois. O bar que eu abri no início da Marquês, o Cinema Scope, que fica na atual padaria Zona Sul, que era outra zona na época, tinha como vizinha, a perpétua Funerária da Gávea, para lá de seus 25 anos pétreos. Uma vez um aloprado e seu amigo aloprado pediram para experimentar um caixão. Experimentaram: com o papa-defunto pétreo atendendo a todos com sua pétrea fisionomia. Menos mutável que uma pedra no agreste. Os edifícios dos bares da Marquês, em cima do depósito, quarto e sala populares da época da Praia do Pinto, do finalzinho do Pinto - removida pelo Governador Lacerda e que deu no Selva de Pedra, no Planetário e no estacionamento da PUC - vão muito bem. Ainda havia fábricas se despedindo da Zona Sul e trabalhadores postos na rua. Neste edifício que quase morei, habitaram Chacal, Fausto Facwet e Puppy da doidera dos sessenta. Foi em Londres e em 69 voltou ditando moda. Não dá para esquecer também da Claudia Aragão, moradora que me emprestou o Quampérios que não conhecia. Achei demais o tal Chacal que, só conhecia de ouvir falar, e logo fui apresentado ao ser vestido de Fauno, no Suvaco de Cristo dos 90. Estes botecos, que até hoje trazem uns pequinotes da PUC e maladragem antiga, me levou para a saideira no Baixo. Lá embaixo. Neste dia pularam do muro da PUC e fomos juntos ladeira ao Baixo. Eram uns punques bem genuínos,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Nietzsche, que estudava na PUC, Toni, Carlinhos Peruano, uma panquinha deliciosa, eu chegando no baixo, ficava no meu útero, um espacinho no final do balcão, onde só me cabia, e a rapaziada zoada parava para beber um copo de um em um, de dois em dois. Agora lá é o galeto. Na época do Dias Santos o Baixo estava tomando rumo. O Dias Santos ficava até as 5 da manhã vendendo cerveja de garrafa. O hipódromo fechava ainda depois e vendia chope. O pior banheiro do mundo. Me lembro de uma vez na fila do banheiro feminino do hipódromo duas maluquinhas se aproveitaram da distração do barman e entraram na cama frigorífica do bar e fizerem as necessidades lá dentro. Os Impadinhas de jiló, grupo de rock and roll e suas mulheres lindas traziam beleza e os bêbados das antigas: ficavam de voyerismo com elas. Mais velhos, que tinham mais dinheiro e pagavam bebida pra todos e a coisa rolava. Rolava e depois no caminho da minha casa toda galera que resistia tinha o bar, Funerária, que era do Lozeirinho, técnico de cinema, que ia até às sete. Foi quando ele desistiu do bar que comprei e montei o Cinema Scope.

F 67

F 68

F 69

F 70

Em 88 lotou demais e a cerveja do Dias Santos ficava quente e o Dias Santos fechava mais cedo. Fim de cerveja fecha porta. Até 89 o Baixo crescendo e os bares fechando mais cedo. A herança das noitadas foi a continuação das noites no gramado da praça, a galera toda, após e depois, durante, com bebidas do tipo garrafão de vinho e conhaque de mel e cachaça e a noite continuava até o dia raiar . Todos os dias. Domingo é que era mais sombrio.

F 71

F 72

F 73

Em 1990 no final do ano, pouco depois do primeiro CEP 20.000, uns três meses, sei lá qual a influência do CEP nisto, mas estava sentado com o Tavinho Paes, no hipódromo e a gente viu que tinha estourado. É como um dia que acontece: tudo brilha. Dava para ver

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

que era um outro estágio para o Baixo Gávea. Na ingenuidade fora do tempo, nosso início dos 90, ainda a certeza de profissão remunerada, a primeira vez do palco e o encontro das ruas. Era os Impadinhas de jiló, o Carlucho e a Leca, O vem a Mim as Criancinhas, Paulista, Guilherme Levi, Michel Melamed, Maguilinha, Boato, Pó-Ética, que terminou como grupo no primeiro dia do CEP em agosto de 1990. Isabell Lomez, La Budista, Urubu e os punks da tijuca, a galera do posto nove. E foi se juntando com o pessoal chamado pelo Chacal - Tavinho, Arthur Omar, Márcia X, Alex Hambúrguer e Aimberê..

F 74

F 75

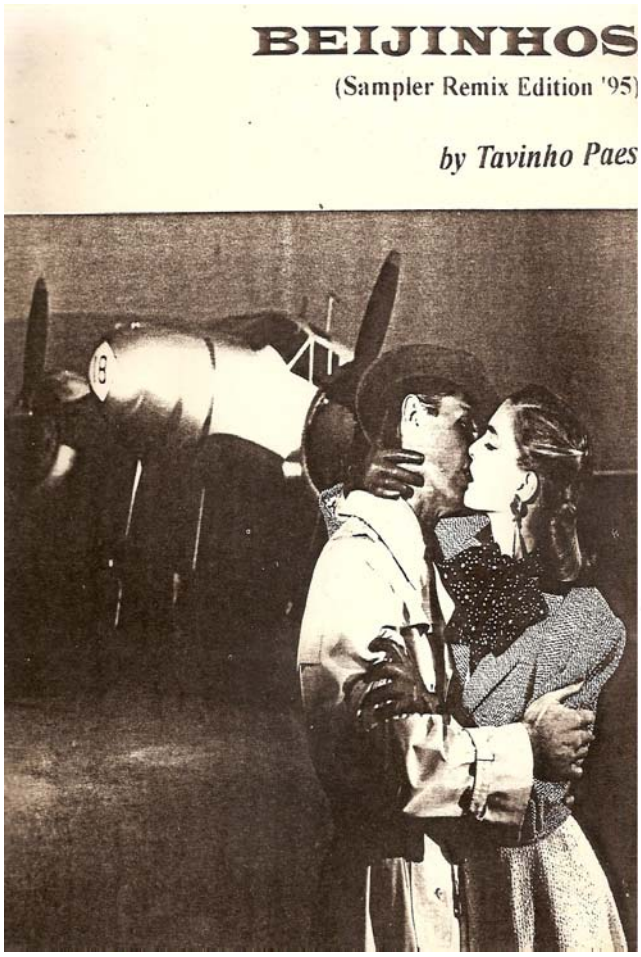
F 76

A cena da época era rock puro, com o BRock dos anos 80 onde quer que a gente tivesse enchendo a cara aparecia um produtor musical te dando cartão. Também nesse começo dos 90 as bandas da Zona Norte começaram a aparecer: tinha o Piu Piu, o Gangrena, Joe e Gamela . Tínhamos a mania de em todo show do Gangrena roubarmos a garrafa de cachaça do despacho que eles faziam durante o show. Eles nos juravam ódio, sempre que conseguíamos esticar a mão nos palcos e roubar a cachaça. Abri, com a ajuda da minha mulher no meio do BG, o tal Funerária, que chamei de Cinemascope – não me formei na UFF de Cinema a toa. Mas o pessoal continuava a chamar de funerária, foi uma experiência metafísica ter tido um bar no Baixo, mas eu consegui me equilibrar sabe o diabo como. Aqui vale uma saudação ao Torquato Mendonça, que conheci no Baixo Leblon em 78, ele estava querendo montar uma exposição e entrou no meu bar arrasado porque era tudo muito caro pra ele - tinha que montar umas molduras e cavaletes pro seu trabalho. Torquato desabafou comigo e uma amiga minha que nem conhecia ele ficou ouvindo e se ofereceu pra emprestar a grana. Mal sabia que era a fundo perdido, Torquato era de Alagoas, e em 68 ele saiu na capa das Ùltima Hora botando fogo num Camburão. Sua mais penetrável proeza, dizia ele, foi ter tirado o Cazuza do armário. Em seu enterro foi desfeita uma lenda que era espalhada faz milênios pelos ruminantes das noites que Torquato era filho de latifundiário alagoano; conversando com um amigo da família, presente para saber se ele era o morto suposto, me contou que seu pai era motorista de praça em Maceió. Torquato dizia que num protesto com a sua família na copa de 70 ele se trancou com a televisão no banheiro no intervalo do jogo. E assim foi. Ninguém viu o tri.

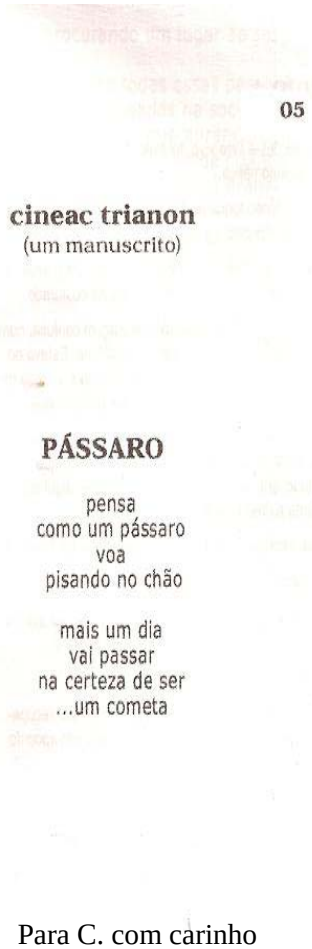
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Tempo de protesto. Tempo do torcedor de radinho e chefe da milícia: General Tortura. Torquato era o anti-tortura. De uma elegância sem par. Coloquei o nome dele no cineclube particular... (perguntar Maurição como acessar na internet) Muda. Muro. No segundo ano de seu primeiro governo César Maia eleito por uma coalizão reacionária começou a fechar os nossos sonhos, usando a desculpa do tráfico fechou o Baixo Gávea por decreto. Nenhum bar, ambulante ou isopor particular podia ficar na praça depois da uma da matina, ele jogou a Guarda Municipal de forma truculenta em cima da garotada e ficava lá num canto fiscalizando pessoalmente o desmanche. Tem gente que jura que viu o alcaide fiscalizando o fim de noite da garotada. Devia estar com saudade da época de Síndico do seu Condomínio antigo lá na Barra.
Agora que subiu de vida está morando no Pepino.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA



F 77



Para C. com carinho

TAVINHO PAES:

DOS MARGINAIS AOS MARGINALIZADOS

Desorganizadíssimo, fragmentado, sem lideranças e marcado por insanos acessos de vaidades e invejas, o movimento dos poetas ditos *marginais*, que nos anos 70 e 80 pulularam de galho em galho por aí, ainda está para ser compreendido e discutido. Até segunda ordem, este período não possui nenhum atrativo.

Embora pareça ter acontecido a séculos atrás, os anos '70, no Brasil, começaram exatamente no dia 13 de dezembro de 1968, quando foi assinada a única constituição real que o país já teve: o **AI-5** – pelo menos este pequeno texto paraconstitucional foi o único a ser realmente respeitado e aplicado com eficiência a todos os segmentos da nação.
Enquanto os americanos curtiam seus Woodstocks de amor livre com drogas leves e os europeus engajavam-se nas ruas pelas utopias revolucionárias socializantes, no cone sul das Américas, o *hippie* e o politizado foram desumanamente caçados por uma milícia pública ignorante, insensível e de uma violência descomunal. O pau-de-arara, o choque elétrico e outras modalidades de tortura física e degradação humana desenvolveram-se tanto que acabaram exportando seu *know-how* para as simpáticas ditaduras vizinhas. Nesta ocasião, apesar de direitos civis e humanos não terem nenhum valor, muita gente desbundou e saiu por aí cuspindo fogo com suas metralhadoras cheias de lágrimas...

Pouco a pouco, numa época em que pouco já era demais, desviando da polícia e das patrulhas ideológicas, foram surgindo os jornalecos nanicos e as poesias mimeografadas. Grupos ou indivíduos isolados produziram uma assustadora quantidade de poemas, cuja qualidade estética não se sustenta diante de modelos vitoriosos como o Modernismo de 22 ou a Geração de 45, adotados pela Academia e pelo Saber institucionalizado.
Trata-se de uma Babel de abobrinhas perdida para sempre junto com os fantasmas de seus convictos perdedores. Todos os que puseram as manguinhas de fora, naquele tempo de *Vazio Cultural* identificado, sucumbiram à cólera. Com exceção de um ou outro nome, a morgue onde seus anônimos cadáveres foram abandonados continua misteriosa e obscura e os campanários onde se enterraram não recebem flores nem em dia de finados...

À luz do que se diz desta época, tenho a nítida impressão de que fabriquei uma obra melancolicamente medíocre e desenrraizada. A diarréia poética patrocinada pelo slogan do "*sexo, drogas & Rock'n'Roll*" foi uma espécie de crime sem solução em que a vítima se identificava com o criminoso e vice-versa. Décadas depois, apesar de desnecessário, o exame destas fezes inocentes tornou-se tão aceitável quanto recomprar antigos discos de vinil, remixados digitalmente em Compact-Discs...

Como participei ativamente deste período, a sensação de estar ausente de meu destino, vez por outra, me encurrala num poço de advinhações, sem fundo e sem água potável. O mundo fica escuro ao meu redor e passo a ter a urgência de encontrar alguma coisa que me devolva ao meu umbigo. Às vezes, sinto-me como um pintor que se viu privado de sua aquarela. Muita coisa aconteceu na minha vida desde que vendi meu último livreto numa mesa de bar (1986). Fiquei tão diferente daquele cara que assediava gente comum nos bares que até minha morte parece ter me rejeitado. Prá ser sincero, não desejo viver tudo aquilo novamente. Não me arrependo, mas não gostaria de reviver nada daquilo outra vez. Motivos que só eu sei me garantem que um *replay* seria profundamente desagradável.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

O que se chamou de *Poesia Marginal* ou *Geração do Mimeógrafo* não possui instrumentos capazes de garantir que se salte no tempo sem provocar confusão. O mundo em que aquelas tolices românticas sobreviveram à beira do abismo, mudou muito de lá para cá. O que nos anos '70 era conhecido por *Imperialismo Cultural*, hoje, com a globalização, pode ser traduzido para *Franchising*. A cocaína se tornou tão abundante e vulgar que falar de maconha não faz o menor sentido. O *Mandrix* do novo milênio chama-se *Prozac*. O *hippie* perdeu espaço para o *yuppie*. O Vietnã está no Iraque e nas montanhas afegãs. O muro de Berlim está sendo erguido no deserto palestino. A *geração saúde* prefere uma academia cheia de máquinas acompanhada de uma vitamina de asteróides anabolizantes a uma dose de LSD numa praia deserta. O *Cinema Novo* dos Gláubers e Leon Hirzmans está sendo feito para a TV, a serviço e soldo das agências publicitárias. Os militantes xiitas da esquerda renderam-se aos ótimos salários do Serviço Público (onde ninguém é empregado: vários são *colocados*). O *rebelde* passou a ser chamado de *hiper-ativo*. Se antes se tomava drogas para se fugir da realidade e abrir as portas da imaginação; hoje, as mesmas drogas, no formato aceitável de *enérgéticos, são* usadas para que se entre de vez na realidade imediata, cada vez mais impenetrável em seus bolsões de tempo calcificado. Os DJs acabaram de vez com os solos de guitarra e as letras foram suprimidas em suas maquininhas alienantemente corretas. Tudo se tornou tão *by-passado* que posso afirmar que o *Passado* que se gostaria de resgatar está prá lá de *ultra-passado*!

As contradições atuais são monumentais. A *ausência da prática da dialética* torna necessário esqueçer as dores e os sofrimentos dos tempos da repressão para não perturbar o sono dos que nos concederam a dádiva da democracia e que. hoje, participam da máquina de estado. Os que discordam do estado de direito que vivemos são considerados incorrigíveis e chatos que não sabem viver sem reclamar. Chegam até a citar problemas sexuais e de idade para justificar a ranzinzagem destes inimigos do progresso neo-liberal, onde, a cada melhora no bolso da classe média e seu conseqüente consumo de bens descartáveis corresponde um avanço nas estatísticas de miséria. Parece até que as oportunidades de trabalho, a distribuição de renda, o acesso à boa educação e à saúde pública são assuntos que já foram resolvidos a contento; quando não são tratados como índices de eficiência manipuláveis em processos de eleição. Não se deve falar mal da esquerda democraticamente instalada: pode-se dar munição para um inimigo que divide com os *Amigos dos Amigos*, os empregos dos altos escalões assalariados do estado...

Parece que vivemos no melhor país do mundo. Não temos terremotos, furacões, ataques terroristas, manifestações de racismo preconceituoso, passeatas, etc... A violência das periferias, a truculência dos esquadrões de extermínio, o poder de fogo dos traficantes de drogas, a fome e a prostituição infantil são assuntos que a imprensa diária irresponsávelmente fuça, com o intuito único de baixar nosso astral. Quem precisa se preocupar com isso, depois que votou num cara que vai resolver tudo em seu nome? Será que alguém se elege só para garantir salário e aposentadoria depois do mandato sufragitário?

Acomodamos nossas frustações utópicas num universo de conquistas sociais tardias e contraditórias. Somos um povo mais pacífico do que coelhinhos de desenhos animados. Não existem mais os anarquistas, os comunistas, os guerrilheiros, os doidões... Quem precisa disso, se temos à mão um grupo de vitoriosos? Somos quase hexa-campeões de futebol, nosso vôlei é medalha de ouro, Ayrton Senna é uma unanimidade internacional e o Massa é massa!

Nem a canalha que subloca o poder é a mesma. Novos nomes garantem a renovação das células psico-partidárias. Estamos tão satisfeitos com as novidades que não temos tempo para perder com quem quer que nos enche o saco com reclamações e prioridades. Se um ou outro rouba mas faz; se o outro compra a direita para aprovar democraticamente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

regras que garantam a revolução socializante dos anos passados; não custa nada continuarmos pagando impostos calados e sossegados. *Impunidade é chic* e vale a pena para quem tiver coragem. Cueca sempre foi lugar para se guardar a mala...

Cada um cuidando de sua vida, vigiando o outro e com uma coisa em comum: tentando levar vantagem em tudo! – eis o nosso modelo de socialismo interativo! O máximo que fazemos é falar mal dos políticos em mesinhas de bar; uma ou outra greve em serviços populares essenciais; um ou outro grupo rebelde de funkeiros xingando a polícia e elogiando as ações do Comando Vermelho. Tudo tão previsível quando as profecias de Hermann Khan. O único dado inusitado é que continuamos a ser *o país dos eternos domingos*. Todos nós queremos um domingo tranqüilo, uma cervejinha entre amigos, um mergulho no Atlântico e gols de Romário na TV. Ainda vamos ser *o país do futuro* que Stephan Zweig entreviu, antes de se suicidar. Mas, por enquanto, temos que nos resignar com a condição de sermos o *país do Presente*. Aliás: *o país do maior presente contínuo pensável!*

A única história que nos interessa é a do Presente. O futuro é sempre amanhã e o passado é uma aporrinhação que só merece atenção quando falamos dos mortos. Quando um jovem escuta que o aquecimento global e a poluição vai acabar com o mundo, para que se incomodar com esse futuro medonho, cheio de desgraças inevitáveis? É melhor viver o presente. É mais fácil encontrar heróis defuntos num passado que se pode dourar com a boa vontade das esperanças religiosas e a passividade dos bem educados que não reclamam de nada e são considerados do Bem. Afaste-se dos brigões. Aceite o que te garante o emprego e as oportunidades. Fique na sua, sem ser covarde...

O que se convencionou chamar de Anos Rebeldes, continua sendo um território sombrio, de onde heróis guerreiros e inocentes ultrajados, vez por outra, merecem ser resgatados e homenageados. Identificar mudanças sutis no dia-a-dia da cultura das utopias é algo muito simples, já que as mudanças que podemos entrever na linha do tempo registrado não foram ordinárias nem definitivas. Com a dialética em decadência, aqueles que se acostumaram a engraxar os coturnos dos ditadores e babarem ovos de chiquérrimos *socialites*, foram reciclados pelas manhas da multimídia e, hoje, se tornaram democratas fogosos, pacifistas conscientes e liberais *ad extremun*.
Torturadores servem aos misteriosos funcionários do Itamaraty; são eleitos para o Congresso em estados recém-criados e fazem discursos dignos da Igreja progressista do PT. A corrupção, o nepotismo e a miséria continuam dando um show no horário nobre. Pessoas de todas as idades estão sendo seqüestradas às dúzias, todos os dias. Juízes fraudam descaradamente o INSS. Narcóticos são tão comuns quanto pipoca numa sessão de cinema. O exército é requisitado pela opinião pública para policiar as ruas das grandes metrópoles. A decadência é *lights*. Ou será *diet*?

Apesar dos grandes progressos no campo das ideologias e do fim da guerra-fria, a velocidade com que as mudanças estão entrando no nosso cotidiano ainda não trouxeram respostas para todos os nossos problemas imediatos. Temos que lidar com coisas como AIDS, traficantes, crianças de rua, muçulmanos xiitas, assassinos seriais, blitzes organizadas por marginais fardados de policiais, etc. Rouba-se carro com muito mais freqüência que na época do Lúcio Flávio – onde, ainda, era possível dizer que *polícia era polícia e bandido, bandido!*
Algumas coisas boas também estão acontecendo. Existem os ecologistas do Greenpeace; a MTV; a Internet; os Rolling Stones, incluindo Copacabana em sua turnê mundial. Há toda uma nova geração ligada em saúde e esportes; malhando em academias; estudando em cursinhos de teatro, sonhando com o estrelato na TV Globo, pilotando computadores e *video-games*. Está tudo indo muito bem, embora ninguém possa responder ao certo *Para Onde?* nem *Porque?*
Será que a poesia que surgiu e desapareceu enquanto os anos rebeldes iam enlouquecendo poderia fazer sentido hoje em dia? Será que se eu saísse vendendo meus

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

livretinhos por aí, poderia novamente pagar aluguel, viajar pelo Brasil, comer em restaurantes da moda, bancar certo lazer nos fins-de-semana? Com certeza: **NÃO!**
Pelo que pude observar numa experiência realizada em outubro de 1994, a recepção nas mesas de bar já não era a mesma. Remontei um livrinho antigo e passei duas semanas zanzando de bar-em-bar, de mesa-em-mesa. Foi um pesadelo minimalista. Antes, eu driblava a polícia política; vinte anos depois, tive que diplomaticamente enfrentar a ignorância contratada dos leões-de-chácara e me perguntar: *Será que ninguém percebe que esta força, formada por seguranças contratados, todos com passagens pelos departamentos militares da polícia e, alguns, delas desligados por corrupção e abuso de poder, é uma força de ataque que está se portando como se fosse uma força de defesa capaz de manter a paz e a tranqüilidade de quem se diverte em áreas de exclusão chamadas de VIPs? Será que ninguém se deu conta que ao votar pelo NÃO ÀS ARMAS deixou em aberto a possibilidade destes contingentes para-militares terem acesso legal ao mercado do chumbo e da pólvora? Será que ninguém se dá conta de que basta um desvio na ordem pública para que a tragédia anunciada entre em ação e estas forças trabalhem como hutus numa Ruanda panamericanizada?*

Antes, quando circulei com meus livretos por aí, havia toda uma situação de instabilidade nos direitos civis garantindo a cumplicidade entre as partes; hoje, a falsa sensação de liberdade que se vende ao público, sob um clima de Glasnost tropicalizada, é quase psicótica e reage negativamente aos assédios voluntários de quem não é da sua turma, sua tribo, seu gueto identificado. A força de coalizão empregada para garantir a atmosfera de democracia plena está mistificando uma guerra suja, surda e muito mais violenta, cujas vítimas ainda estão por ser contadas e cujos lados em que os combatentes defendem suas vidas não podem mais ser escolhidos. Na nova guerra, você será automaticamente co-optado pelo lado em que está, independente da sua vontade, das suas idéias e das suas determinações. Tropa de Elite só serve para ecitar uma Troca de Elites...

A Poesia saiu dos trilhos. Pode ser escrita a partir de pesquisas, de acordo com a demanda por um assunto específico, em função de um dado estatístico. Pode ser recitada em eventos que parecem psicodramas de auto-ajuda por poetas que não merecem nem tapas na cara. Ao invés de um pacotinho de poemas vendidos de mão-em-mão, economicamente é preferível passar adiante envelopes de cocaína batizada com a higiene das favelas. Papel por papel, o que se identifica com drogas tem mais consumidores à vista e máxima tolerância do mercado. O mar não tá prá peixe...

Diante do imponderável, quem quiser arriscar tem que competir com o ridículo e com ele não se estranhar. Não é para desafinar o coro dos contentes. O objetivo não é responder se a poesia ainda existe ou se a poesia que se faz ou que já foi feita pode ser constantemente atualizada. Não defenda a duvidosa qualidade teórica de sua própria produção nem ofereça ao seu orgulho uma satisfação bisexta ou imediata. Todo o esforço que precisa ser injetado nos trabalhos que hoje consomem tempo e imaginação de quem os pratica deve pretender única e objetivamente fornecer uma visão de dentro do processo poético que marca a geração em desenvolvimento. Pode ser que os futuros estudos desta época, simultaneamente fértil e doente, fiquem facilitados com estes esforços.

Pode ser que eu esteja cometendo mais uma indelicadeza. Sempre fui chegado a cometer uma descortesia. Idiossincrasias são parte do menu contemporâneo. Quem sobreviver, verá a merda em que isso tudo vai dar!

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Tavinho Paes by the web (channels)

blogs
http://tavinhopaes.wordpress.com
http://tavinhopaes.slide.com
http://www.guarulhos2zero.com.br/publicacao/glog/215

www.tavinhopaes.com.br

http://tavinhopaes.podomatic.com

próprio >> www.youtube.com/tavinhopaes
www.youtube.com/MOMOssexuais
evento >> www.youtube.com/voluntariosdapatria
www.youtube.com/poeMAMUtante
report >> www.youtube.com/FLIPorto

Tavinho Paes by the web (channels)
blogs
http://tavinhopaes.slide.com

http://www.guarulhos2zero.com.br/publicacao/glog/215

web sites
www.tavinhopaes.com.br
www.poemashow.com.br

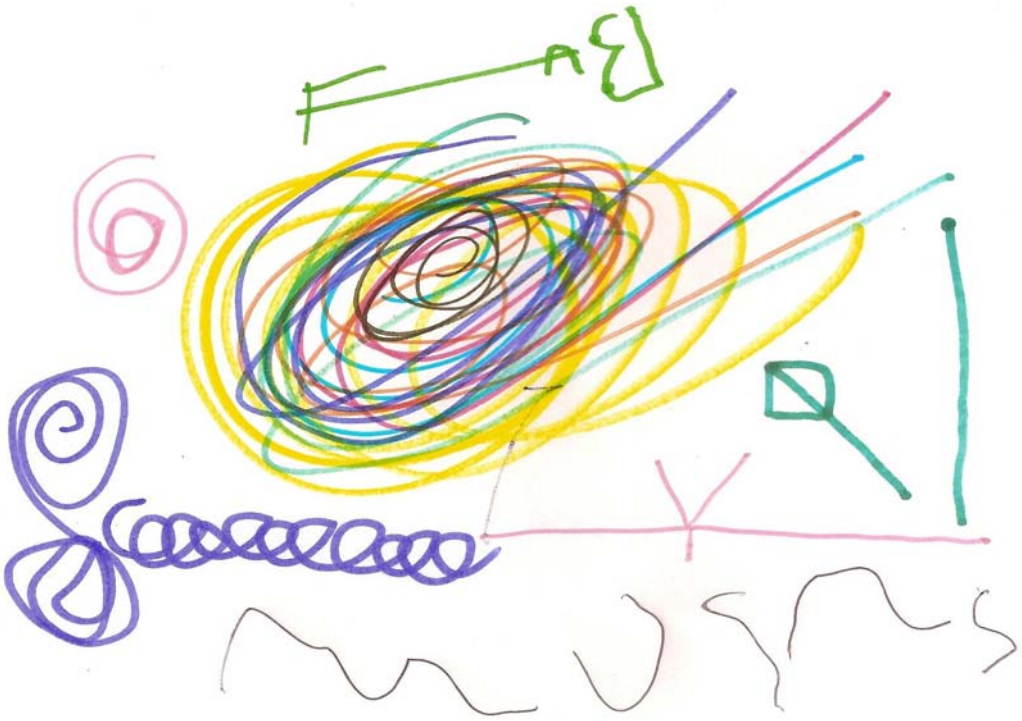
podcasts
http://tavinhopaes.podomatic.com
http://olouconoar.cronopios.com.br

video channels
próprio >> www.youtube.com/tavinhopaes
booklet >> www.youtube.com/MOMOssexuais
festival >> www.youtube.com/poesiavoa
evento >> www.youtube.com/voluntariosdapatria
evento >> www.youtube.com/poeMAMUtante
evento >> www.youtube.com/rockepoesia
report >> www.youtube.com/FLIPorto

web sites
www.poemashow.com.br
podcasts
http://olouconoar.cronopios.com.br
video channels
booklet >>
festival >> www.youtube.com/poesiavoa
evento >>
evento >> www.youtube.com/rockepoesia

--

http://tavinhopaes.wordpress.com



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

F 78

VIVIANE MOSÉ:

F 79

O GLOBO Sábado, 23 de fevereiro de 2008

Mariana Timóteo da Costa

VIVIANE MOSÉ

Educação sentimental

São 17h30m quando a psicanalista e filósofa Viviane Mosé (44 anos, casada pela primeira vez aos 37 e mãe de um único filho aos 40) chega ao restaurante Miam Miam, em Botafogo, para um bate-papo com a gente. Na pauta, o novo quadro que ela prepara para estrear em breve no "Fantástico", cujo tema é a educação. Segundo Viviane, é preciso urgentemente repensar a escola, a família, a forma com a qual educamos nossas crianças e jovens. Às 18h15m, a conversa toma outro rumo, e o atual comportamento feminino vira o assunto principal. Viviane provoca: "nenhum homem que presta vai ter medo de uma mulher", "a mulher precisa deixar a arrogância de lado", "temos que parar de olhar o mundo com um romantismo bobo". "Um relacionamento para dar certo tem que ter muito conflito". Às 23h, Viviane vai para casa, depois de dar vários bons conselhos de amiga.

O GLOBO: *Por que é preciso debater a educação?*
VIVIANE MOSÉ: Quero discutir (no quadro do "Fantástico") o que é ensinar e aprender nos dias de hoje, num mundo altamente tecnológico, onde a decoreba precisa acabar porque tudo cabe num HD de computador. O cérebro não precisa mais guardar tanta coisa inútil, sobra tempo e espaço para pensar. Temos que formar pessoas capazes de questionar, criar, duvidar, e as escolas infelizmente ainda não fazem isso, adotam um modelo antigo num mundo novo.

• *E os pais também precisam se adaptar a este mundo?*
VIVIANE: Claro, principalmente a mulher, que precisa aprender a criar seres humanos mais amplos, mais éticos, mais humanos, mais sensíveis. Só um novo modelo de ser humano vai ser capaz de dar conta do enorme caos social em que vivemos, com violência, aquecimento global... E se sobressair numa sociedade que agora não é mais industrial, e sim do conhecimento.

• *Por que principalmente a mulher precisa se adaptar?*
VIVIANE: Porque não adianta fugir disso, é ela quem dá à luz. Ser mãe é diferente de ser pai e sempre vai ser. Os homens têm milhares de problemas, claro, mas acho que as mulheres estão mais perdidas do que eles. Lutaram tanto para conquistar um espaço no mundo que acabaram adotando uma postura reativa, e não afirmativa, em relação ao sexo oposto: ficaram arrogantes, chatas, e sem saber o valor do afeto. Isso é péssimo para os relacionamentos, para o trabalho, para a maternidade. As mulheres são muito mais responsáveis pela desestruturação do mundo contemporâneo do que os homens.

• *Como elas chegaram a este ponto?*
VIVIANE: No passado, eram aprisionadas, achavam que a vida dos homens era melhor e quiseram ser iguais a eles. Até chegar lá, desenvolveram um jogo meio sujo, de fofocas, traição, dissimulação, dominação — que era o que podiam fazer na época. Só que agora a mulher chegou a uma posição de igualdade social em relação ao homem e percebeu que a posição dele não era tão confortável assim. Só que, em vez de criar novos modelos para ela, continuou agindo da forma arcaica. Para que lutar contra o homem, meu Deus? Ele tem é que ser nosso parceiro nesta porrada que é a vida. É preciso também lembrar que os homens são quase que de uma espécie diferente da nossa, e é justamente por isso que os encontros amorosos, por exemplo, são tão preciosos.

• *Essas diferenças são conciliáveis numa relação?*
VIVIANE: Claro que sim. Homens e mulheres têm que parar de achar que um casamento para sobreviver não pode ter conflito. Brigar é bom, gente, a vida é dura mesmo. Casal que não briga é muito chato. As relações mais legais não são como um jogo de futebol, e sim de frescobol, em que um joga para o outro ganhar.

• *Então este papo de que o homem teme uma mulher bem-sucedida, culta, viajada...*
VIVIANE: Bobagem pura, é preciso desmistificar essas desculpas que as mulheres arrumam para quando uma relação não dá certo. Quando se gosta de alguém, gosta-se do cheiro, do humor, da pele da pessoa. O afeto não reage muito aos livros que a pessoa leu, ou por onde ela esteve no mundo. Isso de elaborar muito, de procurar muitas desculpas, teorias, é um exemplo claro de como a mulher anda perdida e precisando se reinventar, resgatar o feminino.

• *E como ela deve fazer isso?*
VIVIANE: O bacana é que não há uma fórmula, a mulher pode tudo hoje: ser ou não ser mãe, ser ou não ser empresária, ser ou não ser uma intelectual. Há vários modelos possíveis, o jeito é descobrir quem ela realmente quer ser. Ah, e todas podem lutar pelo que quiserem, viu? Então nada de esperar ele ligar — se você tiver a fim, ligue, fale, aja de forma clara —, ficar em dúvida se transa ou não na primeira noite (se tiver a fim, por que não?). É assim, agindo de forma mais honesta, que a gente vai criar novos homens e novas mulheres mais parceiros um do outro. Chega desse romantismo bobo.

"Homens e mulheres têm que parar de achar que um casamento para sobreviver não pode ter conflito. Brigar é bom".

"É preciso desmistificar desculpas para quando uma relação não dá certo. Homem não tem medo de mulher".

VIVIANE MOSÉ

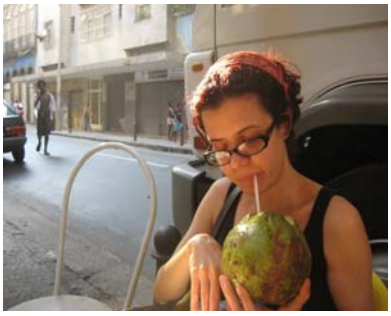
• *Diferencie o romantismo bom do bobo. Ainda vale ser romântica, não?*
VIVIANE: Claro que sim, a melhor coisa é ser mulherzinha do homem, chegar em casa, cozinhar para ele, fazer um jantar à luz de velas. E ele para você também. O que é preciso rever é a idealização do homem, o conto de fadas, a busca de um parceiro ideal. É um paradoxo, mas este romantismo bobo acaba descambando para esta agressividade que eu vejo como um problema na mulher, hoje. Se ela não tem exatamente o que quer, reage a isto da pior maneira possível, tenta controlar o homem, a relação. Entender que ninguém controla nada é tão bom.

• *Os atores Bruno Garcia e Dan Stulbach disseram recentemente numa entrevista aqui no ELA que a ansiedade da mulher em relação ao sexo oposto tem a ver com o relógio biológico, que há este prazo para ter filho... Você concorda?*
VIVIANE: Hoje a mulher não precisa mais, uma existência pode ser ótima sem um filho. Vale a pena ser ansiosa, ou infeliz, para ficar ou não grávida? Cada mulher precisa saber o que quer, são vários os modelos possíveis. Eu, por exemplo, me casei somente aos 37. Fui mãe aos 40. Achava que nunca teria um filho. Por quê? Porque fui criada para ser forte, bem-sucedida, me achava melhor do que os homens com os quais me relacionava. Até que encontrei um cara bacanérrimo e ele quis casar, quis filho. Eu estava preocupada com outras coisas, e hoje penso: ainda bem que ele quis porque eu nasci para ser mãe. Mas tem mulher que não nasceu e vai ficar bem da mesma maneira. Aí fiquei seriamente chateada com a minha mãe, que me criou como se uma coisa (ter sucesso) excluísse a outra (ter uma família). Não é nada disso, tudo pode coexistir. Eu criei o meu modelo de mulher, mas o seu pode ser outro. O que é preciso entender é que a mulher não está pronta. Que tal, então, criar uma mulher forte, corajosa determinada, mas ao mesmo tempo afetiva, amorosa, tranqüila? Hoje ela é o "não-homem", tem ódio do homem que a oprimiu, reage a ele.

• *Você falou da chateação com a sua mãe. Muitas análises, terapias, dão origem a pacientes que culpam os pais por seus problemas, culpam a forma com a qual foram criados. É certo isso?*
VIVIANE: Eu fiquei chateada, mas não culpei minha mãe. Ela fez o que pôde, os pais fazem o que podem. Acho que se trata de uma péssima psicanálise transformar isso em culpa, é uma perda de tempo. O importante é ter consciência de que nós, mulheres, estamos cada vez mais independentes, mas talvez de forma excessiva, ou oprimidas por esta independência. Por isso tantas mulheres maravilhosas, criativas e belas, porém sozinhas, aprisionadas por um plano, um projeto de vida construído em reação à opressão a que fomos submetidas. (O filósofo alemão Friedrich) Nietzsche disse que poderíamos nos tornar super-homens. Não no sentindo da força, mas da capacidade que temos de nos superar. Proponho isso às mulheres: superação, sem perder a ternura.

F 80

F 81



F 82

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

ECO NO OU NA MIA

Então 1974. Desde 72, eu Zarvos, fumava, tomava Mandrix e rolava bacana. Me sentia sôo much, mas foi minha época mais feliz, juntamente com o período de trabalho direto com Darcy, quando publiquei ou organizei cada livro ou ações com outras mídias , em vários dos CEPs e no Baixo-Gávea-Posto-Nove, até o fim do século passado. Mas era loucura demais e, agora, a felicidade está plena, pois termino o livro/tese. É bom trabalhar. Ouviram Inocentes Caros? Não pude ser um apaixonado e me apaixonei pelo saber e trabalho: - Sua tese é moral – fala Marilia Rothier. É, foi, fico pensando no Cícero, Horácio e outros Moralistas Romanos e no meu cumpadi Diógenes que deu uma bela esnobada no Alexandre, o Grande.

F 83

Horácio

Mas apesar de ter conseguido a anistia, Horácio perdeu o que lhe restava dos bens paternos, tendo que trabalhar em Roma como escriba (ou escrivão), o que lhe permitiu poder divulgar seus primeiros versos, resultando em uma amizade com outro poeta romano, Virgílio. Virgílio apresentou Horácio ao confiante ministro do imperador Augusto, Caio Mecenas. Este, por apreciar as qualidades e o talento de Horácio, se tornou amigo do poeta e o incluiu nos círculos literários. Graças à amizade entre Horácio e Mecenas, o poeta pôde conseguir sua ascensão, visitando freqüentemente o palácio imperial, se tornando também amigo do imperador. Horácio se tornou o primeiro literato profissional de Roma.

Sátiras (35 a.C. e 30 a.C.):

"Na realidade, ninguém nasce sem vícios: o melhor é quem / cai nos mais leves."

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Diógenes de Sinope

A vida de Diógenes de Sinope (404-323 a.C.) foi um exemplo de engajamento filosófico. Era filho de Hicesias, um moedeiro de quem herdara o ofício. Foi obrigado ao exílio, entretanto, por ter alterado o valor das moedas, segundo consta, para atender ao oráculo de Delfos. Em Atenas, tornou-se aluno de Antístenes (445-360 a.C.), fundador da escola cínica (de Cinosarges, ginásio onde este ensinava, e depois de *kynikos*, os que vivem como os cães), e passou a viver de modo simples e austero, de acordo com a sua condição de exilado, possuindo apenas o que fosse necessário para sua existência — um bastão e um alforje com seu manto. Chegou a morar num tonel de barro do templo dedicado a Gaia, em Corinto. Mereceu a alcunha de cão por desprezar as convenções sociais e praticar tudo que fosse natural em público, desde a alimentação ao sexo.

F 84

Considerava a *franqueza* a coisa mais bela nos homens. Antes de sua ida para Atenas, escreveu uma obra chamada *A Pantera* que, como toda sua obra posterior, foi perdida, restando apenas as anedotas registradas por seu homônimo Diogénes Laerte (séc. III d.C.).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Ninguém o prendeu e se tornou canônico. Êta Moralista, Cínico, dos bons. Os Moralistas romanos eram muito pragmáticos para meu gosto. Satiricon, de forma oposta, é a moral elevada. Mas comecei a surfar de olho nos surfistas e nas mulheres gostosas que não me davam mole. Preferiam os belos parafinados. As que ficavam eram as de FAMISOLIA

A ECO NO FALL MIA .

Tudo bem, também queria uma. Amei todas as minhas namoradas, mas não era a parada, minha parada era pé na estrada com um irmão. Tinha falta de um Fraternidade entre iguais.

Lápis Sobrancelha

Já não posso amar com o mesmo arroubo
O coração de batida pássaro é lápis sobrancelha
O toque segura inseguro ou firme: fantasias
O frêmito passado. Dou-lhe de presente

Tão longe o crescimento. Mesmo a iluminação
Memória deslizes fingidos e trucentas possibilidades
Cansaço, juro acredite, cansaço
I D É IAs

O O O O O é não atrapalhar O
Fingir que não olha com gula a alegria alheia. Viu?
Estavam de mãos. Sou o Pluft ou o Tenebroso
Trocar toca totem e esticar a linha OO obrigatória
Neste ano todos viram homem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Comecei a estudar psicanálise, jogar xadrez e ouvir jazz com Roberto Luís Franco. Opa, FAMILIA, não é ele não. Queria ser psicanalista, muito para me "curar" de desejos tão sacanas. Aqui no Brasil exigia-se Faculdade de Medicina e as duas únicas Sociedades de Psicanálises existentes, Rio de Janeiro e Brasileira, não aceitavam gays: – Muito imaturo, sabe, numa sociedade hetero o núcleo psicótico do rapaz está muito atiçado – e outras baboseiras. Com os Lacanianos, com Magno-pop, já tendo passado por Foucault e Lacan, tudo vale a pena se a alma não é pequena. Sabia que em Londres era permitido cursar psicanálise apenas com o diploma de psicologia. Com foco no pau, nem levantei a hipótese de fazer psicologia no Brasil e daí fazer a formação em Londres. Tinha a tal análise obrigatória de uns dez anos com um psicanalista para Formação, carrrrérrimoooo, too to, mas o pau empinado da idade e o dinherito de papa que aceitou na hora minhas argumentações e zarpamos, juntos com a FAMÍLIA visitar Londres, em chamas, O IRA bombandeando, meu tio foi atingido, logo em seguida, na

saída do Hilton, mesmo hotel que ficávamos e na saída da Torre de Londres uma bomba estourou logo que a eco mia família saiu. Meu pai propalou: – A Inglaterra já não é a mesma. Você não pode ficar aqui –. Entrei em estado de choque, mijei na cama aos 17 anos. Pelo menos foi na cama gostosa do Hilton. Mas perdi, perdi. Hoje, soropositivo, penso que poderia estar mortinho do Zarvos e quase chego a agradecer Nicolau, o Macho. Intuição Grega. Muito karma de viadagem. "Viadagem, viadagem, isto não passa de viadagem, espremia suas espinhas Guilherme Levi no CEP inicial. Se demorou tanto tempo para eu me contaminar é porque voltei para o Brasil e para o sexo seguro com poucos amigos que não dizem o nome e namoradas happy family. Na verdade com homem não havia penetração: - Coisa de viado -. Nem beijo: - Coisa de viado -. E no desejo não vaidinha?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

É bom lembrar que os "diferentes" são uma enorme multidão. Algo como até 11% da população mundial é formada de homens e mulheres homossexuais, independentemente de raça, cor, nacionalidade, condição cultural ou social. Algo como até 30% da população, também sem diferença de onde moram ou como tenham sido criados, são de homens e mulheres bissexuais. Isto quer dizer que até quatro pessoas em cada dez sentem desejo por pessoas do mesmo sexo, de vez em quando ou sempre[60].

Foi o cara que disse, vão reclamar com eles. Safadinhos. Só com o amiguinho né, suas bichas loucas. Pro velho aqui só num porre tão louco que minha soropositividade e sei lá o que vem aí pela frente não permite. Atualmente amo meus dois patos e me cuido e cuido dos outros como mamaitaliana. Acho que a transmissão não se deu por sexo, já escrevi sobre isto, num poema no *Zombar*... "hoje esperava aspirar"... Mas pouco importa. Importa, garotos eu vi, que é muito mais fácil se contaminar do que parece. Tese Moral.

Elogio. O poder de criar história. A pequena verdade desvendada. E muitas verdades atochadas. Como um caminhão de lixo desgovernado. Só o que interessa é a poesia e as artes-plásticas. O resto é como fim de resto de porão de navio. E o ratinho Rafael, aquele

[60] Diferentes Desejos; Adolescentes homo, bi e heterossexuais – Claudia Picazio.

da televisão, o bichano do circo, a cobra do teatro e o burguês tarado ouvindo ópera. O inflamado poeta a querer ser cantor. Cuidado cantor. O poder do desencadeamento da inteligência. Mais forte que a mais possante das drogas. Elogio: cada uma das falas farsantes, dos mágicos do impróprio, outro dia um cara disse que o poeta sublima, que facilita o real, que se deve deixar a força da expansão das contradições sociais ir até que a arte seja substituída pelo real. Deve ser como cada um pegando e levando para sua moradia o que pode, o que consegue. Carregar o caixão nas costas. A sublimação é a arte dos dentistas para iludir o paciente e a dor. Todos crescemos juntos: poesia junta imagem e som.

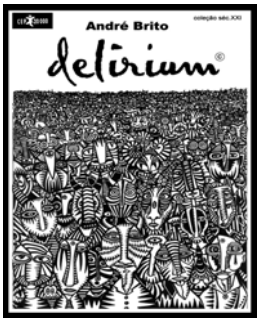
Voltei para o Brasil e para a pouca sacanagem, e fui levando. Um amigão, dos que servem para conversar falou: - Guilherme, sendo rico você pode dar até o cu. Senti-me espantado com tal raciocínio vindo de uma pessoa de tamanha beleza e sinceridade. Ele na curva do praticamente hetero. Anos 70, morou, rolava de tudo. Era 1975 e meu cérebro mudou. Sempre gostei de economia, aprendi a ler jornal, quatro ou cinco jornais: *Estadão, Folha, Gazeta Mercantil* com Nicolas e minha Tê, *Última Hora* e, depois, *Correio da Manhã* e afinal o antigo *JB. O Globo* comecei a ler em 94 quando o JB estava ruim e nas tabelas e tão conservador quanto. Não me arrependo. Mas é insuficiente. A Família Marinho deveria criar um jornal de esquerda. Não é Produto, querido Rodolfo?

rádios de Mato Grosso do Sul até São Paulo, pelo interior, orientava meu gurupai, o pássaro dos sonhos, era o que fui fazer. Papito disse: -Se não fizer economia não entra na fazenda. Entrei para a PUC sem saber o que era uma equação de segundo grau. História e geografia me salvaram.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

ANDRÉ BRITO:

F 85

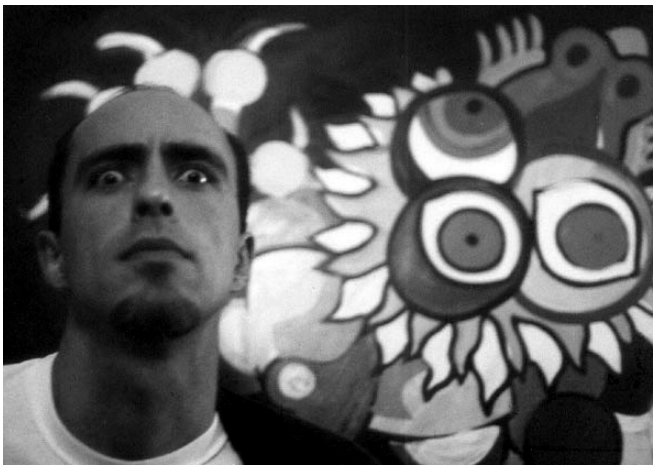


F 86

Naquele bar em Ipanema, a idéia era fazer um jornal. Foi a primeira reunião. Entre outros, me lembro do Carlos Emílio, Carlos Mundi, de você e o Pedro Amaral. Tinha mais gente mas não me lembro. O jornal estava pronto. Na nossa cabeça. A segunda reunião, era sempre depois dos Terças Feiras Poéticas, naquele bar da Joana Angélica. Não era cheio, dava para levar uma conversa em paz. O bar já não existe, o bar não está na parede. Nem dói. Dói a memória da penumbra de um bar quase vazio e lá fora o tempo chuvoso e dentro só certezas e alegria. No segundo encontro o Pedro Amaral levou a idéia do nome: devia se chamar *Trépano*. Na sua pouca idade com poucas fodas misturou a palavra de cunho sexual com o significado que é o instrumento, desde os Egípcios, que servia ou serve para abrir crânios. Poeta de início forte, logo começou a editar o *Espalha Fato* no CEAT onde estudava e que, de forma bissexta, existe até hoje. Uma revista legal. O *Trépano* ficou meio no ar, a coisa caminhou para o lado do CEP, que logo começou, em agosto, fomos todos para a zoação, fundar o CEP e só deu explosão criativa no Sérgio Porto, mas a idéia de um jornal escrito, não havia PC, para um jornal experimental barato e rápido de fazer, muito menos acesso a Internet: o *Trépano* não vingou.Tudo mudou? Tudo vale a pena? *Pquena ne est u spaciun (definir em l) se alamaalma* não é pequena, *quem quer o rio, terminar o quadreto*. Então Carlos Emílio disse que colocaria o suposto jornal (nós, jovens iniciantes), dentro do Jornal Oficial do Rioarte: *o Letras e Artes*. Primeiro veículo, fora do colégio em que publiquei ficção. Carlos Emílio, sempre generoso era o editor do Letras e Artes, jornal de Cultura do Rioarte e colocou no jornal toda uma rapaziada que rolava no CEP. Parece que Gerardo só brecou o Michel e o Levi. De resto nosso poeta Gerardo Mello Mourão, que garantia as peripécias de Emílio, foi de grande fidalguia enquanto Carlos Emílio voava em seu tapete de língua de lobo de gelo dourado: - Vou publicar vocês todos. Vou dar uma festinha para comemorar o próximo número em minha casa em Santa Teresa na Almirante Alexandrino 555: - Franguinho e vinho tinto de garrafão diretamente de Pelotas. Estão todos convidados -. O primeiro cartaz do CEP eu que desenhei. CEP eram as cartas para várias pessoas saindo de várias mãos de um corpo *crumbiano* e um cigarro, já que algo mais natureba ia ser to too explanado. Mantive a sujeira limpa, na lei, de uma guimba para o dionisíaco e contra-cultural CEP 20.000. Junto do CEP explodiu o Baixo Gávea, o quarto e sala bombava, a mulherada também, ainda tinha um franjão de star, estava saindo do teatro, e no conspiratória, o apê da Rodrigo Otávio pareceu o Paulinho, que vinha das minhas andanças na Farme, na antiga Ipanema de onde nasci e meus avós, chegantes de Portugal e Espanha, exatamente de Málaga, com a energia do poeta andaluz, migraram e deixaram-nos viver. Meu avô tinha alguns bares e lojas, mas bebeu quase tudo. Bendito galego. O prédio não foi demolido, atravessou a especulação imobiliária que com, o Sergio Dourado, escancarou a Zona Sul. Do meu pai, que virou nome de dinossauro Nurhachius Ignaciobritoi, meu filho levou o nome de Meu pai e tetra avô Ignacios, da Paraíba. Com meu pai, para domar, toda a família era linha dura, aprendi a desenhar. Com quatro anos ele já me levava, para dar um tempo para minha avó, que me criava, para UFRJ, na Paleontologia, era ainda lá, na Praia Vermelha, e enquanto desenhava fósseis, eu ficava desenhando fósseis. Obrigado papa Ignácio. Por isto coloquei o nome de meu pai no meu filho e estou de espírito santo. Imagina se tivesse posto o nome do meu avô Gratuliano, e que foi interventor na Paraíba em 1932 e ficou importante durante o regime militar. Casou-se com Adelaide Machado, Filha do Aureliano Machado, Dono da *Revista da Semana*, fundada em 1900. Gratuliano, Poderoso, não se interessou pela Revista da Semana, queria a Editora Americana, a seriedade da política com fio de bigode, já era época da *Manchete* com mulher boa na capa. Gratuliano faliu como o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

doutor do policarpo fechando o portão do asilo. A tradicional *Revista da Semana* Gratuliano já tinha defenestrado antes. Gaisel foi Secretário da Fazenda de Gratuliano, que apesar do nome estranho, era filho do primeiro Inácio, do século 19. O desembargador. Gratuliano, apesar das finuras se descontente tirava o cinturão de coro grosso da Paraíba e arremessava em cima da mesa arregalando os olhos em ameaça. Não desejo o mal para ele. Que não vá para o inferno. Naquele dia, Carlos Emílio estava infernal, com tudo. Era a festinha de comemoração do primeiro LA (Letras e Artes). O Carlos Emílio já tinha aprontado uma com o Gerardo antes do RIOARTE. O Gerardo custeava o LA, do próprio bolso, e o chamou para ajudar, já que ele não agüentara a Barra de Princeton, onde tentava o mestrado. Por sinal o C.E, de CE, saiu quase expulso do Rio, e não conseguiu uma vaga na UERJ, excelente escritor que era, pois apresentou uma projeto de mais de duzentas folhas, analisando a forma do O , nos manuscritos de Guimarães Rosa no Grande sertão. Aí teve que ir fazer o mestrado no Sertão mareado da minha amada Fortaleza.



F 87

F 88

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

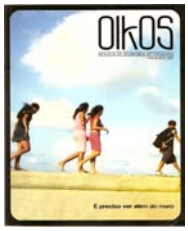
Sigo

Entrei para a faculdade de Economia. Na época tinha o dilema: UFRJ ou PUC? Andava com a galera que queria o Poder. Não era dinheiro naquela época.

Era S R.

E

A UFRJ, com pensamento mais progressista, mas sem os amigos do colégio. Na PUC, 1976, mesmo sem saber o que era equação de segundo grau e derivada, ia levando. Fazia matérias na História e até no Direito. As Ciências Sociais, para um graduando de economia, era muito sectária e lerda. Meu grande professor foi Edmar Bacha. Pena que se perdeu com a desilusão do Plano Cruzado. Tinha um modelo inovador que incluía até a renda mínima do atual Senador Suplicy e dos bons economistas. Perdi o livro didático para um jovem estudante de economia, que se dizia heterodoxo, mas acabei por constatar o que ele queria, naquele momento, era o Sistema Financeiro. Espero que me devolva logo. Desejo conhecer economistas que pretendam participar de ações como sa da revista *Olkos*, dos editores André da Paz e Raphael Padula, com o apoio da Petrobras.



Aqueles que não falam de “efeito preguiça” para quem recebe bolsa família. É preguiça de teórico pago para agradar patrão ou patrão da economia Moderna, Capitão de Indústria, incapaz de ver o futuro da humanidade: - A concorrência é grande, meu rapaz. Dê a vara, mas não o peixe -, aí peixe. Pedro Malan era um professor bonitão, porém sem muita paciência para os alunos. Deu um livro sobre vantagens comparativas e sonhava com um posto no exterior. Conseguiu e conseguiu bem mais. Com meu colega Gustavo Franco, já na fase de ultraliberalismo, quase quebraram o Brasil. Quando Malan falava nos “esqueletos” encontrados para ir aumentando o déficit fiscal e a dívida interna, com crescimento econômico pífio, dizendo que a culpa era das crises internacionais, me perguntava o porquê do FHC entrar de sola nesta crença.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Brizola falava: - Fernando Henrique? No fundo um burro. Estuda, estuda, mas não compreende -. Gustavo Franco era um amigo querido. Já no São Vicente de Paula tinha uma banda de rock com seu sumido primo Marco Aurélio Alencar. Foi para os EUA e sei lá. O ex-presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, que chamavam de maluco porque dizia que a bacia de Santos e arredores nos dariam 500.000 barris-dia, e todos duvidavam, no final do Governo Gaisel, e agora com mais um nome indígena, o campo Tupi: Salve a Poesia do Romantismo Indígena, que os índios são parentes dos chineses. Salve a autonomia bípede! Fala Marcia Cibilis: Estado no controle da economia e direcionamento educacional do o Estado, com controle de muitas empresas nacionais e internacionais com os Fundos de Previdência + Fundos Soberanos + tecnologia e empresas privadas ganhando produtividade = 7% de crescimento ao ano, chineses para chineses, vão superar per capita real ali pelos atuais 5 mil dólares anuais e mais um clube, Corinthians, e a Índia, o Flamengo, na classe média somada a mesma renda para a América do Sul. Não é mole não. As matérias primas terão de ter muitos brimas, bons negociantes e os países ricos, fora os EUA, que são expansionistas e deverão formar o enorme mercado do México até o Canadá e se latinizar, para ganhar educação. Civilização. E a África! É a África a última das superexploradas pela ganância internacional. O japonês Ueki foi para os EUA e sumiu do noticiário, too to. Em casa, nós, irmãos, brincávamos de teatro durante horas, cada um com seu personagem em qualquer lugar. Era para a gente mesmo. Quando alguém brigava com a maioria, os vencedores diziam: Tchau, ele vai para a Europa! Quem ia para a Europa desaparecia. Né, Nicolas? Para os políticos-tecnocratas pós-70, o esconderijo passou a ser a terra do Brother Sam. Gustavo Franco, na Graduação, escrevia contos iniciais com talento e tocava pistão. Foi fazer doutorado em Harvard e voltou desarvorado. Cheio de si no mundo desorganizado e acumulador dos anos 80 e 90 do final do século passado. Coréia e depois China mostravam um caminho bem diferente e a Anta Brasil dos economistas neoliberais patinava. Mas foi legal o período de convívio na PUC, ouvindo Edmar Bacha, André Lara Resende, Chico Lopes, Wilson Suzigan, Paulo Guedes e o aparecimento (na PUC) de Pérsio Arida; foi melhor ainda aprofundar conversa com o Armínio Fraga que, de família de gente íntegra, se mostrava claro, altamente técnico e bom. Era o aluno que eu respeitava. Não tinha uma posição ideológica clara. Queria o bem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Foi ser professor nos EUA, porém pulou para o mercado com o Soros, foi diretor do Banco Central e segurou as pontas do Brasil pós-dilúvio de 1998, Acho arriscado ele, na Gávea Empreendimentos, mexer com fundos mui grandes, mas sempre vou admirá-lo. Preferia ver Armínio num governo progressista. Cada vez mais acredito, além de outras possibilidades, numa atual fase de capitalismo cooperativo. Armínio Fraga, tendo que perceber um mundo globalizado sobre a perspectiva de fundos de Investimentos, tende a, atualmente, ter de falar visando seu público de Investidores. Isto, até agora, permite que a participação pública de Armínio se dê sem sua completa potencia de Homem Público. Espero que ele ouse mais e entre num forte apoio para Projetos de Disseminação de Hábito de Leitura. Só a leitura salva diz o pastor Jávouletrar.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

DEU NA REVISTA[61]

WARREN BUFFETT, O NOVO DONO DO MUNDO.

O megainvestidor ultrapassa Bill Gates no ranking dos bilionários com estratégias que incluem – quem diria – comprar reais. O megainvestidor Warren Buffett, que comanda uma empresa de investimento batizada com o nome esquisito de Berkshire Hathaway, nunca foi dado a badalações. Não seria agora, com a notícia de que ele assumiu o primeiro lugar na lista dos mais ricos do mundo da revista *Forbes*, com uma fortuna pessoal estimada em US$ 62 bilhões, que as coisas seriam diferentes (...)

Para muita gente, Buffett, de 77 anos, até exagera no estilo de vida frugal que costuma levar. Nunca circulou pela noite com celebridades ou pseudocelebridades. Continua a morar na primeira casa de três dormitórios que comprou, em 1958, logo depois de se casar, por US$ 700 mil (em valores atualizados), em Omaha, Nebraska, no Meio-Oeste Americano (...)

Numa entrevista para a rede de TV americana NBC em 2007, Buffett afirmou que não andava com telefone celular nem tinha computador em sua mesa de trabalho.

Em 2006, Buffett anunciou que doaria sua fortuna à Fundação Bill e Melinda Gates, de seu amigo menos rico Bill Gates. Muita gente imaginava que Buffett deixaria seus bilhões para os três filhos, Susie, Howard Graham e Peter – da primeira mulher que, Susan, que morreu em 2004 (há 2 anos, Buffett casou-se com Astrid Menks, de 62 anos). "Quero deixar para meus filhos o suficiente para que eles possam fazer qualquer coisa, nas não tanto que eles não queiram fazer nada", disse.

[61] Revista Época, Primeiro Plano – 10 de março de 2008.

MILU

Minha cama está arrumada
Foi a faxineira que arrumou
O chão do banheiro faltou me dar sopinha
O lençol lavado está cheiroso
Suas mãos e as minhas não se tocaram se
Aproximaram quando lhe dei o dinheiro
Não que seja o pior pagador do mundo
Não que ela fique infeliz com o dinheiro
Minha alma não está arrumada
Escrever poemas como este cheira engajamento
As revistas de poesia não querem que se lembre
De salário mínimo ou de sub-emprego
O poeta conceituado deve falar para seus comparsas atualizados
Minha alma está dilacerada. Ontem a síndica e
A sub-síndica proibiram o porteiro de ler em serviço
Havia lhe dado Drummond Bandeira e Graciliano Ramos
Sonhei que a leitura lhe tomasse o levasse para o
Segundo Grau. As duas urutus proibiram o porteiro da
Noite de ver uma micro-televisão que ganhou
As alegações são as mesmas: - não prestam atenção
O prédio que moro faz 22 anos, nunca aconteceram
Grandes defeitos por lá, tem portão eletrônico
Os porteiros têm tempo livre porém devem olhar para o portão
Não podem deixar de mirar as grades do portão de um apartamento
Onde moradores de sala e quarto representam a classe média do
Brasil. A que tem desprezo pelo seu povo. A degenerada a medrosa
Do movimento Basta, do Pedro Bial e da Tolerância Zero
Ontem dei dez reais para dois pivetes que imploravam comida e
Um ainda tentou puxar o dinheiro que ficou comigo
Corri atrás dele e nem sabia o que faria quando pegasse o
Pequeno. Gritei solta o dinheiro e ele soltou e seu amigo chorava
Um segurança o pegou foram embora para um lugar pior
Desculpe-me, revista de gente bacana culta que não quer ouvir
Histórias velhas que quer imagens sem cotidiano
Mude logo para o poeta da outra página e se o outro insistir
Em contar casos que você lê a toda hora no jornal troque
De revista de jornal ou pense que dá para trocar de vida.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Borbulhantes

A pedido de Thereza, que gosta.

Livros, livros e livros, e o despertar da cidade. Nada ruirá com livros.

Sensacional: nesta terça, dia 30 de outubro, às 19 hs, Sergio Cohn acerta mais um golaço. Dá inicio à sua coleção Azougue Editorial de pesquisa com entrevistas de grandes. Coleção Encontro. Procura que tu encontra. Nesta terça dia 30 na pizzaria Piola, free free too to, algo de Sampa, cai bem, enchanté com espumante, borbulhante como o tal, lá na Paul Redfern , aquela do fim de Ipanema, entrevistas nos trazendo de volta figuras. Saudade de figuras tais. Entrevistas de toda uma vida várias entrevistas por livros, livros no preço que dá para comprar. O seu favorito entre tantos favoritos. 20 reais.E estão lindos. Livro com entrevistas de Vinicius de Moraes, Darcy Ribiero, Milton Santos, Sganzerla e Jorge Mautner. Vou estar nesta, sóbrio, pois cavalo sobe e desce escadas, morros caem a cidade se transforma e zomba, o Padilha ganha dinheiro, a Globo faz série, e Serjão lança uma série mais séria e divertida e os Livros! E a memória! E a saúde! Salvem os grandiosos sábios de nossa história! Se minha irmã, Claudia, for e ficar duas horas no mínimo, ficarei a(en)gra(n)decido. O mesmo digo para Marcia Cibilis e demais companheiros, amigos e admiradores do Darcy Ribeiro.

4 de novembro – Lembra Paulo Roberto Tonani, Sarau Letras da Favela –Roda de poesia da Rocinha, no domingão, ao invés do Faustão,às 18:30, no Salão da AMABB – Travessa Palmas 3, quase esquina com a Via Ápia, Rocinha. Se encontrarem com o vai para casa Padilha procurando vídeo pirata, olhe para o lado e dá o famoso. Pô, o cara é um corta festa. Vai pra casa Padilha, já previa o Jô Soares faz tanto tempo. Oracular, quando o ego não tá demais, o gordo. Já iniciei meu regime e vou entrar com água e tudo na galera da Torreão.

DIA 8, de novembro, às 19 horas, Márcio-André e a temida turma da zona norte, todos armados de cultura e de paixão, querendo pegar eu bolinha e meus amigos, salvos por Luluzinha na hora certa. Luluzinha é demais! Mais Márcio e A Confraria do Vento, lançam no OI FUTURO, tudo bem? Como estava no passado? Como? Como estava no passado. Oi, o que, como estÁ – cada segundo passa a cada segundo contado, oi presente, tudo bem?, no Oi Futuro lugar que respeita, atualmente com certeza, a poesia, através do curador Alberto Saraiva, Márcio e a Turma da Zona Norte

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

compartilhando com Bolinha, Luluzinha, Chiquinho e Francisquinho, estarão conduzindo boas bolas para sua revista Confraria do Vento, a primeira impressa, a revista eletrônica já tem um tempo e é ótima, com qualharada de gente de alto nível. Márcio e sua rapaziada são lutadores, a revista não é barata pois está, segundo Marcio André, tinindo, luxuosa, e custou caro para a editora que teve lindo apoio da UFRJ. Acredito. Levo fé. O importante é dar uma passada no OI Futuro e conferir o esforço da Confraria do Vento. Fincarei minha sola, sóbria, às 19 horas. De agora em diante para quem quiser ver as palhaçadas e grosserias do Zarvoleta bêbado, a rainha looooouuuca, diria Fred Miscelania, marcarei dia e hora para entrar no êxtase dionisíaco. Borbulhante. De resto me internarei com meu poeta em seu mosteiro por seis meses. Uma borbulhante por mês, por favor, garçom mais uma, cherri, pois ninguém é de ferro.

Heloisa Buarque de Hollanda e sua Aeroplano acertam mais uma majestosa. Heloisa minha diva visionária, lança Cidade Ocupada do mui amado Ericson Pires. Nosso doutor pegou sua tese de doutorado e junto com Heloisa a transformou num livro de teoria de estante de casa e livraria e biblioteca de intensíssima inteligência e afetividade.

Com a capa homenageando a bela galera de artes plásticas do Rio. Dia 27 de novembro, ainda falta, entretanto já vou berrando memé, **dia 27 de novembro no SESC do Flamengo, às 19 horas, Cidade Ocupada, de Ericson Pires.**

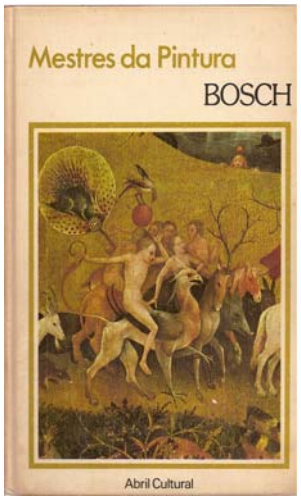
Rapidinhas mas gozosas, daquelas na escada do prédio.

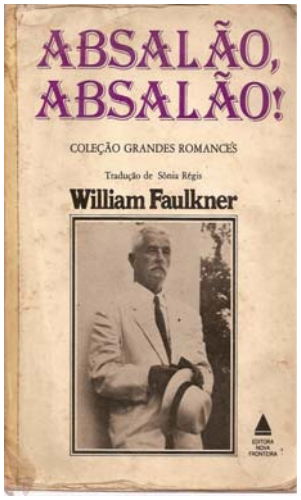
Carlos Emílio Corrêa Lima, avisa lá de Fortaleza, como o Rio tem saudade de nosso Carlos Emílio, o Estado do Ceará deveria financiar o doutorado de letras de Carlos Emílio na PUC daqui. Seria bom para a cidade tê-lo de volta. Por um tempo!, segreda Tavinho Paes. Mas C. Emílio e uma rapaziada de primeira, fala Chico Inteligência Vieira e Marcelo Bittencurt, **Lançaram 33 poetas Antologia**

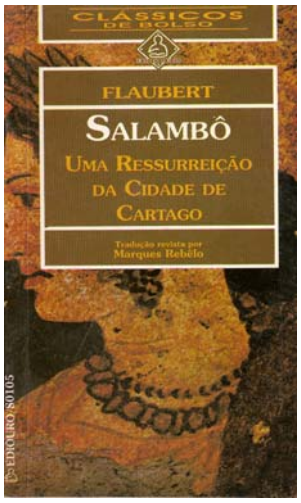
Massa Nova, no Dragão do Mar em Fortaleza..... Paloma Vidal e a rapaziada da **Grumo** lançam a número 5 da revista Argentinabrasileira GRUMO.

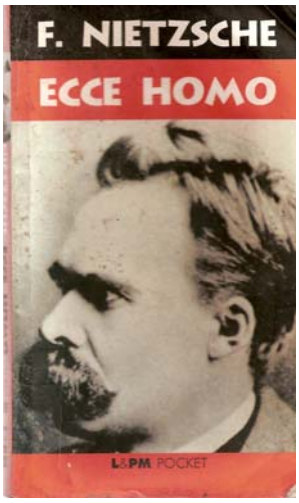
Viva Buenas...
Aqui no Rio saiu o **Ralador** também número 5. Parece ser o número da sorte do mês. Borbulhantes para Guga Ferraz e Roosivelt Pinheiro, os editores..... Quarta, 31,niver do filósofo Flávio Biolchini no Lamas às 21hs. Comidas

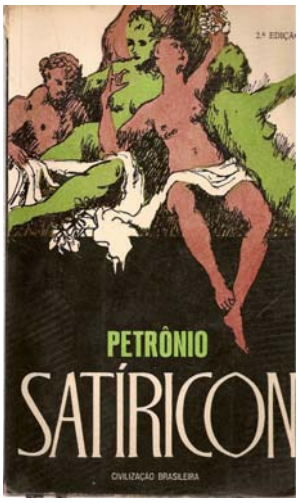
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

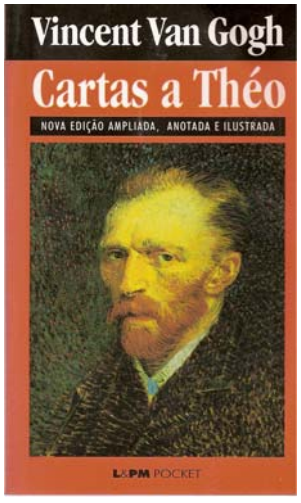












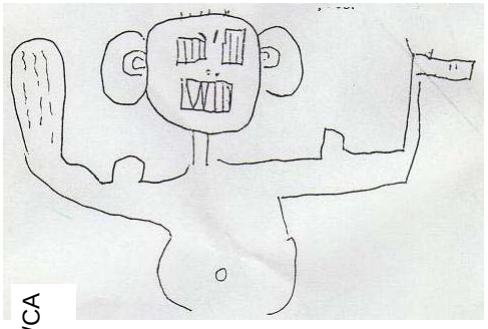
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

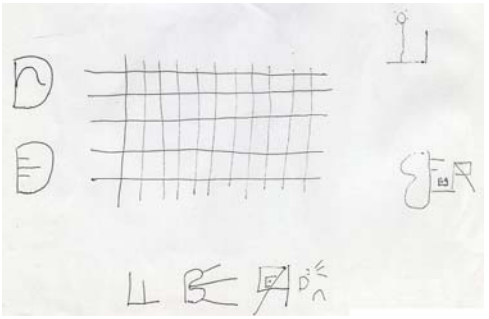
Kant..... Dia 5 de novembro, segunda às 19 hs, na Caixa Econômica da Av, Chile, lá onde é o Teatro Nélson Rodrigues, grátis too to, exposição Brasil – na visualidade Popular.Terminando, vale a pena chegar no OI Futuro e ver exposição **POIESIS** com poesias visuais e de novas tecnologias muito bem escolhidas e os filmes do ZEBRA POETRY FILM FESTIVAL. Caminhos diferentes que a rapaziada pode se inspirar. Bão já estou tontão de informação. Sorte e que se preste atenção na conversa do ãoserão. Como saber? Além de comemorar os 50 anos do sábio e VJ Maurição (Antun), achar que o mundo pode mudar e que o atual sistema, baseado na falta de solidariedade, não é too to to naturalíssimo. Vai garotada de DCES, Pires, UJS, UNE, Partidos, Posto 9, Sindicatos, ser Gauche na vida, no dizer de Drumm(ã)ond.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Mais questões

Para o pensamento escolar, incluindo a primeira fase do terceiro grau, da zona sul de estudos sobre a cultura contemporânea, tudo começa com JK e o fusca, passando pela reorganização do projeto gráfico do JB, pela entrada do concretismo, Pop e Fluxus, a luta política cultural do início dos sessenta – aí embarcando o CPC, OPINIÃO e Mostra OPINIÃO 65, Tropicália – a entrada dos militares apoiados pela classe média e a destruição do AI-5.





F 89

Já em 64, as principais lideranças da era Jango foram exiladas, só voltando em 79, com a Anistia. Os anistiados são boicotados pela nova cultura do se agarre no que você conquistou, dos 80. O Brasil de 1976 dá uma guinada. É o ano de lançamento dos *26 poetas hoje*, e seu desespero, e seu afastamento do embate com a morte de botinas do Leviatã. Ainda bem que Sergio Cohn não deixou que a memória da *Nuvem Cigana* se fosse com a morte ou caduquice dos participantes, e fez com que as pontes entre o MAM do Rio de Janeiro, o olhar irônico sobre as Dunas do Barato e a chegada do Posto 9 fossem traçadas com jeito menos solene. Agora, pode vir o livro-gap que Xico Chaves prepara, sobre o tempo da Direção do Rubens Gerchman no Parque Lage. Maria Juça faria a do tempo dela. Vivi o começo do Circo Voador. Foi em 1980 e o Parque Lage estava abandonado. Esta restauração do passado vem sendo feita sem ousadia. Os Artistas Novos Ricos e os velhos poetas não desejam deixar fluir seu alegre início. Tão bem comportados que ajudam os acostumados,aos que esqueceram o que os porcos apagaram como Orwell mostrou; os que não vão deixando a memória não ajudar a constituir o novo país que persiste em não desmoronar, como depois de uma boa análise freudiana. O pragmatismo da encruzilhada. O *Poema sujo*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

representando o fim das ilusões desenvolvimentistas com pitadas de transformação radical popular, e a mescla dos 26 de Heloisa ainda válida e cada vez mais canônica e belamente passada, e *Trate-me leão* dando voz ao novo grupo, o Asdrúbal, que dita muita moda até os dias de hoje, principalmente com a forte Regina Casé. E é 2010 e a rede Globo ainda se mantém no poder. Preferia várias TVs Futura, e haverá, e de outro lado com a Record brigando por um país mais conservador. TVs comunitárias, TVs públicas misturadas com sites propondo que faça você mesmo sua programação. Logo logo, meu irmão. E Gil é ministro da Cultura e Caetano vota contra Lula e Chico vende DVDs aos montes sobre sua vida realmente bonita, o filho da classe média idealizado. E os que cercam, principalmente o poder irradiador dos dois baianos, são agraciados pela sorte. Jorge Mautner agradece a Jesus Cristinho, é verdade grande poeta, mas faz corte à dupla de Sãos, Caetano e Gil, que tendo vivido em São Paulo no início dos sessenta se embolam com os irmãos Campos e logo depois com os Mutantes e ao mesmo tempo, pouco antes, com a irmã Bethânia e ainda com Nara. Dupla que ama Vinicius e Sergio Buarque e a Semana de 22 (principalmente Mário de Andrade) e que depois, logo depois, 40 anos depois, no Rio de Janeiro, se abraça com Jards Macalé, Torquato Neto, Helio Oiticica, que se embola com os chamados marginais. E até agora é a memória dos vencedores que fica e acho que bem fica no país cordial, “afinal a ditadura matou muito menos aqui do que na Argentina”, pensam uns, “ao menos a ditadura tinha um projeto de desenvolvimento”, dizia Caetano no seu show, no Canecão, no início dos 90. E o país do que poderia ter sido não é

Beijo para Zoy

pensado e o tempo passa e como muitos pensam a escravidão passou. E já faz mais de 100 anos e a escravidão não passou. Os a(u)(r)tistas ricos no poder com seus empregados ganhando 80 vezes menos é o natural. Seria intragável mudar a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

história quase feliz do Brasil entre 58 e 68 e, para os freqüentadores do Píer, até 72... Só que não é verdade. Ou é verdade? O Brasil de 22 era uma enorme Semana de 22 que mal saiu nos jornais do Rio pois estes estavam mais preocupados com a Feira de 22. E Ericson Pires foi o primeiro a me lembrar da tomada do poder dos modernistas simbolizada pelo hotel em Ouro Preto. E vou lendo mais e mais e de certa forma, a tomada do poder por Gil com o Tropicalismo e posteriormente os poetas marginais e, logo, o Rock Brasil dos 80. Todos têm algo em comum. Era como se só fosse possível o fio firmeza da tomada do poder dos modernistas – esquecendo o que foi devido a Getúlio Vargas, nunca engolido por muitos modernistas, vários no poder com Getúlio – inventando a Cultura Nacional em que os negros só entraram como personagens principais faz tão pouquinho tempo. sSorrrrrrrrrrio.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Anastassakis e Lancellotti

CAMILA DO VALLE:

Máquinas de legitimação

(In media res)
...Os nomes dos referenciais de saberes disciplinares para a cena desse diálogo *central* sobre culturas que até há bem pouco tempo — e ainda hoje em alguns espaços — eram consideradas periféricas(1) precisam proliferar de forma caleidoscópica. E essa proliferação também pode ir do tenso ao lúdico. Mas é uma proliferação fundamental para que no campo das idéias exista um acompanhamento paralelo do que entre instituições, organizações políticas e empresas se chama "Mercosul". E este acabou por ser um parágrafo-epígrafe.

Num artigo intitulado "Cisão portenha" e publicado em 19 de junho de 2006 no suplemento literário "Prosa e Verso" do jornal brasileiro *O Globo*, o autor termina o texto da seguinte forma:

> Seja como for, a prosa argentina contemporânea está vivíssima e quicando. Muito longe de serem fixas, as oposições falam tanto de sua força como de sua ambigüidade. Encontra-se à espera de um trânsito maior entre os leitores brasileiros, dentro e fora da universidade, *por supuesto*.

A autora que ora se apresenta se surpreendeu com o acordo repentino entre suas próprias conclusões e as do autor ao final do artigo publicado no jornal, pois havia passado todo o tempo da leitura rabiscando questões no próprio jornal e problematizando afirmações ou categorias e este era o primeiro momento de concordância.

O primeiro problema apareceu no primeiro parágrafo, quando o autor do artigo afirmara: "Do outro lado do ringue, escritores com menos preocupação teórica e abundante reclamação sobre a leitura acadêmica, que não os 'aceita'". Neste ponto: interrogação. Mas esses autores argentinos buscam essa aceitação da leitura acadêmica? Talvez esta seja uma questão brasileira, das chamadas "margens" buscarem legitimação nos chamados "centros", e centros entendidos aqui como instituições. No caso do Brasil e de seu problemático número de leitores, o "centro" é justamente a "máquina legitimadora", que é composta eminentemente por um acordo entre universidade e mercado(2). O "centro" é também o lugar onde vive o leitor. Ou melhor, "a máquina legitimadora" é sempre onde vive o leitor. No caso do Brasil, mais ao "centro". No caso da Argentina, em células coletivas espalhadas ao longo do território argentino, dentro e fora de instituições e mercado.

Levanto a hipótese de que o atual mercado de livros na Argentina, bem mais abrangente e abundante, e as correias de transmissão que põem idéias em circulação poupam, seguramente, a maior parte dos escritores editados pelas centenas de editoras dessa preocupação. Mas logo no início do segundo parágrafo, o autor da matéria do jornal usa essa expressão da qual gostei e me apropriei e que me parece servir como parte de uma resposta a ser formulada à questão problematizada anteriormente: "máquinas de legitimação". O que os escritores argentinos têm em mãos — e avanço ainda a hipótese de que eles mesmos criaram as tais — são verdadeiras "máquinas de legitimação" independentes da academia e produzidas por redes que incluem as oscilações do mercado de livros. Essas máquinas são uma verdadeira "tecnologia social".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

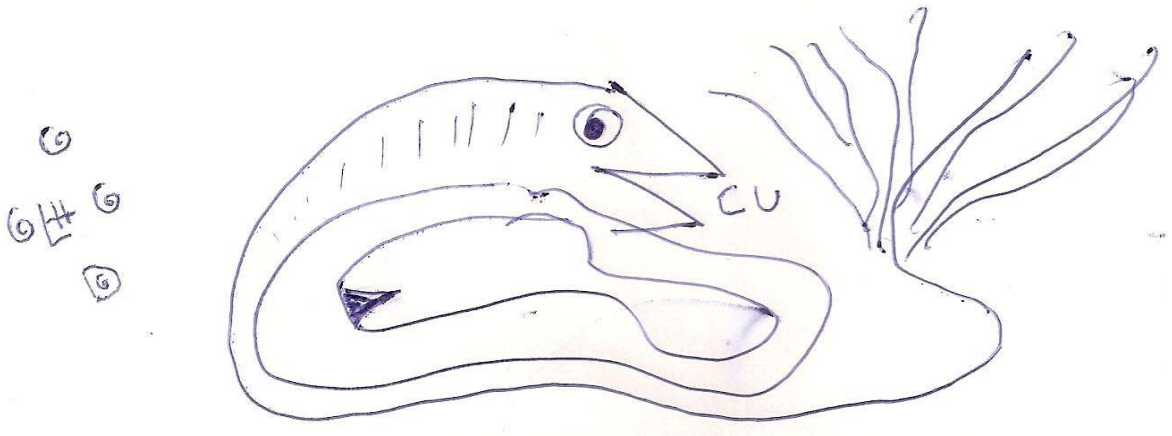
As redes argentinas são compostas de pequenas e médias editoras, *blogs* onde a discussão ferve, farta e paradigmática mídia eletrônica, cyber-cafés de preços muito acessíveis, oficinas literárias onde a criação é coletivizada, movimentos culturais que se articulam com movimentos sociais — vide a experiência da editora *Cartonera;* a experiência do movimento de poesia *Yo no fui*, desenvolvido numa penitenciária feminina; e a experiência da galeria de arte *Belleza y felicidad*: suas preocupações de articulação com códigos culturais de camadas mais pobres da sociedade —, atores sociais que são dublês de escritores, artistas e produtores culturais, ou seja, mediadores sociais e, fundamentalmente, um mercado leitor variado, promissor e aparentemente inesgotável de consumidores de projetos de literatura. Parece-me que os produtores desse sistema literário-cultural na Argentina apontam questões e soluções que as tradicionais "máquinas de legitimação" brasileiras não dão conta, pelo menos não prontamente, de acompanhar ou corresponder.

É a partir dessas constatações que acredito que a discussão da relação "sistema democrático" e "produção literária" já caminha bem mais adiantada na casa do vizinho portenho. Esta questão específica nos leva a uma visita ao *blog* de um escritor, tradutor e editor argentino no dia 04 de agosto de 2006...

1- Não creio que seja uma coincidência: há bem pouco tempo é que a América Latina tem demonstrado, em vários países que a compõem, uma tendência mais evidente à esquerda. Claro que *hay* — sempre — que ressignificar, ressemantizar se preferem, "esquerda".

2 - Há dois capítulos no livro *La batalla de las ideas*, de Beatriz Sarlo sobre o panorama das idéias na Argentina entre 1943 e 1973 que são dedicados à dicotomia academia x excluídos: "El divorcio entre doctores y pueblo" e "Contra el 'duro corazón de los cultos'". Buenos Aires, Ariel Historia, 2001. páginas 24 a 27 e 33 a 36. Chamo a atenção para este livro e para o período histórico nele analisado exatamente por encontrar fortes razões para acreditar que a discussão se põe no país vizinho em outros termos e em outros tempos, embora esses termos e essa discussão talvez ainda seja válida para o caso brasileiro. Indico também o livro *Semear Horizontes – uma História da Formação de Leitores no Brasil e na Argentina*, de Gabriela Pellegrino Soares, tese defendida na USP e publicada pela Editora da UFMG em 2007.

3 - Ver www.monolingua.blogspot.com



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Território presentes I

De resto a Globo e logo Record com talentos mais populares e de produção entediante vise, como público, o antigo Povão. O Povo Moreno de Darcy. Axé, Forró, Sertanejo, Mela Cueca. Não apareceu uma escrita popular como Henry Miller, Fante, Jack Kerouac, Jack London, Edgard Allan Poe e tantos mais no ex-irmão, defenestrado por arrogância, os EUA. Por sinal, gosto da distribuição da Globo para filmes: O *Auto da compadecida*, *A grande família* e *Antônia* são bons exemplos de mistura de produtos de televisão popular e cinema. Esmaguem Dom João escreveria um Voltaire desesperado com a falta de mobilidade social do Brasil no início do milênio. Ou a fácil cooptação ou adaptação como no caso de meu amigo e querido D2 e dizem o maravilhoso Seu Jorge. Não posso acreditar que Seu Jorge assinou o "Cansei". Gosto demais do Seu Jorge. D2 para conversar malandragem. O sorriso dos seus olhos é bom. Mas viva o funk a força FUNK.

Porco Invejoso - Coração Porco

Nasci porco. Com toda a gracinha rosa que me foi destinada e com a naturalidade de ir engordando, no meu caso numa pocilga. O dia da minha morte foi um assombro. Fincaram uma estaca no coração porco e todos se arregalaram pois não berrei. Não fui um porco com morte normal. Fiquei calado invejando a todos que sofreram mais do que eu.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Aqui em 2008, os vitoriosos pós-64, pós-79 e a Abertura Política, estão no cinema com sua potência, paixão e dinheiro, e na música, impregnando e mostrando sua bioideologia com status de inteligência e mobilização. Gilberto Gil, no Ministério da Cultura, com toda a qualidade como melhor Ministro da Cultura, ainda deixa a desejar, dada sua importância, saber e dignidade. No pior período do último governo Lula, acuado pela oposição, Gil teve uma atitude ímpar na defesa do presidente, sua presença na ONU jogando futebol ou cantando com Kafi Oonani deu dignidade a todos os brasileiros, mas Gil, que tem o temperamento do somatório tanto tropiocalista, como de outras várias vertentes posteriores e não exigiu do Presidente a verba mínima justa para sua pasta. O 1% prometido. O fim da CPMF atrasou a entrada de recursos parsaaaaaa Gil estar no nível que poderá chegar e fazer com que a Cultura seja disputadinha com triunfo pelos partidos. Caetano Veloso tocando com amigos da galera do CEP 20.000 (Pedro Sá e Marcelo Callado), Nelson Pereira dos Santos e Arnaldo Jabor: tudo muito Rio de Janeiro. O filho do filho de quem se tornou pai poderoso. “Esmaguem a maldita”, assinava Voltaire, contra a Igreja, lembra Roberto Athayde; esmaguem Dom João VI e sua patota que ainda cerca, com a ajuda da Rede Globo e seus heróis animados, a cultura da classe média brasileira, já passados mais de 40 anos do festival da Record de 1966. Os Situacionistas já escreviam claro nos anos 50. Êta gente brasileira talentosa e politicamente duradoura, no país do salário mínimo duradouro mínimo e da educação duradoura nojenta. Agora com Lula o mínimo deu uma animada e já passou dos 200 dólares. Vai ser mais. Antes, até FHC, era sempre abaixo dos cem dólares por mês: - ora Dolores! Se tiver que lhe pagar mais, terei de contratar, infelizmente, uma diarista -. E Dolores encontrou um taxista cinqüentão pintoso e resolveu ir morar em Araruama: By, By, madama, mudei..

Fernando de La Rocque

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

PAULO FICHTNER

TUMULTO SECRETO

P. Fichtner

OS LÍRIOS

a Guilherme Zarvos

Só o que me causa pânico
No momento e, inda depois
Leva-me ao desânimo,

É que trazes teus delírios,
Abrindo-me a palma da mão
E ali depositando, calmamente,

Teus desejos, utópicos lírios
Semeados em teu coração
Desde a raiz até a semente.

O que às vezes me assusta
É teu olhar de rio perene,
Que à rebeldia das margens e do leito

Em plena perfeição se ajusta,
Como se ajusta a bala ao peito
Do que sofre o tiro,

Ou o veneno ao coração
Daquele que padece
Da mira certeira
De uma espada traiçoeira.
Assim é que teu olhar parece
Quando deliras.

E eu, cheio de lírios na mão,
Do momento em que o sol aparece
Até o longo findar do arrebol,

Fico ali, a velar a passagem do sol
Enquanto dormes. Só os lírios entre os dedos
Da minha mão, em prece,

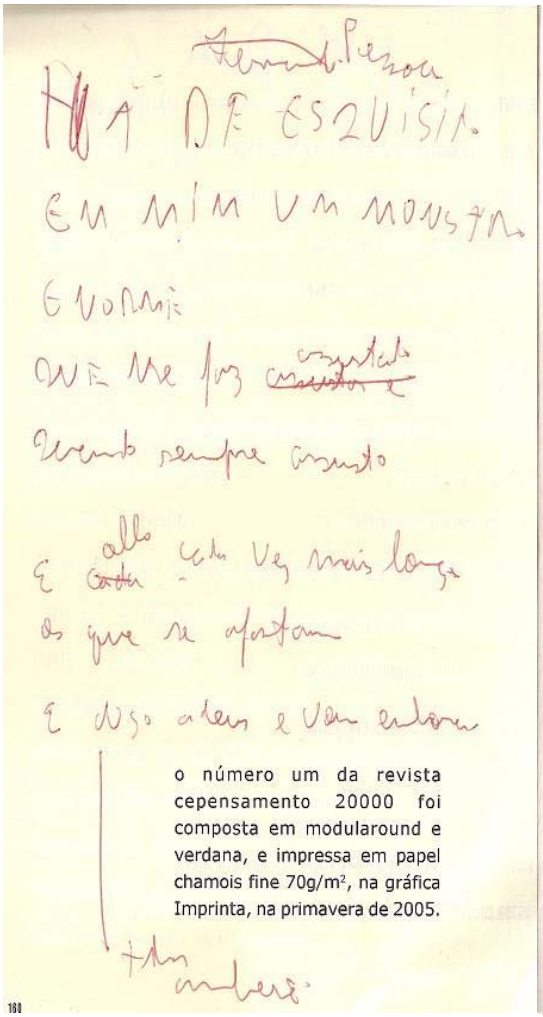
Sabem que teus desejos,
Sonhos e delírios
Um dia se darão.

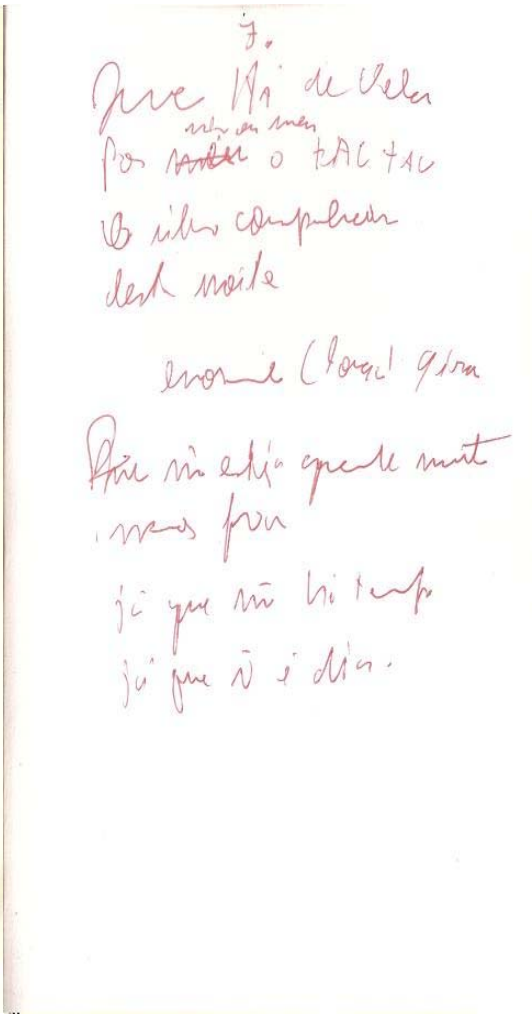
Rio de Janeiro, 15 de agosto de 2003
Baixo Gávea

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

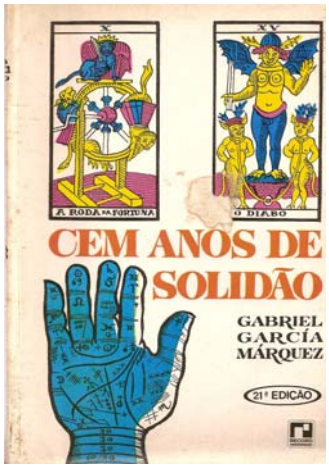
Territórios presentes II

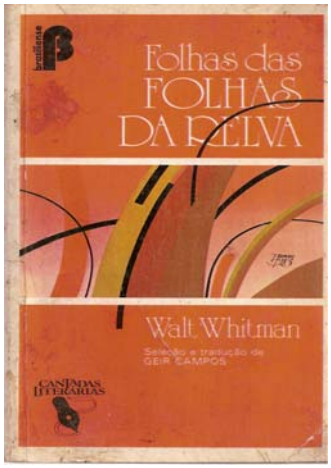
E ficou João Cabral e logo os Concretistas. É Machado de Assis e pula para os modernistas e pula para os setenta e pula para os oitenta, ainda sem saber o que vem. Nem Lima Barreto é lembrado. Nem Ângela Maria. Nem Clementina de Jesus. Nem Miltinho, nem, nem mesmo Luiz Gonzaga... Arranjar outra forma de pensar o Brasil junto com a distribuição da renda. Depois do projeto desenvolvimentista de Jango ser defenestrado com o Golpe Militar, foi à vez de os tropicalistas, já havendo um consumo de classe média para sustentá-los – sem cargos no governo. Agora, muitos, com cargo no poder. Um poder que começa a ser alcançado aos poucos, por baixo: o poder popular. Lideranças artísticas, ainda cooptadas facilmente por dinheiro, e lideranças populares caladas na bala de policiais. Mas isso é bric-brac do logo-logo. Aqui é reforçar a sensação de que, não saímos das questões nacionais. A África é aqui. Hollywood too to. E tu, qual é a?

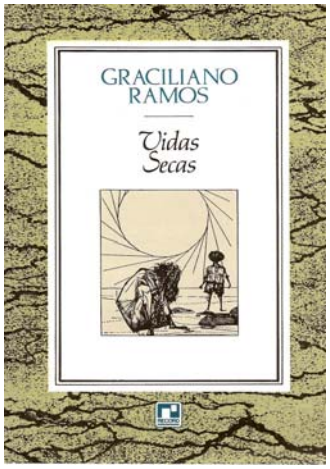


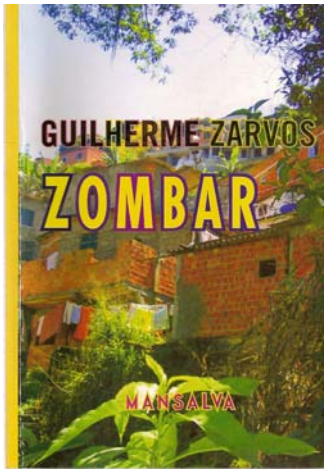


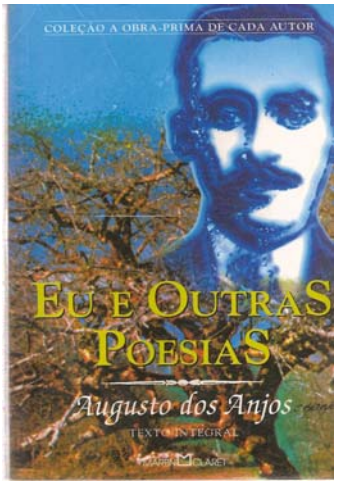
PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

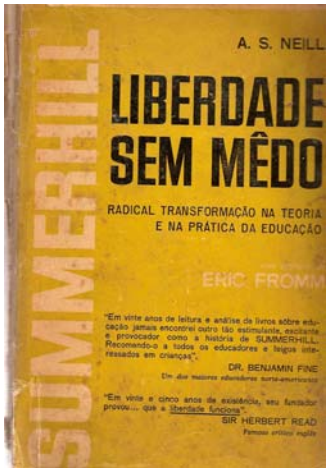


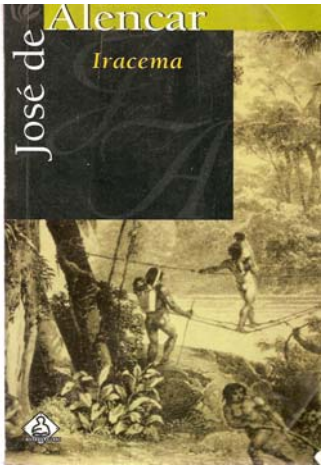












PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Conto

Entretanto conto.

A Juíza

Inácio entrou com seu terno mais bonito. Queria dar boa impressão. Seu nome não é estranho, falou a ajudante da juíza. Magra, baixinha e sorridente, Luiza se formou na PUC do Rio, onde vira Inácio tocar no Festival da Primavera. Tinha até ficado interessada nele: – me lembro, te vi tocar lá na PUC! – Inácio deu seus dados para sua quase fã e foi para o corredor do Fórum da Vara Criminal do Fórum. Tudo limpo e calmo. A estagiária do seu advogado falou que não achava que era a juíza, a fã, pois havia sido muito simpática. Inácio ainda pensou com esperança de que tudo, hoje, poderia estar indo bem para ele.

Tudo começou num bar no Leblon, Inácio já tocado. Um playboym, filho de um Poderoso não gostando de um mendigo que delirava na porta de seu prédio, jogou o cachorro em cima do mendigo, Inácio entrou no “que é que você está fazendo?”sem saber que o playboy era o vizinho do bar e filho e neto de Poderosos médios da Polícia, Exército, Ministério Público ou Judiciário, ou gente que dava sempre dinheiro para o segurança, gente mão aberta, chamados, por cada um dos garçons e seguranças, de senhor e doutor. Inácio disse que ele não podia fazer isto, que o cachorro iria morder o mendigo e o playboy disse que seu cachorro tinha direitos, o Estatuto do Animal, pois o mendigo havia desrespeitado seu cachorro. O segurança tomou seu lado, o playboy ameaçou Inácio que achou melhor ir embora. Quando Inácio ia saindo de carro, o playboy já estava dizendo para o PM Barbosa que Inácio havia agredido o cachorro sem motivo, o segurança afirmava que Inácio desacatara a todos com palavrões, o PM disse e o garçom que era amigo do segurança que confirmou que Inácio estava fora de si, pois embriagado, e o PM levou Inácio, Playboy , segurança, garçom e cachorro para a DP. Eles ficaram demorando num depoimento entre eles, já havia um segundo policial e todos afirmaram a mesma história. Demorava muito e Inácio falou que queria ir embora e o policial da DP disse: o preso tem direito a um telefonema.

Inácio não acreditou mais, viu que era sério e chamou um advogado, amigo de um amigo, pensando que não era nada. O advogado chegou e disse que tinha de pagar

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

fiança e depois o caso foi encaminhado até chegar na juíza: Embriaguez. Falaram que ele estava dirigindo bêbado, todos viram, no volante, o desacato à lei. Nos autos, constou que Inácio havia tratado rudemente o cachorro e seu dono Cachorrão. Inácio andou ouvindo que ele era filho de um Poderoso, até matador se necessário. O preço do amigo do amigo advogado, podendo ser pago em 18 meses, era mais caro que o carro – "mas está abaixo da tabela" e é muito trabalho –. Falou o advogado charmoso, amigo do amigo.

Hoje é o julgamento.

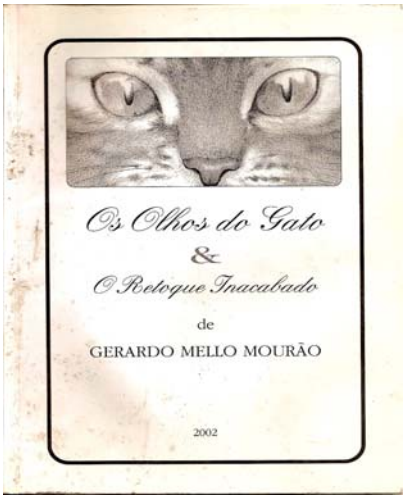
ABAIXO A DITADURA
DEIXEMURUBUSSABIÁSBORBOLETASCIGARRASEPASSARINHOQUEB
EBEUDAFONTEVOAREM

Realmente a fã não era a juíza. A juíza era um tribufu com cara de poucos amigos. Inácio perguntou, achando meio inconfortável a posição da cadeira. Posso mexer a cadeira? A juíza de caras de amigos muito cara da juíza, com seus bigodinhos e cabelo mal-arrumado, com ódio nos olhos, parecia personagem da Janete Clair. A excelentíssima tremia ao sentar no seu cadeirão e o advogado olhou e fez um sinal para que ele mantivesse a calma, quando ele mudou um pouco a cadeira e a juíza falou ríspido "deixa a cadeira no lugar"e Inácio viu que a tarde não era para ele e a cor da tarde era a da luz branca do Fórum da Juíza Despenteada, da Juíza Gorda e com um buço avançado. Sua Excelência deve ter achado o ar-condicionado ruim. Começou a pingar em seus trajes-de-baiana e no processo. Piorou quando caiu de sua colher um pedaço de mamão papaia. Era gula pois vinha o sorvete a seguir: - Traz logo que não deu para o lanche. Não está vendo que estou entalada de processos?! Sua assistente falou com a assistente da Poderosa e o lanche foi servido até o fim. Inácio querendo falar e a juíza com bolo de aipim entupindo boca e nariz. O advogado do Inácio ficou emudecido pois da coisa ruim poderia sair uma voz de prisão junto com um arroto. A Juíza iniciou o inquérito e enquanto Inácio tentava argumentar, ela interrompia e ele pedia se poderia - Excelência, explicar melhor sua posição - e ela com um sonoro não e da boca parecia que havia saído um arroto. Por fim ela disse um simples pessimamente educado e autoritário: – Pare de falar -. O advogado havia lhe dito que Inácio teria amplo direito de defesa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

- Só quero argumentar que o maior símbolo do Brasil sempre foi financiado por cerveja, que meus amigos não sabem desta, lei – Juíza ríspida: Há, Há, Há...para que estudam – ? A lei foi aprovada em 97, pune de seis meses a três anos o motorista embriagado e com desacato piora. No anúncio ninguém fala, é: se beber não dirija. Não fala da lei, deve ser para não estragar o ânimo do brasileiro e sua cervejinha, já que é o PM que identificará o biriteiro e a lei criminal não especifica quantidade, diferente é o caso de leis de punição chamadas administrativa: - Leva que a carteira é tua, pensou Inácio quando Barbosa, na delegacia, lhe retirou o documento com um leve sorriso. Ai, não molha a mão do guarda não, vai dar prisão...

Já deu para entender o que é o judiciário hoje para o Inácio que pode pagar ou vender o carro e pagar. E para a parte do povão, que a chama de Vossa Meretríssima? Ao invés de Meritíssima ou outra honraria mais apropriada. Excelência, o advogado sopra doce, como seu perfume caro, no ouvido de Inácio. Estamos em 2008, logo vão terceirizar os presídios. Tratar melhor os presos. Até lá é chapa quente, coisa de doido, do diabo. Qual o caminho que vamos seguir? A juíza tremia. O advogado depois falou que provavelmente ela estava passando por problemas, que ser juiz criminal é terrível. Não me importa, a mal-educada não pode tratar alguém assim. Será que trata mal o marido porco como ela? Vestida de trabalho de santo de umbanda, as banhas formando o mar que quase matou Ulisses, uma santa barata comprada em Aparecida do Norte e ela comia sorvete e sujava o processo de sorvete e ela comia mamão e sujava o processo de mamão. Era nepotista e corrupta. Não alta corrupção, mas já juntara dois milhões em aplicações e tinha um belo apartamento em Icaraí. Passou 5 anos em prisão domiciliar com vista para o Rio de Janeiro.



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Renato Resende – A Escrita da Sinceridade:

Fica claro o caráter heterotópico do CEP 20.000 em relação ao *mainstream*, o projeto carrega consigo também algumas marcas características dos movimentos pós-modernos. Uma delas é a diluição das fronteiras entre as artes (fronteiras estas ferozmente guardadas pelo conceito de especificidade de cada gênero artístico promovida pelo projeto modernista). Outra, não menos importante, é a sua relação com o poder. Ao contrário das vanguardas modernistas, que lutavam umas contras as outras e contra os movimentos culturais e artísticos que as precediam, num constante esforço pela hegemonia cultural e embate entre inovação e tradição, num momento pós-modernista os bens culturais da tradição elevam-se à mesma plataforma do possível ao lado das novas tecnologias e todas (ou quase todas) as escolas artísticas, que se tornam "produtos" disponíveis por seu mero valor de uso, liberadas de sua carga histórica[62], enquanto "a tendência é a busca da separação entre saber e poder: o saber não deriva do poder, o saber está à deriva em relação ao poder. O poder não é a meta, o que se busca é a autonomia"[63].
Mas assim como a valoração igualitária de todos os bens culturais promovido pela estética pós-moderna não representa necessariamente uma perda em relação às conquistas modernistas nem tampouco uma submissão à indústria cultural e ao poder dos meios de comunicação em massa, a separação entre saber e poder não acarreta obrigatoriamente uma postura apolítica, uma incapacidade de separar o joio do trigo. Pelo contrário, pode significar uma atitude fundamentalmente política. São conhecidas as relações entre ideologia e estética, e não são poucos os autores contemporâneos que têm se dedicado a estudar as implicações do advento da estética na cultura ocidental (desde que o termo foi cunhado por Baumgarten em 1750, ou seja, na aurora do Iluminismo, da modernidade) e suas relações com a política, a estrutura social e a forma como o homem experimenta o mundo e a si mesmo. Assim, o crítico literário marxista Terry Eagleton afirma na introdução de seu *A ideologia da estética*: "Meu argumento, *latu sensu*, é de que a categoria do estético assume tal importância no pensamento moderno europeu porque falando de arte ela fala também dessas outras questões, que se encontram no centro da luta da classe média pela hegemonia política. A construção da noção moderna do estético é assim inseparável da construção das formas ideológicas dominantes da sociedade de classes moderna, e na verdade, de todo um novo formato da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

[62] Dou como possível exemplo a recente publicação (em outubro de 2006) de livros individuais de três jovens poetas membros do coletivo "Os sete novos". Os amigos Domingos de Guimaraens (também artista visual e performer), Mariano Mariovatto e Augusto de Guimaraens Cavalcanti lançaram (durante um evento do CEP no Sérgio Porto) e promoveram seus livros juntos, muito embora cada um deles parta de extrações poéticas diferentes e (até o final do século 20) antagônicas: Mariano da vertente modernista culta de Pound e Eliot e dos concretistas paulistas, Domingos do simbolismo (ignorando de certa maneira tudo aquilo que parece caro a Mariano) e Augusto de uma tradição mais recente do pop e da melhor poesia de extração marginal (leia-se Ana Cristina César). Ver Rezende, Renato. "Boas estréias de um coletivo poético singular", caderno *Prosa & Verso*. OGlobo, 16/12/2006.

[63] Coelho, Teixeira "Pós-modernidade: 'paradigma de todas as submissões'?" em *Moderno pós moderno*. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 216. O autor continua: "Não há heróis e vanguardas na autonomia; uns e outros prevêem o fenômeno da filiação, da subordinação, enquanto na autonomia o que há é um suceder simples de movimentos que se ligam por coordenação. Na autonomia existem apenas os co-manianos, como na utopia de Fourier: todos coexistem, assumidas como tais, fugindo da monomania neurótica, terrorista. A vanguarda e o herói, assim como o poder, são desnecessários".

subjetividade apropriado a esta ordem social."[64] Para além do uso da arte como mensagem política ou da estetização da política (como apontado por Benjamin), há uma relação mais profunda e visceral entre o estético e o político. Essa relação há anos tem sido o foco de estudo de Jacques Rancière na Universidade de Paris VIII. Segundo ele, existe na base da política uma estética que determina maneiras de estar em comunidade, que aponta aqueles que tem competência para enunciar, que determina o teor da experiência dos espaços e dos tempos. "É a partir dessa estética primeira que se pode colocar a questão das práticas estéticas, no sentido em que entendemos... como formas de visibilidade das práticas da arte, do lugar que ocupam, do que fazem no que diz respeito ao comum. As práticas artísticas são maneiras de fazer que intervem na distribuição geral das maneiras de fazer e nas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade". [65]

A proposta do CEP 20.000 é política no sentido mais originário do termo, ao propor uma nova forma de relacionamento, criação e fruição artística entre os cidadãos da cidade, da *polis*. Essa proposta (possivelmente não única ao CEP 20.000, mas efetivamente tentada pelo CEP) inclui uma mistura democrática de pessoas e da apresentação de seus produtos artísticos sem a passagem por um crivo seletivo prévio; a promoção de uma indiscernibilidade entre os gêneros artísticos (teatro, performance, música, literatura, etc); a dissolução das fronteiras entre arte erudita e arte popular (poesia falada ou canção x poesia culta); uma fruição coletiva e participativa e também – antenado com a tendência pós-moderna –, a transposição da barreira entre arte e vida[66], entre *atitude* e produção artística. Atitude coerente entre vida e discurso sempre teve Chacal (pilar fundamental sempre presente no palco e nos bastidores do CEP 20.000 desde a primeira hora até hoje) e seus companheiros da Nuvem Cigana[67],

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

[64] Eagleton, Terry. *A ideologia da estética.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Tradução de Mauro Sá Rego Costa., p. 8.

[65] Rancière, Jacques. *A partilha do sensível – estética e política.* São Paulo: editora 34, 2005. Tradução de Mônica Costa Netto,. p. 17. Nesta obra, Rancière define a partilha do sensível (conceito cunhado por ele para estabelecer as bases das relações entre estética e política) da seguinte forma: "Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha".(p. 15).

[66] Aproximando-se, como bem nota Terry Eagleton em *Teoria da literatura – uma introdução* (São Paulo: Martins Fontes, 2003; tradução de Waltensir Dutra), de "um ressurgimento, em nosso tempo, da vanguarda radical que tradicionalmente perseguia esse objetivo" (p. 319). Talvez não por acaso, ao apresentar seu excelente *Regurgitofagia* no teatro Sérgio Porto, em 2004, Michel Melamed, vestido numa túnica negra de mártir, mendigo e monge, lembrava imediatamente as figuras inesquecíveis das vanguardas européias do início do século 20: o dadaísmo de Tzara, mas mais que Tzara, Hugo Ball, recitando seus poemas sonoros. (Ver Rezende, Renato "*Regurgitofagia* – a poesia expandindo suas fronteiras", caderno Idéias, Jornal do Brasil, 11/09/2004).

[67] Para uma história detalhada da Nuvem Cigana, ver o livro organizado por Sérgio Cohn, *Nuvem Cigana – poesia & delírio no Rio dos anos 70*. Na introdução, Cohn declara: "A Nuvem Cigana, através de suas Artimanhas, realizou de maneira sistemática, pela primeira vez no Brasil, a poesia moderna falada... Nas Artimanhas, a poesia pode finalmente se libertar da solidão do papel para se tornar uma manifestação coletiva. Para usar a feliz expressão de Chacal, o Brasil descobriu 'a palavra propriamente dita'", p. 5. Outra boa fonte de informações sobre a Nuvem Cigana e outros grupos da chamada 'geração mimeógrafo' dos anos 1970 é *Impressões de viagem*, de Heloísa Buarque de Hollanda.

indubitavelmente um movimento precursor do CEP e também, a seu modo, uma heterotopia. Essa coerência existe em Guilherme Zarvos de maneira mais radical na medida em que seus textos – o próprio *corpo* de sua literatura – são constituídos pelo lugar de confluência entre a poesia, o discurso político, o relato biográfico, o apelo ao diálogo, à missiva, ao manifesto e outras vozes[68], numa mistura de gêneros e intenções que por sua vez se confundem com seu trabalho como performer[69] e ativista cultural.

Num dos ensaios da sessão "Políticas dos poetas" de seu livro *Políticas da escrita*, Jacques Rancière analisa o lugar do lirismo na poesia moderna. Segundo o pensador francês, a tripartição dos gêneros poéticos entre trágico, épico e lírico foi uma manobra retrospectiva feita pelo pensamento romântico, que inseriu o lirismo no par clássico tragédia/ epopéia, pretendendo que ele (o gênero lírico) já existia em Platão e Aristóteles. Na verdade, porém, ainda segundo Rancière, o advento do gênero lírico foi a expressão estética/política de uma poesia não representativa que, por assim ser, recusava o controle filosófico e político implícito no esquema representação/enunciação dos gêneros trágico e épico. Para Rancière, "o lugar do lirismo é um lugar vazio nesse esquema, o de uma poesia in-significante ou inofensiva porque não é representativa e porque não coloca nem esconde nenhum desvio entre o sujeito poeta e o sujeito do poema".[70] Assim sendo, ao investir nesse lugar vazio, o lirismo mina os antigos esquemas de representação/enunciação e suas estruturas políticas implícitas e propõe uma nova partilha do sensível[71]. Tomando consciência de si mesma, a poesia, no lirismo, cria uma "co-extensividade" entre o *eu* (o eu lírico) e seu discurso, e permite uma forma de o poeta constituir-se e, ao mesmo tempo, como ressonância de seu canto, constituir seu interlocutor, o leitor. Ao investigar a poesia de Charles Baudelaire em seu já clássico *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*, Walter Benjamin indica como o poeta parisiense radicaliza ainda mais essa função do lírico, já então embotada, ao, em *Flores do mal*, pela primeira vez "usar na lírica palavras não só de proveniência prosaica, mas também urbana"[72], transmutando o léxico lírico e fazendo dele uma alegoria. É nesse mesmo sentido revolucionário e renovador, e portanto político, que eu leio o lirismo e o confissionalismo exacerbados de um livro como *Morrer*, que ao ser publicado, em 2002, não recebeu nenhuma atenção da mídia ou da crítica, embora seja, em minha opinião, um dos mais potentes livros de poesia publicados no Brasil nas últimas décadas. Em *Morrer*, que é dividido em duas partes, "Morrer" e "Transbordamento", Zarvos faz de si mesmo um personagem, o Zarvoleta, ao mesmo tempo

[68] Ver Rezende, Renato, "Zarvos, a liberdade pela palavra escrita", caderno Prosa&Verso, OGlobo, 13/11/2004.

[69] Ver, por exemplo, *Muro Burro / esmaguem D. João VI*, vídeo registrando a performance de Guilherme Zarvos e Domingos de Guimaraens (com a coloração de André Brito, Marcus-André, Cecília Pavon, Renato Rezende e outros) no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC) durante o evento "O museu como obra de arte", domingo 29/04/2007, com a curadoria de Cláudia Saldanha.

[70] Jacques Rancière. *Políticas da escrita*. São Paulo: editora 34, 1995. Tradução de Raquel Ramalhete, p. 107. O ensaio no qual Rancière desenvolve essas idéias intitula-se "Transportes da liberdade (Wordsworth, Byron, Mandelstam)".

[71] O lirismo moderno deveria então ser pensado, em primeiro lugar, não como uma experiência de si ou uma descoberta da natureza ou da sensibilidade, mas como uma nova experiência política do sensível ou experiência sensível do político." Ibid, p. 108.

[72] Walter Benjamin. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000. Tradução de José Carlos Martins Barbosa/ Hermerson Alves Baptista, p. 96.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

teatralizando e sendo absolutamente sincero em seus arrebatamentos/desesperos/reflexões e esperanças. O livro termina num misto de posicionamento e diálogo com o leitor (que é sempre tratado como um ser consciente e inteligente) – estratégias típicas da literatura de Zarvos – que transcende quaisquer questões meramente autobiográficas (embora sempre as use como trampolim):

> Você está louco: Quanto mais você se envolve
> mais você se envolve.
> Então é isto. Outro dia li uma autobiografia em
> que o importante formador de opinião escreve
> que tem uma atração pela beleza masculina, mas
> que na prática não realiza a experiência homossexual.
> Enquanto isso pipocam nas noites do Rio histórias
> de seus affairs com jovens esbeltos.
> Pergunto-me, como ficcionista, tendo toda a liberdade
> de expor situações bizarras, deixando ao leitor a opção
> de acreditar, o motivo que levaria um escritor a manter
> uma versão falsa sobre sua sexualidade se ninguém é
> obrigado na sua autobiografia a falar de todos os ângulos
> de sua vida: – Só pode ser caso de mãe ou pai vivos – arrisca um amigo.
> Acredito que exista um espaço em relação ao sexo
> e às drogas, com todo o sofrimento que possa surgir
> com sua materialização, que o Estado e os moralistas
> não detêm a legitimidade de se arvorarem punidores
> implacáveis.
> Daí **Uma Contribuição Para o Conhecimento da Ação**
> **De Minorias.**
> O mundo pode evoluir para uma sociedade mais permissiva
> e fraternal. Tratando os transbordamentos com compreensão
> e solidariedade.

Na referida entrevista inédita para a revista Azougue, Zarvos advoga a favor de uma "estética da sinceridade". Em um email do dia 03/06/07 o poeta elabora sobre o tema da seguinte maneira: "A estética da sinceridade é a tentativa de pensar as máscaras e deixar as máscaras moldarem. Porém tendo o compromisso ético que todos os humanos merecem. [...] A estética da sinceridade pode fugir da autobiografia, da escrita confessional sem pulsão. Tem algo de sado-maso..., o poder de encantar, mas tem o ser pedagogo e crente no futuro melhor. O universo das palavras de colaboradores que não querem que o mundo seja mais libertário, o poder, que varia através da grande mídia e as vanguardas desligadas dos necessitados; sempre estará sendo feita ação para necessitados, mas a completa e obscena junção que o Moderno conseguiu amalgamar até o presente é injusta e ignóbil. Daí a sinceridade para dizer a verdade momentânea e para utilizar a Máscara, mais uma máscara. A sinceridade pode jogar com a força do outro como um lutador de jiu-jitsu." Tal estratégia de desmascaramento, de uma consciência da máscara inevitável, e de sua utilização para o alcance de uma experiência mais genuína, parece ressoar e responder às proposições para uma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

superação da estética defendidas por Giorgio Agamben em seu *O homem sem conteúdo*. Grosso modo, segundo o filósofo italiano, cujo conceito de *vida nua* é um dos três tópicos propostos pela Documenta de Kassel de 2007, o julgamento estético, tornando-se o pólo predominante da cultura ocidental a partir de Kant, esvaziou a arte de todo o seu conteúdo, ou seja, de sua capacidade de transmitir e compartilhar uma experiência.[73] Desta forma, nada seria mais urgente do que a destruição e superação da estética e o resgate da arte em sua função originária (no sentido da *poiesis* grega, arte como pro-dução: dar presença a algo; ou modo de verdade compreendida como desvelamento) para desviarmos de um destino niilista.[74] Para Agamben, a arte contemporânea é mais efetiva quanto mais logra desmascarar suas próprias estruturas, deixar a nu os fundamentos do edifício estético, e apontar para suas falhas e fissuras, transcendendo a dimensão do juízo estético e superando a distância entre a coisa a ser transmitida (a experiência, o conteúdo) e o ato de transmissão.[75] Através de uma prática literária neste sentido fundamentalmente *anti-estética*, a obra de Zarvos procura o contato com o Outro e o emprego de uma palavra que, trazendo-o para perto de si, num verdadeiro corpo a corpo, possa em última análise transformar as relações sociais.[76]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

[73] "Art is now the absolute freedom that seeks its end and its foundation in itself, and does not need, substantially, any content, because it can only measure itself against the vertigo caused by its own abyss." Giorgio Agamben. *The man without content*. Standford: Standford University Press, 1999. Tradução de Georgia Albert, p. 35.

[74] "Perhaps nothing is more urgent – if we really want to engage the problem of art in our time – than a destruction of aesthetics that would, by clearing away what is usually taken for granted, allow us to bring into question the very meaning of aesthetics as the science of the work of art" Ibid, p.6. "The examination of aesthetic taste, then, leads us to ask whether there might not be a link of some kind between the destiny of art and the rise of that nihilism that, according to Heidegger's formulation, is in no way a historical movement like any other, but which, 'thought in its essence, is… the fundamental movement of the history of the West'". Ibid, p. 27.

[75] "The extreme object-centeredness of contemporary art, through its holes, stains, slits, and nonpictorial materials, tends increasingly to identify the work of art with the non-artistic product. Thus, becoming aware of its shadow, art immediately receives in itself its own negation and in bridging the gap that used to separate it from criticism, itself becomes the *logos* of art and of its shadows, that is, critical reflection on art." Ibid, p. 50. "An inadequation, a gap between the act of transmission and the thing to be transmitted, and a valuing of the latter independently of the former, appear only when tradition loses its vital force, and constitute the foundation of a characteristic phenomenon of non-traditional societies: the accumulation of culture." Ibid, p. 107.

[76] Tal possibilidade me lembra as proposições do misterioso pensador americano Hakim Bey, que, num curto ensaio/manifesto denominado "Pornografia" do seu livro *Caos – terrorismo poético & outros crimes exemplares*. São Paulo: Conrad, 2003. Tradução de Patrícia Decia e Renato Rezende, afirma coisas como: "Para nós, a ligação entre poesia & corpo morreu junto com a época dos bardos – lemos sob a influência de um gás anestesiante cartesiano.", "No Oriente, às vezes os poetas são presos – uma espécie de elogio, já que sugere que o autor fez algo tão real quanto um roubo, um estupro ou uma revolução.", "Se os legisladores se recusam a considerar poemas como crimes, então alguém precisa cometer os crimes que funcionem como poesia, ou textos que possuam a ressonância do terrorismo.", "Os Estados Unidos oferecem liberdade de expressão porque todas as palavras são consideradas igualmente insípidas. Apenas as *imagens* contam...", pgs. 31-32

Ação comum I

Hino de Amor a Jarbas Lopes: pego o ônibus, salto na parada 22, em Maricá, passo na casa do Jarbas Lopes, Ana me diz que ele está no sítio, que foi com Marcos, que o encontro no caminho, que, me explica, fica logo ali. Jarbas está lá em cima e entro no portão do Bela Vista. Com medo de cachorros mordões, caminho fazendo barulho, não estou com medo, vou cantando ou chamando pelo Jarbas para que dê tempo de correr caso o mordão me mire. Nada. Tudo é paz no sítio com gramado com subida com árvores quase centenárias. Lá em cima, tendo já visto Jarbas olhando a vista da lagoa na rede, me emociono com a oficina mirante de Flavian. Um penetrável de madeira, vermelho, uma casa ateliê, formalmente moderna, com quatro pequenas torres, entrada de luz, espaço para um casal dormir, depois, Jarbas me mostra. Fazia tempo que desejava rever Pascal Flavian através de seu trabalho. Sua doçura está na minha casa com um dos seus cadernos e a lembrança de pontos espalhados pelo mundo, de Lojas/Museus, encontros de artistas andarilhos e solidários. A Loja/Penetrável CEPensamento (20.000) vai estar nesta lista no dia 14 de julho. A queda da bastilha em relação ao CEP 20.000. Ali, no entanto, no encanto do sítio de Jarbas o trabalho de Flavian encanta, poderia ser uma Loja, um ateliê. Mas os implacáveis cupins devoram a madeira e a bela casinha algum tempo depois ruirá, como as baias lá da chácara em São Paulo, como o corpo e muita memória. Restarão fotos, espero, que não sumam como nas fotos do Solar da Fossa, que Jards Macalé me prometeu mostrar e ainda não apareceram. Toninho Vaz está para publicar a história do Solar. Não poderia estar em melhores mãos: Biógrafo competente e corajoso. Por enquanto vai, ABRACADABRA Apareça Solar da Fossa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Solar da Fossa

- De volta ao Rio de Janeiro, tornou-se um dos "moradores" do SOLAR DA FOSSA. 1966 para alguns, como Rogério Duarte, por exemplo, foi o período da euforia, da efervescência, da eclosão da Tropicália, que aconteceu no Solar Santa Terezinha, mais conhecido por Solar da Fossa desde o dia que Fernando Pamplona mudou-se para lá para curtir a fossa da dor-de-cotovelo de um casamento desfeito. Era um mítico casarão branco, com esquadrias azuis, em estilo colonial, que ficava bem perto da Cervejaria Canecão, na encosta do Morro da Babilônia, no Bairro Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro.

- Originalmente, em meados do século XIX, o lugar serviu de residência para o vigário geral do Rio de Janeiro. Mais tarde, dirigido por freiras, foi transformado em asilo de idosos e pensionato para moças até virar uma espécie de apart-hotel. Por uma providência divina, veio cair nas mãos de dona Jurema, uma senhora loura, de olhos azuis, que os moradores mais bem humorados comparavam à escritora George Sand por causa de seu gosto por charutos.

- A responsável pela portaria e tesouraria era a dona Lourdes que, num respeito incomum, jamais incomodava os hóspedes, a não se por motivos expressos de trabalho. Um das primeiras moradoras foi a dona Beth, conhecida como “quebra-galhos” por ministrar remédios aos doentes, cuidar dos passarinhos dos viajantes e, como tinha telefone, objeto raríssimo por lá, anotava os recados para os vizinhos, num total de 85 apartamentos, que compunham os vários corredores do Solar da Fossa. Como dona Jurema não exigia fiador para o aluguel de 200 cruzeiros novos, muito barato em comparação a outros lugares, vários artistas em início de carreira foram morar lá e o Solar da Fossa se tornou, em pouco tempo, uma espécie de lenda da cultura brasileira.

- Rogério Duarte[1], que, de tanto visitar Caetano Veloso, tornou-se um dos moradores do Solar da Fossa, recorda o ambiente e o período: “A arte brasileira lá no Rio daquela época tinha de um lado os cariocas, filhinhos de papai tipo Cacá Diegues, Nara Leão e tal, e tinha os nordestinos, que estávamos começando a carreira naquela época... A gente morava no Solar da Fossa. Os bacanas moravam na Vieira Souto. Nara Leão morava na Vieira Souto. Nunca ela iria morar no Solar da Fossa. Mas nós, nordestinos, Caetano, Gil, Gal, Bethânia também - Zé Keti, Paulinho da Viola, Chico Buarque de Hollanda, Edu Lobo, Francis Heime, Duda Machado, Arnaldo Jabor, Odete Lara, Paulo Diniz, Carlos Pinto, Paulo Leminski, todo mundo que penou até se dar bem, passou pelo Solar. Toquinho, Gutemberg Guarabira, os integrantes do Grupo Vocal, MPB-4, os atores como Maria Gladys, Cláudio Marzo, Betty Farias, Miriam Pérsia, o letrista Abel Silva. Não digo que era um lugar de miseráveis ... Quando morei lá eu era Diretor de Arte da Editora Vozes. Não era um lugar assim lenhado, mas ... Em geral atores, a nordestália de gente é ... que tava mal começando a carreira na Globo ... quase todo mundo da Globo passou por ali. Uma miríade de artistas globais também passou pelo edifício. E ali aconteceram coisas muito interessantes e terríveis ... algumas ... jogo de pôquer roubado no apartamento, altas bacanais, surubas memoráveis e coisas terríveis, Ahhhhh ... algumas inconfessáveis... Lá, mantive diálogos extraordinários com Torquato Neto no apartamento onde Duda e Caetano moravam. Torquato não morava lá, já era casado, mas não saía de lá. Nunca me esquecerei de um dia em que a gente saiu ali e o Solar tava cercado pelo exército... O Solar foi demolido, já na década de 70, pelos militares para dar lugar ao Shopping Rio Sul. Confesso que 1966 foi o período da euforia, da efervescência, foi um período áureo. Um período de grande euforia criativa onde os cartazes de cinema, muitos deles foram feitos ... as capas dos discos da Tropicália foram feitas nesses anos entre 65 e 68 que antecederam a minha prisão. Foi a eclosão da Tropicália, que acontece justamente lá no Solar da Fossa, uma antiga sede de fazenda no bairro de Botafogo, que virou precursor dos atuais apart-hotéis na cidade do Rio de Janeiro no fim dos anos 60”.

[1] Duarte, Rogério. Entrevista concedida a Narlan Matos, publicada na Revista Purtunhol, Universidade de Koln, Alemanha, em 2002. E em depoimento ao autor. Por Kenard Kruel.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Ação comum II

Tem muita gente que gosta de esquecer o passado. Jarbas me convida para sentarmos debaixo de uma árvore, os cachorros com raça de rua – mansos, doces como as árvores, as ruas e o sítio – se acomodam e iniciamos uma longa conversa que vai deixando o escurecer e bichos de mato que voam e que picam aparecerem e a meditação do Jarbas vai sem pressa aparecendo e vou entendendo mais meu amor e o que nos une. A proposta do mestre para um encontro para uma fala em São José dos Campos. Vai aparecendo na fala de Jarbas inteligência que me contagia, a do artista plástico: para além da razão.

F 90

F 91

F 92

F 93

A primeira vez que vi o Jarbas Lopes foi no seu acampamento, de barraca estilo MST organizado, sentado como hoje, conversa que vai e vem, no Circo Voador. Vogler estava lá, senti emoção pela fala afetiva e desencontrada, com muitas pausas, que normalmente não é a fala do poeta, carregado de palavras e pressa. Poeta urbano. E fui seguindo as peripécias do poeta manual visual plástico papel tinta bicicleta, fuscas, circo, dança, poeta Jarbas Lopes, por esses anos até a conversa com o sopro já saído do inverno de setembro em Maricá. Minha ansiedade vai indo embora: – Vc sabe que sou positivista, no sentido de considerar muito a história cronológica. – Que é isto Zarvos, não acho que nossa conversa lá seja sobre meu trabalho, é sobre política, acho –. As palavras saem da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

boca do Jarbas com uma iluminação jovial. Até me esqueço que não temos muita diferença de idade. Eu 57, ele 64. Uma eternidade de diferenças de identidades que vão se atenuando, amalgamando, misturando discursos e ritmo, criando cumplicidade, entendimento, consolidando o saber. Jarbas Lopes propõe o futuro. Neste momento mudar o tempo: bicicletar, andar a pé, respeitar seus filhos e o que é Público. Jarbas estudou em escola pública em Austin, Nova Iguaçu, minha querida Austin e hoje seus filhos estudam em escola pública em Maricá: – Que isso de escola particular –, fala com a voz calma e alegre, – vai moldar a vida dos filhos como saber para passar de ano e começar um trabalho de que eles nem sabem se gostam e um tipo de vida de que nem sabem se gostam – vai meu resumo do seu resumo. Integridade. E não que isto não contenha estratégia de ação. Há um planejamento e um comando na ação do Jarbas. Tive a alegria de ser convidado para a primeira viagem dos três fuscas três cores, o Troca-Troca, e ri e trabalhei muito num ritmo de dança fréerica, com Luís Andrade e todos os amigos com quem convivi em três dias. Dormindo em lugares comunitários com 15 pessoas, em diferentes cidades, dividindo salas e quartos comuns. Afetividade no precário. Bom comportamento sem coerção. Sua filha de treze anos, Janaína, tem um dom supra com deliciosa inteligência, fala comigo como se fosse de sua idade, minha idade, me desmonta e remonta. (Picasso diz que não se deve ouvir elogios, tira energia. Dalai Lama defende.) Sua mulher Anna, gentil e carinhosa, o moleque é ainda moleque. Seu pai é também Jarbas. Jarbas é o Jarbinhas, tem muito em comum com seu pai, quem foi bem criado. Assim, Jarbainhas cria tão bem. Músico, que viveu de fazer festas no auge das discoteques, o Jarbas pai nos passou toda viagem (rota Van) – Rio- Conselheiro Lafaiete, Rota 2 BH- Inhointi – educação e sabedoria. A arrogância não mora nessa rota. Encontro sensitivo e portador de atenção. Curiosidade arguta e alegre – alegria gera alegria – como nos gentis happenings da Gentil Carioca. Ponto fundamental de saber e de generosidade neste Rio de demandas sempre por realizar.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

A Gentil Carioca

Dirigida pelos artistas Laura Lima, Márcio Botner e Ernesto Neto, a GENTIL já nasceu misturada para captar e difundir a diversidade da arte no Brasil e no mundo. Crê que cada obra de arte é um cadinho cultural com potência de irradiar cultura e educação. Assim como pensar, fazer, documentar e transformar a história, a GENTIL é um lugar para revitalizar contextos, sejam artísticos ou políticos. Seu endereço fixo toma lugar de concentração e irradiação da voz de diferentes artistas e idéias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

F 94

F 95

F 96

A GENTIL também preconiza a ampliação do campo de ação potencial da arte ao estimular a rede de colecionadores e amantes da arte em geral. Quer potencializar novas formas de convivência com ela e intensificar o debate crítico-artístico, atento às inúmeras delicadezas de seu pensar, sua sagacidade, seu sentido criador e transformador.

O incrivel painel acima de Fernando de La Rocque foi acusado de pornográfico. Gerando à Gentil Carioca a necessidade de se explicar na delegacia.

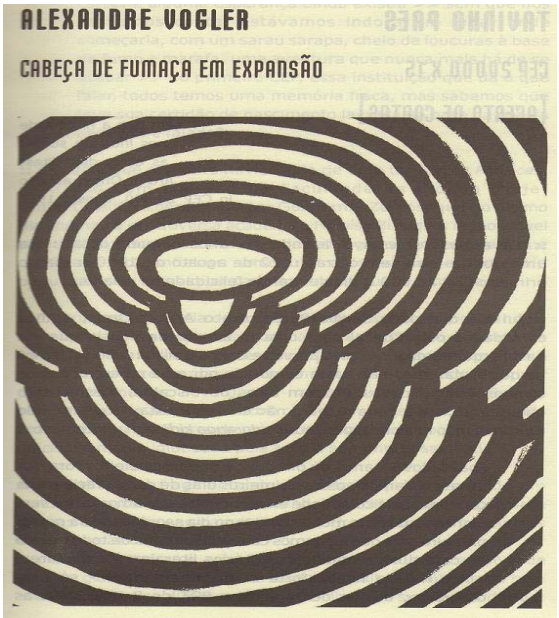
F 97

Ontem, A Gentil fez 4 anos e havia, sei lá, quase uma centena, como um belo bosque, de artistas plásticos convivendo em gentileza. Salve Gentileza e o Grupo Boato. Axé para Dado Amaral, Beto Valente, Cabelo e toda a rapaziada! E mesmo com o ritmo feérico da cidade grande, na Gentil a naturalidade impera. Também fui, hoje, depois da Gentil, à maravilhosa apresentação dos Babilaques do Waly Salomão, na Oi Futuro, com seus excessos de grades e seguranças, mas que conta com a amizade acolhedora de Alberto Saraiva. A curadoria do Waly é do Luciano Figueiredo, o melhor do Waly finalmente mostrado. Waly Salomão, Ernesto Netto, Hélio Oiticica e Jarbas Lopes, seres penetráveis e penetrados, passam a ser, nesse meus três dias, quase a mesma pessoa. Gente que amalgama. Cada um com seus cada um. Inesquecíveis.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Ação comum III: Jarbas Lopes F 98

Visitamos o interior do trabalho de Flavian, vimos o entardecer, Jarbas falou do perigo que ronda Maricá preservado, os cachorros dormiam, fomos descendo no chuta pedregulho, e tomamos lanche em família. Vamos para seu ateliê e aí a memória de seus trabalhos vai aparecendo, tudo é delícia. Pego umas das suas revistas energéticas, e vou indo embora. Vou bebendo meu guaraná, substituidor decerveja, em direção à estrada para voltar ao Rio pelas ruas de terra, e ouço um grito longe do ateliê:- Vai de Guaraná! Pego um ônibus, estou cansado e satisfeito, para Niterói, comparando a estrada de noite com a Avenida Brasil do início dos 80 descrita por Jarbas. Tenho, na lembrança, a imagem seu rosto contando que aos 17 anos, viu a entrevista de Darcy Ribeiro feita por Roberto D'ávila, era tempo de curiosidade por tudo, já não bastavam pipas, futebol, gatas e bolinha de gude. Nem as festinhas dance agitadas pelo pai. Passou a estudar economia, publicidade e artes, um belo seguidor, de alguma forma de Darcy, como Darcy adoraria saber. Meu Mestre amado, propulsor deste hino, Jarbas Lopes. Daqui a três dias irá para Oregon passar mais de um mês. Quem sabe levará "O Jogador" na bagagem e convidará seu pai, eterno sonhador, para mais uma despedida em Las Vegas. (Rio, 2007)



PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

FERNANDO DE LA ROCQUE:

Guilherme,
eu sei que você não é milionário, e que gasta mais do que pode, mas também sei que, se você quisesse, e confiasse um pouco em mim, poderia ter muito mais dinheiro, eu já te disse que você tem uma marca excelente (embora você discorde ser uma marca o CEP20.000), que está no mercado há 17 anos, que tem um conteúdo não só consistente, inteligente e interessante mas também importante, que reuniu milhares de artistas (que como eu começaram do zero),mas infelizmente, Zarvos, o CEP ainda não cresceu, ainda é um adolescente rebelde de calças curtas, e anda mal das pernas.

cara, a roda gira, o Brasil tem o direito de progredir, temos muito pouco pra o nosso tamanho, queremos mais!
corre, zarvos, estamos atrasados.
todos queremos conforto, os artistas cansaram de serem vistos como os coitadinhos, os fudidos, os marginais. artista tem conta pra pagar, família pra ajudar, e também gosta de restaurante, de coisa boa, de conforto. artista quer apito. e se não ganha, o pau vai comer lá fora, porque geralmente o artista é mais reconhecido fora do que aqui dentro. no Brasil tem que morrer pra ter valor.
se quer saber o que acho, acho que marginal é o caralho,eu sou um profissional, e estou me profissionalizando cada dia mais, eu olho pra frente, não tenho nostalgia nenhuma quanto menos do que eu não vivi. esse negócio de ser romântico funciona muito bem pra quem nasce rico. eu preciso trabalhar. tenho quase 30 anos, não quero ser mais um Peter Pan.

o Negócio agora, Guilherme, é botar as idéias na mesa, temos tantos meios de comunicação quanto pessoas pra consumi-las. vamos, eu te convido, vamos sair da garagem, que tal um rolé no jardim? que tal uns frutos? você plantou tão bem as sementes que eu to aqui, com o posicionamento de um profissional, que com muito esforço diário, se convence em acreditar que o amanhã existe e que tudo pode melhorar. vamos, Guilherme, corre, estamos atrasados.

o toque da impressora, da encadernação e da ilustração da capa.

Quando você quiser, estarei disposto a fazer seu reposicionamento, porque aposto na sua idéia, aposto em você, e no cep 20.000.
Já conversamos um pouco sobre isso, na sua varanda, ano passado, quando ainda não tinha patos lá.

Desejar sorte é perda de tempo. Temos que abrir os olhos, o que está acontecendo?
veja - o que está acontecendo!" (e.p.)

sobre a tese, cara, eu acho que você tem que fazer tudo nela, tudo, não deixa ninguém tocar, deixa tua marca em tudo, você tem desenhos maravilhosos, lindos, ponha um desenho seu na capa, vai por mim.
Se quiser, te dou uns toques, como dei ir.
Quando você acordar, me liga pra a gente ir pro jardim.

Abraço de filho, e de pai

Fernando de La Rocque[77]

[77] E-mail enviado por Fernando de La Rocque.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Ação comum IV

Maior calor, vou dar uma saída e fumar um cigarro. Por que não deixam o ar condicionado ligado
Hum..
Não, não pode ser.
Mas pode. Eu liguei pro guichê.
Não pode não – e vira-se de costas.
Mas eu liguei pro guichê – fala mais alto.
Pode não – fala de costas.
Chega outro que fala baixinho: é que ele é claustrofóbico.
Quem, o cachorro?
Não, meu irmão.
Mas qual o problema do cachorro ir no bagageiro, será que ele agüenta?
Não agüenta.
Vai no bagageiro ou não vai. Já estou dando uma facilitada. O motorista voltou.
Mas o cachorro é claustrofóbico.
Não, claustrofóbico é meu irmão. Vai ficar preocupado, vai passar mal.
Então tá – deixa com o apoio da torcida.
Entra o irmão claustrofóbico no ônibus.
Troca de olhares estranhos entre homens e cachorro e os outros passageiros.
O problema é que ele é claustrofóbico.
Mas e aí?
Chega a senhora.
Mãe, o que fazemos?
Pega o cachorro lá dentro que ele é claustrofóbico.
Volta o irmão com o cachorro e o irmão claustrofóbico.
Volta o irmão claustrofóbico para seu banco – ainda bem que o cachorro ficou, diz como
Se pedisse desculpas.
O que vai acontecer com o claustrofóbico sem o cachorro.
Moral da história.
Mas Camarada, o fulano é um ladrão. Não é bom como você fala.
Camarada, falei que o fulano é bom, mas é capitalista.
No bagageiro o galo preto embrulhado, amarrado com barbante e jornal
Já nem cacarejava de tão fraco. Poderá servir para despacho ou para almoço
Ao molho pardo.
A senhora do rádio de pilha atrás ouve a pastora:
– Jesus disse que os filhos acabariam matando os pais. Este caso da menina;
Pai matar filha é coisa de possuído.
Os outros dois companheiros de viagem na frente conversavam quando foram
Presos, ele venezuelano e o outro brasileiro, ambos nos EUA, por evasão de
Divisas. Não se conheciam, ficaram amigos e, hoje, fazem negócios seguros
com malas transportadas por ônibus.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

HELMUT BATISTA:

CEP – Helmut, eu te conheci, deve ter sido em 89, você já atuava com arte pública em Viena. Como é que era o trabalho?

HB – Eu em 88, estudava ópera. Eu não conhecia nada do sistema brasileiro de artes. Eu já tava há 6 anos fora do Brasil. Eu saí do Brasil em 81 para fazer engenharia e fui parar na Europa vendendo biquíni e fui parar em Viena na Ópera de Viena. O caminho é longo, não entra em detalhes. E fui parar no que chamam de Intervenção Urbana. Por um acaso.

CEP – E houve perseguição?

HB - Às minhas primeiras "intervenções urbanas". Passava algumas noites me escondendo dentro de um supermercado e mudava as etiquetas de garrafas, escondido a noite, etiquetas que eu havia preparado anteriormente. Dava para mudar milhares de garrafas. Era época das primeiras máquinas de fotocópia coloridas que me possibilitavam xerocar barato durante o dia e fazer as intervenções.

CEP – E, nessa época, não tinha filmadora nos supermercados?

HB - Viena não era uma cidade de grandes supermercados com filmagem. E nem existia esse tipo de equipamento direito, e ninguém nunca me pegou e não tenho documentação para isso, mas as intervenções eram perfeitas, como se fossem garrafas de vinhos e garrafas de leite.

CEP - O Marcio André gosta muito do Banky que é um cara que, entre outras ações, fez, desde o final dos anos 90 anos, fez ações parecidas como colocar bichos tipo besouro com minúsculas bombas num museu de história natural: um "mosquito bomba". No Brasil, nessa década, também temos exemplos de intervenção e de ações públicas como a de Guga Feraz. O que você via no Brasil quando chegou em Artes Plásticas?

HB - Quando eu voltei, em 97, voltei por causa de mamãe que tava doente.

CEP -Como de um espaço privado você passou para um espaço publico. E como eram as intervenções?

HB – Primeiro, teríamos que definir o que é espaço privado e o que é espaço público. Eu me pergunto, por exemplo, o cartaz da *play boy* apesar de ser um espaço privado, tanto espaço físico da publicidade, tanto a própria revista, o domínio dela na psique nacional, ao meu ver ela se torna pública. E Ela vive no espaço público. E o publico no Brasil é bem diferente do que em Viena. Ilegal no Brasil, é praticamente ser legal, e em Viena é o contrário. Portanto essas questões do espaço público também depende do seu contesto e, portanto não dá pra analisar isso de uma maneira globalizada. Ao interferir num espaço publicitário em Viena, eu estava dentro de uma pisque nacional cometendo um delito, aqui no Brasil, praticamente todos nos estamos cometendo um delito de alguma maneira. Então olhando dessa perspectiva, as intervenções eu nem vou defini-las como públicas nem como privadas, dentro do contexto desta entrevista, mas como ações de nível político, artístico, cultural.

CEP – Já, nos anos 90, quando passei a conviver mais com você, desde o começo você tinha proposta do coletivo e o primeiro deles foi em 98?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

HB – Em 98, depois de 1 anos de volta ao Brasil, eu inauguro o Espaço Capacete, que na época se chamava espaço P, com os artistas Ricardo Basbaum e Ana Infanti, dentro de um apartamento aqui no bairro do Flamengo.

CEP – Você morava no apartamento?

HB - Sim, morava com outros 2 amigos, um apartamento coletivo.

CEP – A idéia de coletivos, já vinha de Viena ou foi um chamamento do Rio?

HB - Eu nunca pensei nessa questão do coletivo como uma partida de uma proposta. Quando a gente age como artista ou agitador cultural a gente sempre tem o coletivo dentro do consciente. Afinal de conta tudo que queremos é conversar.

CEP – Além dos encontros que você continua a promover, como você participa da rede dos artistas residentes?

HB – A questão dos residentes é uma tentativa de inverter a nossa identidade nacional, afinal de contas o Brasil foi feito de imigrantes, e dês da ditadura quebrou o fluxo de imigrantes. A principio estamos no fluxo contrário da nossa própria identidade. E a proposta de trazer residentes de outros países é quebrar isso.

CEP – Você nasceu em que ano?

HB – 64.

CEP – Seu pai inicialmente foi perseguido?

HB - A gente teve que se exilar em 67, eu tinha 3 anos de idade.

CEP – Darcy me falou que seu pai no governo Jango tinha uma proposta de construção de algumas hidrelétricas de menor porte que daria mais energia que Itaipu e não acabariam com Sete Quedas, você sabia disso?

HB – Não.

capacete@capacete.net

CEP: O pai de Helmut é Eliezer Batista. Um dos maiores engenheiros e planejadores do Brasil.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

AIMBERÊ CESAR:

1. Marcia X e Alex Hamburger

Em 1983, Ana Cavalcanti, ex-namorada do Mauricio, apareceu em nossa nova casa no Grajaú, acompanhada de Márcia X[78], sua parceira no projeto de intervenção urbana "Chuva de Dinheiro".

Nesta chuva performática, várias notas de dinheiro de cerca de 2 metros eram jogadas do alto de um prédio na Cinelândia. Acabei participando desta performance, que foi meu primeiro gesto de aproximação do universo da arte contemporânea. E isso em plena década de 80, em que se dizia só existir pintura.

Foi amor à primeira vista... Logo depois, no Morro da Urca, já com a participação do Mauricio Ruiz e do Alex Hamburger, fizemos a performance "Motim no Cruzeiro", um desdobramento da idéia do super-dinheiro, do super-valor.

Assim começou uma parceria, que duraria por muitos anos: Aimberê Cesar, Mauricio Ruiz, Marcia X. e Alex Hamburger.

Produzimos muitas performances, instalações, vídeos e horas e mais horas de papo sobre filosofia, política, vida e arte. Fundamentalmente, o que nos unia, era a idéia da desconstrução de conceitos estéticos e comportamentais. O corpo-presente como ferramenta para a quebra de expectativas e tabus.

Éramos um grupo que se auto-ajudava, mas mantínhamos bem claras as nossas individualidades, de forma que, apesar de nos falarmos diariamente e fazermos vários trabalhos juntos, dando apoio, teorizando e discutindo sobre os trabalhos uns dos outros; nunca nos assinamos enquanto um grupo e sempre tivemos trabalhos bem distintos.

2. The Zés Manés[79]

Formado em 1986 por mim, Márcia X, Alex Hamburger, Mauricio Ruiz e Ricardo Basbaum, tocávamos instrumentos que não dominávamos. "The Zés Manés" era um grupo de libertação sonora e comportamental: – uma subversão na lógica do espetáculo.

No Museu da República, no evento "Arte Contra a Fome", levantamos as camisas para mostrar nossas barrigas desnudas, com pneuzinhos e outros volumes.

Num CEP de 1991, contando com mais meia dúzia de Zés Manés, gritamos SOCORRO, em coro com a platéia. – Palavra proibida de ser berrada em vão...

Essa catarse do SOCORRO libertado foi nossa última apresentação.

3. Zona Franca

Algum tempo depois do Segundas Urbanas, conversando com o artista plástico Edson Barrus, tivemos a idéia de fazer um evento multimídia com o objetivo de radicalizar na experimentação.

Ele me apresentou ao Alexandre Vogler, Guga Ferraz, Roosivelt Pinheiro, Adriano Melhem e Ducha, que tinham um espaço/ateliê, na Fundição Progresso.

[78] http://marciax.uol.com.br

[79] http://zen-nudismo.1br.net

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Juntos, no início de 2001 fizemos o Zona Franca[80]. O evento acontecia todas as segundas, na Fundição Progresso, que se mostrou um espaço perfeito para nossas intenções iconoclastas.

O Zona transformou-se rapidamente no evento mais underground da cidade.

Acontecia de tudo, artes plásticas, performance, dança, poesia, música, vídeo, etc.

A cada edição tínhamos alguns convidados para abrilhantar a noite, e uma parte aberta à participação do público (Lance Livre). Tudo com entrada opcional a R$ 1,99.

O evento durou um ano e provocou grande interesse no circuito das artes, em virtude de seu caráter anárquico e imprevisível.

Era literalmente uma zona aberta à experimentação artística, sem nenhum tipo de preconceito. Esta foi sem dúvida a experiência mais revolucionária da minha vida.

Anos depois, em 2006, o Projeto Zona Franca, através da curadoria do Ricardo Basbaum, foi parar no museu alemão Württembergischer Kunstverein[81] em Stuttgart, como exemplo de Coletivo Brasileiro.

4. Alfândega

O sucesso do Zona Franca gerou frutos: Os dois "Alfândega"[82] – mega eventos multimídia, no Armazém 5 do Cais do Porto, organizados por mim, Vogler, Guga e Roosivelt, com patrocínio da Prefeitura.

O Alfândega gerou um ambiente de confraternização entre artistas de diferentes áreas, com um público diverso, que ia de intelectuais a estivadores do cais, passando por surfistas, dondocas e jornalistas, entre outros. Uma espécie de sonho, cheio de situações inusitadas.

Mais de 1500 pessoas, entrada franca, com iluminação, sonorização, UTI móvel, brigada de incêndio e até equipe de seguranças a nossa disposição... Um evento com ótima repercussão na mídia, chegando a ser indicado como um dos destaques do ano de 2003 pela crítica d' "O Globo".

Alfândega 15/01/2003 > público

Márcia X e Ricardo Ventura > poralelepípedo

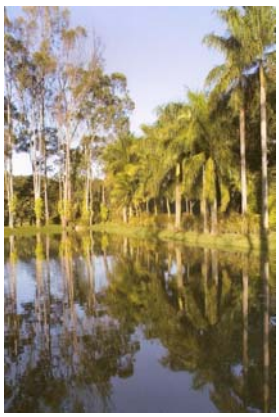
[80] http://welcome.to/zonafranca
[81] http://www.wkv-stuttgart.de
[82] http://paginas.terra.com.br/arte/aimberecesar/alfandega

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Ação comum V: Inhotim

Volto a Inhotim. Da primeira vez que a vi não vale. Estava sob a égide da batuta do Maestro Jarbas Lopes, levei uns 2.000 xerox de variados poetas e artistas plásticos para distribuir em BH e nas pequenas paradas que iríamos fazer. No arredor de Brumadinho, onde fica a obra. Panfletagem CEP. Trabalhei ardentemente e cumpri minha palavra de estar sóbrio. Os fusquinhas, símbolo do Brasil e mais ainda de Minas Gerais, contagiavam os passantes. Luis Andrade e Abel, filho do Jorge Duarte, iam dando gás e no outro fusca, Jarbas acenava para que a cobra de brinquedo não ganhasse outra forma. A troca de acenos, o sorriso para os três carros-circo. Mas confesso, estava cansado. Quando chegou no último dia, dia da apresentação para o público em Inhotim, descansei bebadoricando e o jardim magnífico e a obra True rouge do Tunga foram as perplexidades que se mantiveram explosivas no meu cérebro demente. Tinha de voltar para Inhotim antes de terminar a tese. Desta vez com o Fernando de La Rocque. Ônibus da madrugada e um hotel na zona da prostituição. Local mais boêmio de BH. Andamos das 9 da manhã, abertura do espetáculo, até às 5 da tarde quando todos em Inhotim merecem descanso. Inhotim é uma das obras imperdíveis do Brasil, junto com a Floresta Amazônica, a Floresta Atlântica, o Rio de Janeiro com Pão de Açúcar-Praia-Cristo-e-Salgueiro-na-rua, o Centro Histórico de Salvador e o Pantanal.

F 99



F 100

F 101

Inhotim supera até as Cataratas do Iguaçu e os Pampas Gaúchos. O artista que criou tal espaço chama-se Bernardo Paz. Ele é alegre e tem cabelos revoltos brancos. Não sei quando deixou de ser empresário para se tornar artista. A

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

amizade com Burle Marx e o gosto estupendo dos dois para a criação do jardim. Bernardo continuou contratando paisagistas de igual qualidade para juntos irem desenhando 25 hectares e depois mais. Sem ter a grandiosidade do Jardim Botânico ou dos Jardins desenhados no envolta de Versailles. Mas o verde de Inhotim, as escolhas das tonalidades verdes, fortes, escuras, vibrantes, em nenhum desses dois jardins pude sentir. O artista Bernardo e suas equipes criaram um coração pulsante verde, explosão de um desabrochar de uma buceta se abrindo. A convivência com Tunga levou Bernardo ao mundo da Arte Contemporânea. Danado Tunga! Além de ser, junto com Niemayer, um dos maiores artistas

F 102

F 103

F 104

plásticos vivos, ajudou a criar o Sergio Porto, tem ajudado uma galera de novos artistas e agora a sua contribuição para a tomada de consciência do artista Bernardo Paz. A galeria que homenageia Tunga flutua na beira de um lago moderno. A transparência de suas paredes deixa sem vontade da aproximação com a obra. As paredes nos protegem da obra e vice-versa. Viver o vermelho. Mas Bernardo Paz não para aí. Criou para sua amada, Adriana Varejão, a merecida homenagem-tempo-templo, já com a arquitetura contemporânea que está no bom tamanho para aguçar quem for conhecer. Só vi um ato de amor, proteção e intensidade desta forma no Taj Mahal. Mas aqui o amor é de artista para outros artistas vivos. Vou me oferecer como amante para o Bernardo e ganhar uma jóia, não como esta, não mereço, nem como a do Tunga, não mereço, mas como amante do distúrbio merecerei jóia proporcional. Lá em cima, o planetário Tunga, a cobra circo Jarbas, uma obra incomum de Waltércio e jardins que as fotos podem apenas demonstrar. Arquitetura, paisagismo, arte contemporânea, educação, muita educação. Para além do artista, do ambientalista, me enche de felicidade a educação a educação a educação de cada uma das pessoas que trabalham no projeto; o perfeito design dos objetos que cercam todo o jardim. Tudo tem a marca do artista Paz e, como objeto único da humanidade, a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

arquitetura de base moderna se mistura com o jardim explosivo, com dezenas de artes magníficas, sendo as bem tratadas salas lindas de Adriana, Cildo e Jarbas Lopes marcas de como se deve, quando se pode, apresentar um artista. Minas deixou de ser um retrato na parede. Quando Gil terminar seu tempo no ministério, com a sabedoria em que Mitterrand presenteou a França com Jacques Lang, o próximo Presidente pode colocar um artista depois da saída de outro grande artista. Do magnífico artista da música para o magnífico artista das plásticas.

F 105

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

A explosão do genero

para Ericson Pires

História do créu

Patos, Patolagem, tapinha no pau debaixo do calção pode. Lembranças dos 17 e do créu-créu de sapos e da juventude em flor. Mocinhas com mocinhas, rapazes e seus amigos, dois deles, volta e meia, deixam suas namoradas em casa para sair com a louca que grita e quer mais de um. Créu-créu. Na primeira, o rapaz que convidou a moça não queria que o amigo visse sua bunda e resolvesse fazer sacanagem, na terceira, era tudo peladão e muito créu... sei lá quem com quem, não estava lá. Foi o da calça fechada que contou querer, estranho, diferente, o rolo a três uma vez por semana. Melhor quando o Pó de Arroz ganha. Com uma moça.

F 106

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Milharal

Vendo troco e dou
Todos meus bens simbólicos
Por 300 ha de milho 1 namorado
E 2 filhos
Livros aos milhares e quadros =
Milharal

Namorado mecânico

Filhos esperança

Procuro Seguro Bancário para tal empreitada

Apenas 1 livro por dia. Apenas por hoje

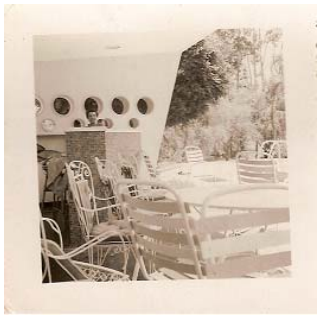
Biblioteca Pública museus há avidez juvenil

Dentista 2 vezes por ano. Posto de saúde

Luz elétrica piscina morna

Trato por e-mail.

*



* Babilaque PG.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Mais um dia de 117. As surpresas da transformação recente, que vai vindo do crescimento simbolizado pela Parada Gay. Fui uma vez, fiquei na casa do Tarso Augusto, vendo toda a família de São Paulo, pai, mãe, bebê, tomei vários leite de moça com cachaça, tomei muita cerveja, dancei muito de baixo da faixa orgulho, descobri vários prédios modernos, um do Niemayer, lindo, que não conhecia, o Copan. Sempre exagerado, neste dia estava tinindo. O Centro de São Paulo, passeado, tomado, transeuntes, bem diferentes dos que via

apressado no viaduto do Chá ou Anhangabaú, escolha o nome. Uma nova São Paulo festeja como só na São Silvestre ou na Fiel. Ou no dia 24 horas de Cultura. Explode de alegria. São Paulo ganha cor e ritmo. Chego na casa do Tarso, numa das ruas que dão na Augusta; depois do leite moça com cachaça com gosto de São Paulo pobre. Como um sanduíche gorduroso do Bar Moda da esquina, o sanduíche é horroroso. Os barbudinhos são paulistas, mas tudo é a nova São Paulo e tudo gira mistura de cachaça e batida de leite horrorosa e sanduíche gordurosíssimo; chego na casa do Tarso, que estava no Rio, um amigo dele jornalista, horrorizado, me vê vomitando do quarto ao banheiro, e depois para que não ficasse um nojo, limpa o chão do carioca sem vergonha.

DEU NO SITE[83]

[83] http://pt.shvoong.com/humanities/1715967-hist%C3%B3ria-da-parada-gay

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

A bandeira com as cores do arco-íris, que simboliza a comunidade gay em várias partes do mundo, também estará na festa. Mas este ano trará uma novidade: as cores verde e amarelo serão agregadas como um pedido de respeito e paz para os brasileiros e brasileiras e, claro, em uma homenagem ao Mundial 2002.
Em 1996, teve um ato na Praça Rooselvelt, em São Paulo, que reuniu cerca de 300 pessoas. "A grande maioria era de travestis e drag queens, pessoas que não têm problemas com visibilidade. Não têm medo de se expor", conta Lula Ramires, que participa da organização da parada desde o começo.
No ano seguinte, 1997, a manifestação juntou 2 mil pessoas e já no formato de passeata desfilou pelas ruas paulistanas festejando e reivindicando maior respeito para a comunidade GLBT.
Em 1998, 8 mil pessoas e, em 1999, 35 mil cidadãos tomaram as ruas da cidade. Em 2000, os militantes organizaram uma série de eventos que antecediam a parada. Para eles, educar é preciso. O desafio foi vencido: 120 mil pessoas celebraram o orgulho naquele ano.
Em 2001, o evento, segunda a polícia militar, traz 200 mil pessoas para as ruas e junto com a multidão desfila a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy. Além disso, surge o Gay Day no parque de diversões Hopi Hari que levou 8 mil GLBT às montanhas russas, rodas gigante e afins.

Já a edição de 2005 levou entre 1,8 milhão (dados da polícia local: estimativa de assistência às 17:00 locais) e 2,5 milhões (dados dos organizadores: estimativa de participantes durante toda a parada) de pessoas preenchendo por completo a Avenida Paulista em São Paulo. Em 2005 o tema foi "Parceria Civil Já: Direitos Iguais, Nem Mais Nem Menos"(...) A Parada do Orgulho GLBT de São Paulo é considerada por alguns como o evento que atrai mais turistas àquele estado, ficando atrás apenas do Carnaval do Rio quando falamos de turistas internacionais.[84]

Nunca como gay, queer tão alegre borboleta, me senti assi
ido na de São Francisco em 95, foi um lixo como a maioria das paradas produto. Em Fresco, vários vestidos, sem a elegância do Carnaval em Veneza, muita família protestante, com filhos de poderiam estar na Disneylândia, numa programa de domingo, maçã do amor e coisa e tal. Protestantes-não, acostumados. Católicos-não, reprimidos. A do Rio de Janeiro é engraçada mas pouco politizada. Gay putatia. Sou mais o Carnaval. Já tem mais de dez anos que, em frente do bar Garota de Ipanema, na Vinícius, tinha o amassódromo: umas setecentas pessoas

[84] http://pt.wikipedia.org/wiki/Parada_do_orgulho_LGBT

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

se amassavam e um penetrável de corpos suados de carnaval e desejo se mantinham compactos como uma água morna. Modernidade Líquida. Corpo tomando a rua inteira. E no vem vai do espaço líquido, todos se lambuzando de outros, parte do mesmo. Os mais afoitos atravessavam a rua e sentiam corpos, beijos, todo mundo sem camisa. Very gay my friend. Comecei a notar que mudava o paquidérmico desejo ainda hoje majoritariamente Controlado. São Paulo assumiu a Parada como realização sua. O típico votante do Mario Covas, a família paulista contemporânea. O Pós-moderno, os Estudos Culturais. Uma festa. A Av. Paulista tomada e a enorme bandeira no meio tocando eletro, as bibas dançando e muita rapaziada e suas namoradinha e seu violões com capa gasta-punk e os skates.

Mais um dia na 117, faz dois anos, por aí, achava estranho que os boys ficassem mantendo o pau intumescido, mostrando que tem e que se brinca, e conversando naturalmente com o colega de profissão. Daí evoluiu para luta de jiu-jitsu, dois boys com sungas vermelhas, cercados por boys, muito deles continuando um suposto chama-freguês e dá lhe ver luta brincando de abre e fecha muitos paus. Levemente disgusting. A evolução segue para stripes praticando sexo e novamente a maioria dos assistentes são os do brinca-pau. Trabalho. Logo vem o concurso de quem bate uma mais rápido e os colegas de profissão ficam torcendo. Hoje, ser penetrado é uma normalidade. A maioria com mulheres e casos complicados. Muita energia e paixão rolam na 117.

Paulo Motta eu, eu Paulo Motta

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

Era domingo, FLA-FLU, apesar dos times serem formados com reservas de ambas as equipes – apenas o fluminense contava com UM titular, Thiago Neves –, o jogo teve uma grande repercussão por parte da imprensa e foi aguardado com grande expectativa pelos torcedores das duas equipes, mesmo com os dois times já classificado para as finais do campeonato.

Pronto, foi só a torcida tricolor, depois dos 2 gols até o momento – lembrando do jogo anterior em que o Thiago Neves já tinha se destacado – aumentar sua festa e começar, mesmo que um pouco acanhada, a tirar um 'sarro' da torcida rival. O jogo, ainda pela sua metade, estaria entrando no início de uma polêmica que gerou grande repercussão – não apenas na dupla fla-flu, em outros times rivais. O jogo já estava em torno de 35 minutos da etapa final quando o jovem jogador Thiago Neves, com seus 2 tentos já assinalados na partida, tabela com seu companheiro de time, passa por três marcadores – sendo que o último passando a bola entre suas pernas – e toca na saída do goleiro adversário e, na comemoração, embalado pela sua torcida, comemora o gol, virado para a torcida adversária dançando o hit do momento, *'crééééu'*. *O ritmo vem do funk e o funk, mesmo cheio de sujeitos-homens, tem seus protetores deuses afro-brasileiros e na hora da festa, na hora de incorporar, o g ê n e r o e x p l o d e.* O jogo continua, o fluminense ainda, no final do jogo, com Maurício, faz o 4° gol tricolor e, com o apito final, a metade tricolor do Maracanã – o público havia sido algo em torno de 60 mil presentes – começa a cantar: "– crééééééééééu, crééééééééééu,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

crééééééééu". E os jogadores dando créus para a torcida adversária humilhada. Créu de tricolor nos flamenguistas dançava Thiago Neves, rindo e soltando as cadeiras, e a energia do membro iluminado do jogador metia gostoso em cada flamenguista que além de cabeça inchada, foi para casa sentindo o créu inchando.

Um exemplo conhecido é o de Roberta Close, que nasceu menino mas sempre acreditou ser uma menina, tomando hormônios desde a adolescência, travestindo-se e modificando-se até passar por uma operação para mudança de sexo. Roberta tem os genes de um homem, tinha a aparência física de um homem, é heterossexual (visto que se considera uma mulher e gosta de homens) e tem a identidade de uma mulher.

Os programas esportivos discutiam se era ou não um ato de desrespeito, de provocações. No final, por parte da mídia, o Fluminense acabou saindo como o culpado da história. A Globo protege o Flamengo por ter a maior torcida. O Botafogo foi garfado recentemente contra o Flamengo. E o Souza com cara de da pesada foi absolvido apesar de suas provocações constantes. É Vasco do Eurico e Flamengo da Globo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

A coisa rolou nos outros times, principalmente no Botafogo, entraram nessa onda de usar em suas provocações, o 'créu' , Creio em Deus pai, no Espírito Santo e na Mãe Maria, que consulto amortecido por incenso e fumaça de charuto baiano, que consulto uma vez ao ano com I-Ching, vida após o moderno, a perda do pudico, a perversão como brincadeirinha de jogos de casas. Trair o gênero é acabar com o gênero?

PEDRO LAGO[85]:

Minha primeira experiência teatral foi num curso relâmpago que fiz. Em um mês pude conhecer um pouco da linguagem do palco e ainda fiz uma apresentação para o público. A peça era Ópera do Malandro, do nosso Chico. Não fiz a peça toda, apenas uma cena, onde interpretei Max Overseas. Adorei! A tensão, a garganta seca, a resposta imediata do público, a sinergia com o elenco, o chopp de depois, os cumprimentos, nossa, tudo! Então decidi continuar. Me matriculei em outro curso, só que, desta vez, semestral, onde no final, apresentaria uma peça inteira. Confesso que estava muito tranquilo até saber qual peça e qual personagem faria. A peça? Esta que intitula este texto. O personagem? Veludo, a bicha do cortiço.

Nossa! interpretar uma bicha louca logo de cara? Confesso novamente que temi, mas temi o que precisamente? Então, eis que dou de cara com o medo de todos os homens do mundo, o homosexualismo. Interpretar um gay no teatro, por mais que seja divertido (e muito) é realmente dureza, ainda mais para um iniciante como eu. Tive que descobrir a bicha que havia dentro de mim para fazê-lo. A feminilidade, a delicadeza, a voz fina e, sobretudo, o preconceito.

Quem diz que não tem preconceito com viado é mentiroso, por mais que se tenha amigos que são ou se tenha convivido com um, seja no trabalho ou em qualquer lugar, é só uma bicha te cantar pra você já querer agredir alguém. Enfim, entrei sem medo (mas com receio) no personagem. Confesso que a vergonha foi bastante complicada de superar, teatro não é bloco das piranhas, mas o mais difícil foi a minha relação comigo mesmo e com esta polêmica questão.

Aos poucos, todo o discurso liberal que sempre tive foi se tornando realidade. Sempre disse, e repito, que não tenho preconceito com bicha, apenas gosto de respeito, como todos.

Fiz vários laboratórios, desde ir comprar vinho no supermercado vestindo o figurino (maquiagem e tudo) até ir na Vila Mimosa.

Ator que é ator, precisa ter essas experiências. Lembro bem, que na ocasião do supermercado, a menina do caixa nem olhou na minha cara. Lembro, que quando fui na Vila Mimosa, vi que as pessoas que alí trabalham são gente como todo mundo (questão que é levantada na peça), que ninguém é mais que ningúem e nem tão diferentes assim. A peça foi bem, fiz meu Veludo bem, faria de novo e posso dizer que se ainda existia algum homofobiazinha dentro de mim, sumiu de vez.

Posso dizer que compreendi na pele aquela frase do Picasso: "A arte é uma mentira que nos ensina a verdade".

[85] Pedro Lago é um garotão que fez Marketing e agora se junta ao teatro e à poesia como vida. É um sujeito-homem em crise. Seria este e-mail camisinha um texto queer. Cecília Palmeiro responde.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

CECILIA PALMEIRO:
Belleza y Felicidad: ¡un quilombo en Buenos Aires!

La escena porteña, tradicionalmente caótica, introdujo a fines de los años noventa una nueva variante que inauguró un nuevo modo del arte, un escándalo, un quilombo: Belleza y Felicidad. Tres amigas, Cecilia Pavón, Fernanda Laguna[86] y Gabriela Bejerman, las figuras más relevantes de Belleza, señalaron cuáles eran las posibilidades disruptivas de mi generación, qué podíamos romper, qué bombas tirar, cómo agitar. Qué quilombo armar.
La palabra quilombo, ya propia del lunfardo, *gíria de rua* de Buenos Aires, viene del portugués brasileño, como muchas otras cosas fundamentales para los argentinos. Quilombo significa en portugués el espacio tomado, construido, ganado por esclavos fugitivos. En su primera acepción argentina, quilombo es un prostíbulo. En ambos casos designa un espacio marginal que reúne sujetos pertenecientes a minorías que, desde el margen, garantizan y cuestionan a la vez el funcionamiento de las instituciones hegemónicas: la familia burguesa, la *fazenda* y el modo de producción esclavista[87]. En su acepción moderna porteña, quilombo es un lío, un descontrol, un espacio que no respeta la norma del orden y el progreso, del buen gusto, del deber ser. Belleza y Felicidad no fue meramente una editorial ni una galería de arte: era un quilombo. Y Fernanda y Cecilia, las fundadoras, son agitadoras, quilomberas culturales. Porque tanto el espacio Belleza como ellas están en contra de las reglas de funcionamiento de la escena en la que irrumpen.
Yo las conocí en la facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires. Eran un escándalo. Al lado de ellas todos éramos unos caretas. Los profesores más interesantes las adoraban. Es extraño como el proyecto de Belleza se relaciona con la academia, y especialmente con la americana. Luego de terminar la carrera de Letras, Cecilia se ganó una beca de maestría en la Universidad de Seattle. A partir de sus viajes de investigación a Buenos Aires durante la maestría, juntó millas que le alcanzaron para dos pasajes a Salvador, Bahía. Le cambió uno de los pasajes a Fernanda por un cuadro, y las dos partieron. Allí descubrieron un modo de circulación literaria que era completamente diferente al de Buenos Aires. La literatura de cordel: se trataba de pequeños libritos folletinescos que se vendían colgados de una cuerda en negocios que mezclaban la literatura popular con otras chucherías (objetos baratos devenidos más tarde en kitsch). Esa idea de mixtura de materiales heteróclitos resultó clave para Belleza. Porque se trataba justamente de desacralizar la literatura, exponer su carácter de mercancía. Ese carácter ideológicamente negado en una circuito cultural basado en el privilegio de clase, que sostiene un modo de producción literario bancado, tanto en las grandes editoriales como en las universidades, por la explotación cuasi esclavista disfrazada bajo el manto del prestigio –el prestigio de pertenecer a la ciudad letrada. Entonces al regresar Ceci y Fer fundaron Belleza y Felicidad, primero como sello editorial para el cual la

[86] Fernanda Laguna y Cecilia Pavón fundaron Belleza y Felicidad a finales de 1999, primero como sello editor y después como galería de arte. Cecilia se desvinculó del proyecto hacia 2002 y Fernanda continuó con la galería hasta 2007. Gabriela es íntima amiga, musa y compañera del proyecto.
[87] Y luego capitalista. Los quilombos señalaban la crisis de un modo de producción, a la vez que abrían el horizonte de posibilidad de una utopía liberadora. Sin embargo, a fin de cuentas lo que señalaron fue la transformación del sistema esclavista a uno igualmente cruel: el capitalismo feroz.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

literatura no era solo una mercancía sino una cosa barata, y luego como galería de arte, donde no se trataba de nuclear artistas en un ámbito cerrado, sino de juntar personas que hacían distintas cosas y las compartían con los amigos, poniendo en duda el estatuto del arte y conceptos como calidad estética, especificidad y autonomía. Es decir, borrando los límites conservadores entre las mercancías destinadas a las élites y los objetos destinados al consumo de masas. En Belleza convivieron los textos de los autores contemporáneos más canónicos con las baratijas que las chicas compraban en el barrio de cosas baratas en Buenos Aires (el mítico barrio de Once), con bandas de punk rock, cumbia villera, objetos de artistas de la calle, o cualquier cosa que a Fer le llamara la atención.

A partir de entonces, Belleza y Felicidad se convirtió en un espacio extraño, único en Buenos Aires. Es la antítesis del modelo cultural argentino. En vez de importar los formatos de la alta cultura europea (a los argentinos nada les gusta más) en la trayectoria típica del centro a la periferia, Ceci y Fer tomaron un modelo menor de un país periférico con una vastísima tradición popular oral y un canon literario que se vuelve contra su propio elitismo. Y eso que todavía nadie en Argentina conocía bien la poesía marginal brasileña, de donde en realidad venía esta movida.

El proyecto de Belleza fue un escándalo que reconfiguró la escena literaria argentina y hasta cierto punto latinoamericana. Porque el proyecto de Belleza no se agota en ese local, cerrado desde diciembre de 2007. Fernanda participó también de la editorial Eloísa Cartonera, un plan de acción que se erige contra el modo de producción capitalista de la literatura. Los libros son fabricados artesanalmente por los editores (especialmente por el editor y fundador Wáshington Cucurto) y los compañeros cartoneros, a quienes se les compra el cartón a 5 veces su precio en el mercado y que participan del diseño de tapas artesanal, así como de la venta de los libros y originariamente de las verduras en el local “No hay cuchillo sin rosas”, librería-editorial-verdulería de barrio. Eloísa publica los autores jóvenes más rupturistas y escandalosos así como los más consagrados como Ricardo Piglia, César Aira, Fogwill o Haroldo de Campos. Y, quizás lo más interesante, abre la puerta un circuito de traducciones, robos, y contrabandos más que fructíferos entre Argentina y Brasil. Esta serie de cortocircuitos y afectividades genera una antiestética de lo trash marcada por un pensamiento queer. Porque justamente lo queer apunta a la articulación entre desigualdad y diferencia, se trata de romper el círculo infame (y sobre todo aburrido) de la alta cultura y dedicarse a las líneas de fuga, a la exploración de lo trash. A las *Cosas de Negros*. A la cumbia, el travestismo, el descontrol. En esta zona liberada conocí a Guilherme Zarvos y al CEP 20.000, sus impulsos dionisíacos y libertarios, su hacer arte con la vida, siguiendo la consigna de la poesía marginal. Ahora somos una red internacional de quilombo y de confusión. Una asociación ilícita. *Ninguém agüenta já a normalidade*, me dijo Guilherme una noche, *trata-se de trabalhar desde a anormalidade.*

Creo que no se puede hablar de un grupo homogéneo, pero sí de una política en común: la de destruir todas las jerarquías a su paso empezando por las de clase y de género, en una actitud queer que exalta el valor crítico de la diferencia.

“La belleza es la felicidad
Cuando está enojada” dice Fernanda

¿Contra quién o contra qué está enojada la belleza? Contra la cultura, contra la alta cultura que es un mundo falocéntrico y aburrido. Y entonces la belleza inocente y cínica a la vez, le hace cosquillas. Se burla, juega con ella hasta revertirla. El lenguaje se vuelve otro, una fiesta, una orgía. Donde todo puede

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA

pasar, el amor y la muerte, pero sobre todo la liberación, como observa Washington Cucurto. Liberación de los límites del lenguaje, del buen gusto, del canon literario, de la subjetividad. Y entonces la disolución. Y ese es el riesgo de la literatura en general, y de esta poética en común en particular: la disolución que es el objetivo de la felicidad siempre postergada, sueño incumplido de la humanidad, oscuro y contradictorio proyecto de la modernidad occidental. La disolución de lo humano en la naturaleza, primera o segunda, del sujeto en el objeto. La felicidad entonces es el universo corporal, erótico y perverso, que escapa de la norma del sujeto moderno. Es la lógica de este exceso la que produce la fuerza motora de la escritura: la contingencia, la casualidad y la espontaneidad. Porque el exceso no responde a una economía racional: todo está ahí porque sí. Porque es divertido, porque los límites están para ser destruidos, y porque la transgresión es la norma de la literatura moderna. Y las chicas lo saben. Siempre la literatura tiene que ir en contra de su propia tradición para considerarse literatura, y porque el arte desde los años 20 es de vanguardia. Pero la literatura argentina es seria, muchas veces comprometida. Desde el siglo XIX lucha por su autonomía y por no depender de la política (al mismo tiempo sólo puede pensar su función en términos políticos, y está bien que así sea). Pero por eso es solemne, porque, salvo raras excepciones, es consciente de su responsabilidad. La literatura argentina se hizo cargo de la tarea de construcción de una nación, de una lengua y de una tradición. Sabemos que las mujeres nunca somos invitadas a esos quehaceres. Mucho menos las poetas jóvenes. Ahora, en el siglo XXI, no se trata de construir instituciones, sino de destruirlas. Y la destrucción de instituciones es ocasión de fiesta. Esa es la felicidad enojada: la belleza de un mundo en pedazos que se construye nueva y efímeramente en cada texto, en cada evento y en cada performance.

Las chicas solo quieren divertirse: decía Cindy Lauper en los 80, cuando nosotras éramos niñas. Ese es el lema que marcó nuestra generación, y se vuelve un lema político y literario. La propia vida se convierte en una performance, como vemos en la revista o diario de amigas *ceci y fer, poeta y revolucionaria*. Allí Ceci dice: el futuro es mujer.

Girls just wanna have fun. Creo que Guilherme piensa como nosotras.

Viva, Seu Samí e Sherazade!

BRANCO SOBRE BRANCO = UMA POSSÍVEL ROTA.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410451/CA